

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**LUANA SUEMI KITAYAMA ROCHA**

**As mãos podem fantasiar: um olhar da Psicologia Analítica sobre o  
impacto do conto “A Moça Tecelã” em mulheres bordadeiras na metanoia**

**São Paulo**

**2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**LUANA SUEMI KITAYAMA ROCHA**

**As mãos podem fantasiar: um olhar da Psicologia Analítica sobre o  
impacto do conto “A Moça Tecelã” em mulheres bordadeiras na metanoia**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Paula Guimarães.

**São Paulo**

**2023**

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que se encontram na passagem do meio, em especial, à minha mãe que me ensinou a encontrar afeto em todas as pessoas, transmitiu-me o fazer pelas mãos e plantou em mim a semente da força e coragem para o florescer de uma mulher independente. Obrigada por tudo.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Célia e Júlio, por todo amor e respeito na minha criação, permitindo-me sonhar e possibilitando a realização destes sonhos. Obrigada por sempre reconhecerem e apoiarem minhas escolhas. Carrego um pouco de vocês em tudo o que eu faço.

À minha irmã, “Tata”, que me acompanha desde sempre, preocupando-se e cuidando de mim como uma boa irmã mais velha faz. Obrigada por ser um exemplo de mulher e a me encorajar quando eu preciso.

Ao meu irmão, Kim, que me traz sentimento de casa sempre que está por perto, uma das melhores companhias para conversar e dar risada. Sempre tenho saudades de você.

Ao meu amor e melhor amigo, Tiago, por todo o carinho, acolhimento, companheirismo e compreensão em momentos difíceis. Você me ensina todos os dias o que é amar.

Às minhas amigas da PUC que se tornaram amigas da vida, tornando esses 5 anos memoráveis. Em especial, às minhas “Amigas Junguianas”, Camila, Hannah, Marina e Roberta, mulheres fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, sendo luz nos momentos que precisei e transformando os momentos de dificuldade em acolhimento e aconchego.

Às mulheres participantes da pesquisa, por terem gentilmente me recebido e compartilhado seus sentimentos e pensamentos sobre a vida. Passei a admirá-las ainda mais após conhecer parte de suas histórias.

Aos professores da graduação, pelas trocas em salas de aula e conversas que transformaram meu olhar sobre a vida, em especial, à professora Marisa Catta-Preta que, através da monitoria, permitiu-me maior contato com a Psicologia Analítica, dando ainda mais sentido para o encontro que tive com essa abordagem. Agradeço por ter aceitado ser a parecerista deste trabalho.

Por fim, à minha querida orientadora, professora Paula Guimarães, pelo acolhimento e ensinamentos presentes em todos os encontros. Obrigada por todas as correções de vírgulas e referências, mas principalmente por ter tornado o processo do TCC o mais leve e envolvente possível. É um prazer aprender com você.

## **O Que Eu Não Conheço**

Eu queria que a mão do amor  
Um dia traçasse  
Os fios do nosso destino  
Bordadeira fazendo tricô...  
Em cada ponto que desse  
Amarrasse a dor  
Como quem faz um crochê  
Uma renda, um filó  
Conhece as pontas do nosso  
querer  
E desse um nó...  
O mais importante do bordado  
É o avesso  
É o avesso...  
O mais importante em mim  
É o que eu não conheço  
O que eu não conheço...  
O que de mim aparece  
É o que dentro de mim Deus tece  
Quando te espero chegar eu me  
enfeito  
Eu me enfeito  
Jogo perfume no ar  
Enfeito meu pensamento  
Às vezes quando te encontro  
Eu mesma não me conheço  
Descubro novos limites  
Eu perco o endereço  
É o segredo do ponto  
O rendado do tempo  
É como me foi passado  
o ensinamento.

(Maria Bethania)

Luana Suemi Kitayama Rocha. **As mãos podem fantasiar**: um olhar da Psicologia Analítica sobre o impacto do conto “A Moça Tecelã” em mulheres bordadeiras na metanoia. São Paulo, 2023. Orientadora: Profa. Dra. Paula Pinheiro Varela Guimarães.

## RESUMO

A atitude de bordar pode ser um meio de acessar conteúdos inconscientes, ao promover a emergência de símbolos, mediante os quais as realidades externa e interna podem ser integradas e, então, ressignificadas. Este trabalho busca compreender vivências de mulheres na meia-idade, no transcorrer do processo da metanoia, através da técnica do bordado e do conto "A moça tecelã", de Marina Colasanti ([1982] 2004). Elaborou-se revisão bibliográfica sobre a dinâmica psíquica, à luz da Psicologia Analítica, bem contextualização teórica acerca do conto escolhido, da arte como recurso terapêutico e do bordado como ferramenta expressiva. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método dividiu-se em três momentos: o primeiro dedicado à leitura do conto e a realização do bordado; o segundo em que foi realizado novo encontro com o grupo para o retorno dos bordados finalizados para a pesquisadora; e o terceiro em foram conduzidas entrevistas *online* individuais semi-dirigidas, que possibilitaram a exposição de reflexões acerca do conto lido e da peça bordada. Em sequência, foi realizada análise das entrevistas e dos bordados, baseada no método do processamento simbólico arquetípico, identificando o potencial simbólico das imagens emergentes. Constatou-se que, através da atividade manual e da discussão posterior realizada nas entrevistas sobre o conto e o bordado, as três participantes expressaram conteúdos relacionados à integração de polaridades consciente e inconsciente, lembraram momentos importantes de suas vidas e puderam refletir sobre o que foi bordado, identificando aspectos de si mesmas nos desenhos. Por fim, identificaram-se relatos e símbolos emergentes nos bordados que aludiam ao processo da metanoia, vivenciado pelas participantes.

**Palavras-Chave:** mulheres; metanoia, bordado; Psicologia Analítica; símbolo.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Foto do bordado realizado por J.....	45
<b>Figura 2</b> - Foto do bordado realizado por O. ....	55
<b>Figura 3</b> - Foto do bordado realizado por P. ....	63

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1</b>	<b>A dinâmica psíquica sob referencial teórico da Psicologia Analítica .....</b>	<b>10</b>
1.1.1	Consciência, Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo .....	10
1.1.2	Símbolo.....	15
1.1.3	Projeção .....	17
1.1.4	Processo de Individuação.....	18
1.1.5	As Etapas da Vida .....	19
1.1.6	Metanoia .....	21
<b>2</b>	<b>Contextualização teórica .....</b>	<b>24</b>
2.1	A moça tecelã.....	24
2.2	A arte como recurso terapêutico .....	26
2.3	Bordado como forma de expressão .....	29
<b>3</b>	<b>Objetivo.....</b>	<b>32</b>
3.1	Objetivo Geral.....	32
3.2	Objetivos Específicos .....	32
<b>4</b>	<b>Método .....</b>	<b>33</b>
4.1	Participantes.....	34
4.2	Instrumentos.....	34
4.3	Materiais .....	35
4.4	Local de coleta de dados .....	35
4.5	Procedimentos .....	35
4.6	Procedimentos de análise .....	36
4.7	Cuidados éticos.....	36
<b>5</b>	<b>Resultados e Análise .....</b>	<b>38</b>
5.1	Descrição da Roda de Bordado.....	38
5.2	Análise da entrevista 01.....	40
5.3	Análise da entrevista 02.....	50
5.4	Análise da entrevista 03.....	59
<b>6</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>69</b>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apêndice A - Roteiro de Entrevista

Apêndice B - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Apêndice C - Transcrição das Entrevistas

Entrevista 01

Entrevista 02

Entrevista 03

## 1 Introdução

A presente pesquisa busca compreender como o conto "A moça tecelã", de Marina Colasanti ([1982] 2004), ressoa em mulheres a partir dos 50 anos, utilizando a técnica do bordado, sob o referencial teórico da Psicologia Analítica. Segundo Costa (2018), a atitude de bordar, através da qual é possível expressar fantasias inconscientes, pode ser compreendida como um caminho que contribui com o processo de individuação, uma vez que possibilita a ampliação da consciência, pois a dimensão simbólica desse trabalho manual promove o surgimento de símbolos para aquele(a) que o executa, sendo um movimento que se inicia com o desenho do tecido até a peça bordada finalizada.

Jung ([1916] 2000) justifica o emprego das artes como meio de acesso a conteúdos inconscientes, ao discorrer:

Por isto, eu aproveitava uma imagem onírica ou uma associação do paciente para lhe dar como tarefa elaborar ou desenvolver estas imagens, deixando a fantasia trabalhar livremente. De conformidade com o gosto ou os dotes pessoais, cada um poderia fazê-lo de forma dramática, dialética, visual, acústica, ou em forma de dança, de pintura, de desenho ou de modelagem. O resultado desta técnica era toda uma série de produções artísticas complicadas cuja multiplicidade me deixou confuso durante anos, até que eu estivesse em condição de reconhecer que este método era a manifestação espontânea de um processo em si desconhecido, sustentado unicamente pela habilidade técnica do paciente, e ao qual, mais tarde, dei o nome de "processo de individuação". (Ibidem, § 400)

O autor afirma que, através das produções artísticas, é possível expressar formas de afetos que ainda não foram conscientizadas, tendo como resultado uma imagem influenciada pela consciência e pelo inconsciente, assim, é possível compreender a produção também através de seus significados e sentidos inconscientes. Conforme Jung e Wilhelm ([1971] 2013), os desenhos e pinturas são modos de entrar em contato com a fantasia, uma vez que quando algum conteúdo está inconsciente de modo arraigado, "[...] somente as mãos conseguem fantasiar" (p. 36).

Em relação ao tema, o interesse da pesquisadora surgiu do contato com a arte de bordar através de gerações anteriores de sua família, tornando-se, desde então, uma prática com significado simbólico e afetivo. Ao investigar o sentido deste fazer manual por mulheres de meia-idade, também buscou resgatar os múltiplos sentidos a que essa prática pode atender, uma vez que o bordado permite um olhar para dentro de forma espontânea; um pedaço de pano ganha sentido, ao passo que possibilita a transformação interna da bordadeira enquanto cria seu

bordado (COSTA, 2018). Já a escolha de mulheres com idades a partir de 50 anos tem como justificativa o contato da pesquisadora com a maternidade tardia, uma vez que sua mãe lhe teve com 42 anos. A convivência diária e próxima com alguém adentrando a meia-idade sensibilizou-a a essa delicada transição para o envelhecimento.

A escolha metodológica para o desenvolvimento deste trabalho foi a da dinâmica grupal, através de uma roda de bordado, dado que oferece espaço de encontro, favorecendo diálogos e trocas entre as participantes. Acredita-se que o bordar, após o conto narrado e o compartilhamento dos fazeres, é possibilitador de vínculos favoráveis à construção de um ambiente que proporciona a reflexão.

Os conceitos de inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, consciência, processo de individuação, símbolo, projeção, etapas da vida e metanoia, assim como o conto escolhido, a arte como recurso terapêutico e o bordado como forma de expressão foram abordados nos capítulos teóricos, com o intuito de relacioná-los com as experiências que cada participante vivenciou ao ouvir a história e, depois, bordar. Em sequência, foram expostos o objetivo e o método e, então, no capítulo destinado à análise de resultados, buscou-se analisar os significados simbólicos registrados no material produzido, a fim de possibilitar a aproximação do olhar de mulheres com cinquenta anos ou mais, compreendendo o papel do fazer manual como meio de expressão de conteúdos inconscientes. Posteriormente, tal análise culminou na conclusão apresentada.

## **1.1 A dinâmica psíquica sob referencial teórico da Psicologia Analítica**

### **1.1.1 Consciência, Inconsciente Pessoal e Inconsciente Coletivo**

A teoria criada por Jung assume que o tema central da psicologia deve ser a própria psique, visto que é, ao mesmo tempo, objeto e agente de seu estudo, ou seja, a psique do pesquisador e profissional busca compreender justamente o dinamismo psíquico. Segundo o autor, a psicologia como ciência relaciona-se, em primeiro plano, com a consciência e, depois, trata da psique inconsciente, já que esta não pode ser diretamente explorada, ou seja, o inconsciente manifesta-se de forma simbólica e depende do ego apreender e elaborar tais conteúdos, de forma a integrá-los à consciência (JUNG, [1957] 2011). Nesse sentido, a dinâmica psíquica, para Jung ([1961] 1987), está em constante atividade e é composta por fragmentos conscientes e conteúdos inconscientes, sendo que o diálogo entre estes âmbitos é promovido ao longo do processo de individuação.

A consciência é a camada mais superficial do aparelho psíquico, caracterizando-se como um campo restrito de visão momentânea, apreendendo, assim, poucos dados simultâneos. Para Jung ([1957] 2011), a consciência é responsável pela percepção e orientação no mundo, sendo um fenômeno observável ao qual é possível ter acesso direto e representante de tudo aquilo é sabido sobre si mesmo. Dessa forma, a consciência funciona como portal para o inconsciente e o meio de contato com o ambiente externo, tendo como núcleo o ego, instância que diz respeito a como cada indivíduo define-se como personalidade, logo, alude à identidade, abrangendo o que é considerado como sendo eu ou meu. Ademais, o ego é um complexo de fatores psíquicos, tendo sua origem a partir da percepção geral de corpo e psique em uma relação fusional na infância e, posteriormente, desenvolvendo-se através de colisões entre mundo exterior e mundo interior, bem como entre os âmbitos consciente e inconsciente. Ainda, o ego permite, ao indivíduo, um sentido de continuidade, identidade e coesão psíquicas (PENNA, 2009).

Whitmont ([1969] 2010) discorre:

Todos nós partimos de um estado de identidade mais ou menos completa com a psique objetiva; esse é o estado do recém-nascido. À medida que nos desenvolvemos, o ego gradualmente se separa e emerge dessa identidade com os impulsos originais não estruturados. Na verdade, o que costuma ser chamado de desenvolvimento do ego é a separação entre um centro do consciente e o mundo dos impulsos. (p. 53)

Ao longo do processo de desenvolvimento, o ego diferencia-se do Self, conceito elaborado por Jung ([1957] 2011) para se referir à totalidade e centro regulador da psique, assim, funciona como seu organizador e compreende tanto a consciência quanto o inconsciente, de modo a ser responsável pela função autorreguladora da psique. A relação ego-Self é baseada na adaptação do ego à realidade, seja ela externa ou interna, portanto, ocorre ao longo de toda a vida (HOLLIS, 1995).

Nesse sentido, Pandini (2014) afirma que para haver desenvolvimento psíquico e de personalidade, o ego precisa separar-se e diferenciar-se do Self, na medida em que foca seu interesse no mundo externo, o que lhe possibilita atuar no meio social e cultural, assim, ao se pautar pelo âmbito da consciência e voltar-se para o outro, desenvolve características de personalidade. Entretanto, no transcorrer das experiências e vivências do indivíduo, tanto internas como externas, o ego constitui-se gradativamente, sendo estimulado pelo Self a se adaptar à realidade externa e à dinâmica psíquica interna, de modo a constituir paulatinamente sua individualidade (STEIN, [1998] 2006). A partir do desenvolvimento do ego e da integração

de novos elementos e perspectivas, a consciência é ampliada, o que contribui com os movimentos de transformação e construção da individualidade (PENNA, 2009).

Na primeira metade da vida, o ego está predominantemente voltado à relação com o mundo externo, visto que orienta-se à adaptação à cultura em que está inserido, desenvolvendo uma persona (JACOBI, [1940] 2013).

Nossas personas representam os papéis que desempenhamos no palco do mundo; são as máscaras que carregamos durante todo esse jogo de viver na realidade exterior. A persona, como uma imagem representacional do arquétipo da adaptação, aparece em sonhos nas imagens de roupas, uniformes e máscaras. (...) Temos de aprender a nos adaptar às exigências culturais e coletivas em conformidade com nosso papel na sociedade - com nossa ocupação ou profissão e posição social - e ainda ser nós mesmos. Precisamos desenvolver tanto uma máscara de persona como um ego adequados. (WHITMONT, [1969] 2010, p. 140)

Inspirado no teatro da Grécia Antiga, Jung ([1928] 2015) denomina persona a capacidade do indivíduo de viver papéis diferentes conforme a necessidade de adaptação a cada situação social. A persona é a instância psíquica arquetípica responsável pela adaptação da pessoa aos ambientes, tendo, assim, função adaptativa e correspondente aos papéis desempenhados na vida social, portanto, é fundamental para a vida em sociedade. A relação entre ego e persona é marcada por conflitos, uma vez que o ego tem liberdade parcial sobre a persona desenvolvida.

A persona, portanto, carrega aspectos da cultura e sociedade, mas também da consciência e do inconsciente, visto que, além de sua constituição provir de um potencial arquetípico, é imbuída de elementos do inconsciente pessoal. É na interação entre consciência, inconsciente e mundo externo que se formam e são desempenhados os diversos papéis, ou seja, construída uma persona com diversas facetas. Além disso, o fato da existência ser coletiva possibilita o desenvolvimento da persona ao longo das interações sociais, podendo ser considerada o canal de expressão do ego em relação ao mundo externo.

Apesar da importância da relação indivíduo-sociedade, Jung ([1928] 2015) destaca que a natureza da persona não é somente coletiva, mas reflete algo individual e essencial da pessoa, ou seja, sua composição não abrange somente aspectos provenientes da sociedade e cultura. Para o autor, há uma parcela de individualidade na escolha da persona, ainda que haja elementos inconscientes em suas expressões, acompanhando o desenvolvimento psicológico de cada indivíduo. Diante desse funcionamento, a persona saudável adapta-se de acordo com a situação vivida, pois não se é o mesmo o tempo todo, ou seja, o indivíduo porta-se de formas

diferentes, correspondendo ao contexto em que está inserido e assumindo, assim, diversos papéis ao longo da vida (WHITMONT, [1969] 2010).

O desenvolvimento da persona, portanto, é essencial para o processo de individuação, sendo fundamental, porém, que haja uma diferenciação entre ego e persona, uma vez que quando o primeiro identifica-se exclusivamente com a segunda, o indivíduo passa a ter uma persona cristalizada e enrijecida, o que dificulta o desenvolvimento de outras facetas de si.

Temos de descobrir que usamos nossas vestimentas representacionais para proteção e aparência, mas que também podemos nos trocar e vestir algo mais confortável quando é apropriado, e que podemos ficar nus em outros momentos. Se as nossas vestes grudam em nós ou parecem substituir a nossa pele é bem provável que nos tornemos doentes. (Ibidem, p. 140)

Durante o processo de desenvolvimento da personalidade, cabe a cada indivíduo integrar aspectos do inconsciente à consciência, através da experiência simbólica, expressão que permite o contato do ego com conteúdos desconhecidos (JUNG, [1961] 1987). Ao escrever sobre o inconsciente pessoal, Jung ([1957] 2011) caracteriza-o como tudo aquilo que não é percebido ou é reprimido pelo ego, sendo fonte das forças instintivas, emoções e reminiscências de vivências, materiais estes que poderão ou não se tornarem conscientes, dependendo de sua intensidade para ultrapassarem o limiar que divide a consciência e o inconsciente, bem como da disponibilidade egóica para entrar em contato com tais elementos inconscientes.

O campo do inconsciente pessoal é descrito por Jung ([1916] 2014) como a camada mais superficial do inconsciente, formada por conteúdos derivados da vida do indivíduo, ou seja, tem seu início após o nascimento e envolve lembranças perdidas, percepções que não tiveram energia suficiente para ocuparem a consciência e vivências reprimidas com forte carga afetiva, mas não compatíveis com a atitude da consciência, dando origem a mecanismos de defesa e projeções. Ao âmbito em que residem os conteúdos reprimidos, Jung ([1916] 2014) nomeou sombra, a qual é originalmente uma potência arquetípica.

Whitmont ([1969] 2010) caracteriza a sombra como constituída por traços e atitudes rejeitados pelo ego, pelas qualidades desagradáveis de si que o sujeito não aceita, sendo, portanto, reprimidas. Segundo o autor, a sombra surge com características opostas às da persona e do ego, ou seja, se o indivíduo identificar-se com qualidades socialmente negativas, sua sombra carregará conteúdos considerados positivos pela sociedade. Como mencionado, a sombra faz parte do inconsciente pessoal, logo, não é vivenciada diretamente pelo ego, manifestando-se no campo da consciência, por exemplo, através de projeções (SILVEIRA,

1981). Na projeção da sombra, o indivíduo atribui, a outras pessoas, os elementos que não são reconhecidos como partes de si pelo ego, tornando confuso diferenciar o que é conteúdo projetivo e o que realmente pertence ao outro.

Jung ([1928] 2015), entretanto, considera que o inconsciente pessoal não representa toda a dinâmica psíquica desconhecida, concluindo que a psique—abarcaria também o inconsciente coletivo:

Mesmo considerando que, sob um determinado ponto de vista, as tendências infantis do inconsciente são preponderantes, seria incorreto definir ou avaliar o inconsciente somente nestes termos. O inconsciente possui, além deste, outro aspecto, incluindo não apenas conteúdos reprimidos, mas todo o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência. É impossível explicar pelo princípio da repressão a natureza subliminal de todo este material; caso contrário, a remoção das repressões proporcionaria ao indivíduo uma memória fenomenal, à qual nada escaparia. (§ 202)

Jung ([1916] 2014) concebe o inconsciente coletivo como o âmbito inicial da psique do qual a condição consciente brotaria, diferenciando-o, assim, do inconsciente pessoal. Essa camada da psique é caracterizada pelo autor como universal, cuja origem é inata, sendo permeada pelos arquétipos, potências universais de experiências humanas, ou seja, o inconsciente coletivo constitui-se mediante inúmeros enredos da existência da humanidade, constantemente revividos ao longo da história. De acordo com Jung ([1964] 2016), as expressões arquetípicas têm profundidade e autonomia, invadindo a consciência através de sonhos, devaneios, fantasias, criações artísticas etc.. Von Franz ([1980] 2022) salienta a importância de diferenciar o arquétipo e a imagem arquetípica, dado que o arquétipo sempre será incognoscível e inacessível, no entanto, dá origem a imagens arquetípicas, representações do arquétipo acessíveis à consciência, ou seja, é através dessas imagens que o indivíduo pode se relacionar com os conteúdos provenientes do inconsciente coletivo.

Tal como mencionado, o inconsciente, para a Psicologia Analítica, é inesgotável, visto que existem tantos arquétipos quantas forem as experiências humanas em diversas culturas (JUNG, [1959] 2014), portanto, é impossível integrar todos os conteúdos desconhecidos à consciência. Jung ([1966] 2011) também caracteriza essa instância como criativa, aspecto considerado instintivo, então, ao descrever sobre a importância da arte, o autor compreende a criatividade como uma atitude autônoma, parcialmente alheia ao domínio da consciência, logo, trata-se de essência viva no sujeito.

Em *O homem e seus símbolos*, Jung ([1964] 2016) descreve o caráter criativo do inconsciente:

A descoberta de que o inconsciente não é apenas um simples depósito do passado, mas que está também cheio de germes de idéias e de situações psíquicas futuras (...). Mas o fato é que, além de memórias de um passado consciente longínquo, também pensamentos inteiramente novos e ideias criadoras podem surgir do inconsciente - ideias e pensamentos que nunca foram conscientes. (p. 41)

Por fim, ao relacionar os âmbitos inconsciente e consciente, o autor concebe que o primeiro atua e influencia o segundo, podendo impor-se, além de agir mediante a função compensatória, de forma individual e criativa. Von Franz ([1988] 1996) concebe esta função como um mecanismo da psique que atua no sentido de um equilíbrio intrapsíquico, em que a unilateralidade da consciência egóica é compensada pela emergência de conteúdos inconscientes. Jacobi ([1940] 2013) afirma que esse movimento de reorganização é regido pelo Self através de símbolos, sendo inato à psique e atuando no sentido do processo de individuação. Ademais, consciente e inconsciente também se relacionam à medida que o ego integra conteúdos do segundo ao primeiro, ação possibilitada através da produção de símbolos, os quais, por sua vez, funcionam como pontes entre o inconsciente e a consciência (JUNG, [1964] 2016).

### **1.1.2 Símbolo**

Jung ([1964] 2016) denominou símbolo o produto de um conflito entre elementos da consciência e seus opostos inconscientes, o qual possui significados para além do evidente e racional, uma vez que carrega conteúdos desconhecidos, surgindo como um terceiro elemento, que busca a integração das partes em conflito. Nesse sentido, o símbolo emerge através da função transcendente, sendo uma consequência da função compensatória, que busca equilibrar os opostos presentes na psique. Considerando essa dinâmica, o símbolo tem potência transformadora para a psique, uma vez que permite o acesso de elementos inconscientes pelo ego, possibilitando, assim, a integração desses conteúdos mediante elaboração simbólica, o que aproxima o indivíduo da totalidade psíquica, caminhando no processo de individuação.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto "inconsciente" mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, [1964] 2016, p.19)

Considerando seu aspecto inconsciente, o símbolo, usualmente, não pode ser definido ou explicado com total precisão, com multifacetadas representações e significados. As formas de expressão dos símbolos envolvem fenômenos individuais, como sonhos, experiências e fantasias, bem como coletivos, ou seja, mitos, contos de fada, obras de arte etc., podendo ser qualquer evento que mobilize a atenção individual ou coletiva (PENNA, 2009). Sendo assim, o símbolo só é passível de ser assimilado através de sua elaboração pelo ego, buscando desvelar o que o símbolo representa. Jung ([1964] 2016) relata que, ao entrar em contato com o símbolo, o indivíduo pode elaborá-lo, entrando em contato com uma polaridade da psique oposta daquela consciente e com elementos arquetípicos, ou seja, a expressão simbólica envolve tanto o inconsciente como a consciência. Nesse sentido, a elaboração simbólica ocorre mediante o reconhecimento do ego de conteúdos presentes no símbolo e sua integração à consciência, criando uma relação entre as polaridades.

Segundo Jung ([1921] 2011), “[...] o símbolo é o caminho intermediário, em que se unem os opostos em vista de um movimento novo, uma corrente de água que, logo após uma longa seca, faz brotar fertilidade” (§ 492).

Em relação ao papel do ego na elaboração simbólica, Jung ([1916] 2000) utilizava a amplificação simbólica como método para aprofundar os sentidos do símbolo emergentes em sonhos, fantasias, produções artísticas etc.. Para isso, utilizava associações com mitos, contos ou outros conteúdos culturais de forma a ampliar o material expresso pelo símbolo (JACOBI, [1957] 2016).

Ao discorrer sobre os mitos, Jung ([1958] 2011) concebe-os como integrantes do ser e das sociedades, apresentando-se como expressões simbólicas presentes em todas as épocas e culturas ao longo da história, ou seja, os mitos são expressões da psique coletiva que se formam e comunicam através de linguagem simbólica, assim, detêm aspectos arquetípicos.

A esse respeito, é possível compreender que os mitos, devido ao seu caráter simbólico, apresentam-se como uma ponte entre a consciência e o inconsciente (JUNG, [1957] 2011). Assim, considera-se o potencial do uso de mitos e contos, no contexto psicoterapêutico, uma vez que podem auxiliar o indivíduo a aprofundar e elaborar aspectos inconscientes, pois ao entrar em contato com essas narrativas, não são só aspectos da consciência estão presentes, mas também a projeção de conteúdos inconscientes, criando uma correspondência entre a história lida ou ouvida e a psique de quem a acessa.

### 1.1.3 Projeção

O conceito de projeção teve sua origem com Freud ([1891] 2014) na obra *A Concepção das Afasias*, referindo-se a uma defesa do eu em que há a exteriorização de conteúdos pessoais inconscientes reprimidos. No início de sua obra, Jung ([1916] 2000) concorda com essa descrição, porém, após o desenvolvimento de conceitos como arquétipos e complexos, o autor amplia-a, passando a considerar a projeção para além de um mecanismo de defesa, uma vez que, através dela, é possível que o indivíduo identifique aquilo que diz respeito ao seu mundo interno inconsciente, mas que é conferido ao outro, ou seja, denota a necessidade de integração de dado conteúdo à consciência. Considerando esse funcionamento, a partir das projeções, criam-se oportunidades para o ego integrar elementos inconscientes da psique, atribuídos a outros objetos e pessoas, ao âmbito consciente (HOPCKE, [1999] 2012).

Jung ([1959] 2014), então, caracteriza a projeção como um mecanismo inconsciente, do qual o indivíduo não tem controle, em que transfere um conteúdo inconsciente a outro objeto, considerando esse aspecto como pertencendo apenas a esse outro, quando, na realidade, faz parte do próprio indivíduo. Ao projetar conteúdos inconscientes no outro, sejam eles de ordem pessoal, como os elementos da sombra, sejam de caráter coletivo, como imagens arquetípicas, o indivíduo deixa de entrar em contato com a alteridade da pessoa para se relacionar com partes de si desconhecidas transferidas ao outro.

Whitmont ([1969] 2010), entretanto, afirma que a projeção é o primeiro estágio de consciência que um conteúdo inconsciente adquire, sendo, então, um fenômeno que pode trazer à consciência o que é desconhecido.

Poderíamos descrever uma projeção como uma visão ou imagem interior, evocada por elementos externos que correspondem ao campo energético de um complexo, e é, por enquanto, vivenciável apenas em termos desses elementos extremos. (Ibidem, p. 54-55)

Considerando que o inconsciente é inesgotável, as projeções dotadas de características pessoais e arquetípicas vão estar constantemente presentes na relação indivíduo-mundo, uma vez que o inconsciente é naturalmente projetado no outro. Na medida em que o ego reconhece a projeção, é possível diferenciá-la dos atributos reais do objeto, criando uma relação mais genuína e autêntica do indivíduo com o ambiente à sua volta (JUNG, [1916] 2000). Os conteúdos projetados são passíveis de serem integrados à personalidade consciente, ao menos em parte, por meio da assimilação desses elementos inconscientes à consciência e, para isso, é necessário um ego diferenciado e flexível, caso contrário, não estará suficientemente

estabelecido para compreender e processar os conteúdos inconscientes e suas projeções, que podem invadir a consciência e deixar o indivíduo sujeito a emoções intensas e descontroladas (JACOBI, [1940] 2013)

Nesse sentido, é importante que o sujeito reconheça os próprios conteúdos, em busca de sua integração, a fim de diferenciar aspectos de sua individualidade e da realidade coletiva, o que possibilitará a diminuição das polaridades entre consciência e inconsciente, promovendo o desenvolvimento da psique, ou seja, o processo de individuação (JACOBY, 2011). Dessa forma, o trabalho artesanal pode ser utilizado em contexto psicoterapêutico como meio de projeção e posterior identificação de conteúdos inconscientes mediante elaboração simbólica do material criado.

#### **1.1.4 Processo de Individuação**

Ao longo do desenvolvimento psíquico, Jung ([1921] 2011) constatou uma tendência inconsciente à conscientização gradual da totalidade psíquica, movimento denominado processo de individuação, de modo a ser considerado uma potência de todo ser humano. De acordo com o autor, o processo de individuação tem como meta tornar-se um ser único e singular, ou seja, baseia-se em tornar-se si mesmo, ampliando, assim, o desenvolvimento da personalidade e da consciência a partir de uma relação dialética com trocas constantes entre a consciência e o inconsciente, bem como entre a psique e o meio externo (JUNG [1916] 2014).

Em Tipos Psicológicos, Jung ([1921] 2011) define:

O conceito de individuação desempenha papel não pequeno em nossa psicologia. A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. (§ 825)

Nesse sentido, o indivíduo aproxima-se gradualmente de conteúdos e funções do inconsciente, de forma a integrá-los à consciência, compreendendo a influência que o inconsciente exerce sobre o ego, o qual não possui controle absoluto da totalidade psíquica. Segundo Jung ([1961] 1987), o desenvolvimento da personalidade envolve também o indivíduo traçar seu caminho mediante os potenciais simbólicos, relacionando-se com o Self, uma vez que é o símbolo que possibilita o acesso ao inconsciente, assim como o desenvolvimento

criativo da personalidade. O processo de individuação, portanto, é movido pelo processamento simbólico que intenta realizar um encontro entre os opostos consciente-inconsciente.

Jung ([1916] 2000) denomina a capacidade da psique de formar símbolos de função transcendente, responsável por "[...] criar uma passagem de um lado para o outro" (JACOBI, [1957] 2016, p. 91) no diálogo entre ego e inconsciente. Nessa relação, os opostos são confrontados, surgindo uma tensão, o que origina um terceiro elemento – o símbolo -, por meio da função transcendente, a qual permite a criação de uma atitude menos unilateral da psique, ou seja, mais equilibrada. É, portanto, uma função com aspecto de autorregulação psíquica, que conecta aspectos conscientes e inconscientes através dos símbolos, os quais podem ser encontrados através de imagens, fantasias, sonhos, produções artísticas, dentre outros.

Conforme Jung ([1959] 2014), a psique tem função autorreguladora, promovendo movimentos que tendem ao equilíbrio, através do mecanismo de compensação entre inconsciente e consciência. Essa função está presente ao longo de toda a vida, tendo como centro regulador o Self, de forma a possibilitar um funcionamento adaptativo aos meios interno e externo. Nesse sentido, o processo de individuação, através da autorregulação, visa ao equilíbrio dos opostos na psique, uma vez que busca integrá-los de modo a diminuir suas polarizações, tornando, assim, o indivíduo menos unilateral. Em *A natureza da psique*, Jung ([1916] 2000) afirma que ao integrar conteúdos em oposição, o ser humano está mais próximo de tornar quem ele de fato é, ampliando a consciência e se aproximando da totalidade.

Considerando que se faz necessária a elaboração simbólica pelo ego para a integração de conteúdos inconscientes à consciência, o trabalho manual pode ser entendido como um instrumento de expressão de elementos inconscientes através das mãos, o que permite integrar os aspectos evocados pelas imagens que surgem, pois representam expressões do inconsciente e transformações da vida consciente (COSTA, 2018). O trabalho artesanal revela-se como uma possibilidade de emersão de símbolos, pois viabiliza que o indivíduo possa criar imagens carregadas de significados que expressam sua dinâmica inconsciente, refletindo, assim, a função transcendente, o que favorece o processo de individuação (TENCHENA, 2016).

### **1.1.5 As Etapas da Vida**

Em *Jung: Vida e Obra*, Nise da Silveira (1981) elenca as etapas do processo de individuação, seguindo a teoria da Psicologia Analítica. A primeira metade da vida, nomeada como natural por Jung ([1916] 2000), é voltada ao desenvolvimento do ego e da persona, buscando a construção da individualidade e a adaptação à cultura em que se vive, desse modo,

apresenta o funcionamento egóico voltado para a realidade externa, com um diálogo ativo entre a persona e o ego. Já a segunda metade, nomeada cultural, é direcionada à revisão e ressignificação da própria vida, com movimentos mais intensos de integração de conteúdos inconscientes à consciência, em direção à totalidade psíquica, logo, o foco recai sobre o processo de individuação. Dessa forma, as interações entre ego e inconsciente variam conforme a etapa da vida em que o indivíduo encontra-se, contudo, o desenvolvimento psíquico ocorre ao longo de toda a vida (WHITMONT, [1969] 2010).

Durante a primeira metade da vida, o ego desenvolve-se na medida em que ocorre a diferenciação, na primeira infância, entre o corpo e a psique, bem como entre esta e o mundo externo, os quais se relacionam de maneira fusional no início da vida. Ao longo do desenvolvimento, o ego desenvolve a capacidade de atuar como indivíduo no meio social e cultural, reconhecendo o mundo externo como diferente de si e, no transcorrer das interações sociais, desenvolve gradualmente a persona, que permite a adaptação às exigências externas do meio em que vive (STEIN, [1998] 2006).

Conforme se atinge a maturidade, o movimento do ego torna-se menos voltado para o mundo externo e mais direcionado ao mundo interno, ao Self, trazendo mudanças para a personalidade (PARISI, 2009). Jung ([1916] 2014) considera que a transição para a segunda metade da vida envolve uma crise, visto que o indivíduo passa a entrar em contato com confrontos que, até então, não foram focos de atenção e reflexão. Silveira (1980), em Jung: Vida e Obra, expõe:

Veremos homens e mulheres temerosos ante os sinais precursores do envelhecimento procurarem a todo custo transportar para além dos quarenta anos as mesmas aspirações da fase da juventude. É muito provável que esses intensos esforços resultem do fato de que os objetivos da primeira fase da vida não tenham sido vividos em toda a sua plenitude e agora seja duro vê-los fugir para sempre. Mas também haverá a considerar o medo ante os problemas específicos da segunda metade da vida. (p. 162)

Em *A busca do símbolo*, Whitmont ([1969] 2010), baseado na teoria da Psicologia Analítica de Jung, elabora outra divisão para as etapas da vida, correspondendo à infância, à vida média ou adulta e à velhice, sendo que a infância e a vida média compreendem a primeira metade da vida e a velhice, a segunda metade.

A primeira fase do desenvolvimento envolve uma identidade total não diferenciada, dado que existe uma fusão entre bebê e mundo, bem como a psique ainda não se diferenciou em distintos âmbitos. Nos primeiros anos de vida, a consciência apresenta-se de forma

esporádica e desprovida de memória contínua, dessa forma, delineiam-se ilhas de consciência momentâneas, porém ocorre um desenvolvimento gradativo da separação ego-Self através do uso de fantasias.

A segunda fase é caracterizada pela separação entre ego e Self, ainda que o primeiro exerça maior comando e dominância, o que faz com que a preocupação principal desta etapa seja a adaptação ao mundo externo, enfatizando a racionalidade, a vontade consciente e a determinação. Devido à energia voltada à realidade exterior, Whitmont ([1969] 2010) expõe que o inconsciente, através do mecanismo de compensação, confronta o indivíduo com conteúdos da realidade psíquica através de projeções, ou seja, estas influenciam o estabelecimento de relacionamentos nesse momento da vida, o que acaba por distorcer a forma como estas relações acontecem, ao se evitar o contato com os próprios conteúdos inconsciente, inclusos os que permeiam a sombra.

A última fase, nomeada velhice, é o momento em que a energia psíquica direciona-se à conscientização da totalidade psíquica, buscando o retorno a um ego-Self integrados, mas de forma diferenciada. Considerando que, nessa etapa, volta-se prevalentemente às exigências inconscientes, em detrimento da presença predominante da consciência egóica, o processo de individuação dá-se de forma mais intensa a partir da transição para a velhice, momento nomeado metanoia por Jung ([1957] 2011). Nesse período, os relacionamentos tendem a acontecer com menor carga projetiva, o que faz com que o indivíduo precise lidar com os conteúdos inconscientes de forma subjetiva, olhando de fato para o que, até então, foi ignorado (WHITMONT, [1969] 2010).

### **1.1.6 Metanoia**

Jung ([1916] 2000) denomina a fase da meia-idade como metanoia, a partir da qual inicia a segunda metade da vida. Em grego, o termo refere-se à mudança da identidade pessoal a partir das experiências do indivíduo ao longo de sua jornada. Nessa etapa da vida, a direção da energia psíquica não mais se volta prevalentemente ao mundo externo, mas ao interno do sujeito. Pandini (2014) relata um embate de intensidade variável entre ego e Self durante esse período: um ego frágil, rígido e mal estruturado pode experimentar choques mais intensos, culminando em sua ruptura, já o ego flexível e com maior capacidade de adaptação vivencia a metanoia de maneira gradual, estabelecendo diálogo contínuo com o Self e, portanto, contactando progressivamente o mundo interno.

Cavalheiro (2008 apud PANDINI, 2014) retrata esse momento como uma crise, devido à intensificação do conflito entre inconsciente e consciência, tendo como consequência o declínio das identificações construídas, principalmente, em relação à família e à sociedade, bem como mudanças de aspectos da identidade. Von Franz ([1964] 2016) discorre que a partir da metanoia, cria-se um espaço para confrontar os acontecimentos da primeira metade da vida, revendo aquelas aspirações e planos não alcançados, ao mesmo tempo em que são vividas transformações do corpo físico e contato mais concreto com a finitude. Ainda, Jung ([1959] 2014) concebeu este momento da vida como aquele em que se dá de forma mais pungente o processo de individuação, ou seja, no qual a ampliação da consciência torna-se mais intensa, no sentido do indivíduo prosseguir rumo à realização consciente do Si-mesmo. Nas palavras do autor:

Este processo corresponde ao decorrer natural de uma vida, em que o indivíduo se torna o que sempre foi. E porque o homem tem consciência, um desenvolvimento desta espécie não decorre sem dificuldades; muitas vezes ele é vário e perturbado, porque a consciência se desvia sempre de novo da base arquetípica instintual, pondo-se em oposição a ela. Disto resulta a necessidade de uma síntese das duas posições. (Ibidem, p. 49)

É na transição para a velhice que a personalidade é questionada, uma vez que o indivíduo passa a se reconhecer sob um novo enfoque (STEIN, 2007 apud PANDINI, 2014), abandonando os pensamentos mágicos da infância e os pensamentos heróicos da juventude (HOLLIS, 1995). Contudo, o processo de individuação também é marcado pelos acontecimentos anteriores, dado que se vivenciam perdas e novos começos durante toda a transformação simbólica que envolve o desenvolvimento da psique (BOECHAT, 2006 apud PANDINI, 2014).

Stein (2007 apud PANDINI, 2014) divide a metanoia em dois momentos: o primeiro é comumente vivenciado como sentimentos de insatisfação com a vida e de necessidade de rearranjar alguns aspectos presentes até então. Nesse sentido, a metade da vida envolve a reestruturação dos papéis desempenhados pela pessoa, com um movimento inverso da identificação com a persona, o que provoca abalo na identidade pessoal, mas também ativação da potência de mudança para a continuidade do viver. O segundo momento da metanoia inicia-se a partir da desidentificação com a persona, chamada fase liminar, marcada pelos conteúdos reprimidos e arquetípicos apresentarem-se com mais intensidade à consciência, promovendo, dentre outros aspectos, maior confronto com a sombra, o que gera maior vulnerabilidade emocional em relação a questões internas e externas.

Gaeta, Hayar e Mello (2015), no entanto, mencionam o fato da metanoia não ser vivenciada por todos, visto que envolve a atitude de buscar olhar para si e entrar em contato com conteúdos internos, o que costuma ser desagradável e difícil de experienciar. Nesse sentido, quando a metanoia é vivida, o indivíduo passa a reconhecer e sustentar um movimento psíquico mais intenso, o que possibilita maior contato com conteúdos desconhecidos, ou reprimidos ao longo de sua trajetória (PANDINI, 2014).

A metanoia, portanto, é um processo psicológico espontâneo do desenvolvimento saudável do envelhecimento, trazendo consigo uma série de possibilidades de diálogo do ego com outros âmbitos da psique, assim como de ampliação da personalidade consciente de forma mais fortalecida, apesar das crises e incertezas também presentes nesse momento. Contudo, Pandini (2014) salienta que para a metanoia ser experienciada, é preciso que haja diálogo entre o ego e as diversas partes do inconsciente, de forma a promover a elaboração e a adaptação de novos conteúdos e modos de funcionamento, o que leva à ampliação da consciência e à flexibilidade do ego, capaz de desempenhar diversos papéis ao longo dos desdobramentos da vida.

## 2 Contextualização teórica

### 2.1 A moça tecelã

O conto "A moça tecelã", escrito por Marina Colasanti ([1982] 2004) em sua obra *Doze reis e a moça do labirinto do vento*, foi escolhido em função do aspecto simbólico do bordado e das artes manuais em geral, considerando o fio que borda como uma ligação com o divino, de forma a representar a própria vida, como demonstrado nos mitos de diferentes culturas, os quais se referem à tecelagem como metáfora da criação da vida, por exemplo, as Moiras da mitologia grega (GAGO, 2006 apud COSTA, 2018). Segundo Von-Franz (2003 apud COSTA, 2018), o bordado está presente em mitos de criação, chamados cosmogônicos, em que deusas da natureza tecem o mundo inteiro em um tear.

Colasanti ([1982] 2004) traz, de forma simbólica, experiências comuns para mulheres com mais de cinquenta anos, que viveram em épocas mais conservadoras, nas quais o esperado eram os padrões patriarcais do casamento, com a servidão ao homem de forma explícita (CHIARI, 2019). Outro ponto importante deve-se ao conceito de processo de individuação da Psicologia Analítica, podendo ser visto ao longo do conto: a moça reflete sobre o que viveu, volta para o ponto de partida, à sua vida anterior, mas transformada (COSTA, 2018), logo, o processo individuação é observado mediante esse desfecho, uma vez que sua meta, ainda que inatingível plenamente, é a conscientização da totalidade psíquica, em que consciência e inconsciente são integrados (JUNG, [1916] 2000).

A história narra a vida de uma moça que morava sozinha e, através da atividade manual, cria seu próprio mundo, dando vida e significado para tudo ao seu redor, ao tecer e bordar o próprio destino com muito prazer. *"Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte"* (COLASANTI, [1982] 2004, p. 1, grifo nosso). Com o passar dos dias, surge a necessidade da troca com o outro na moça tecelã e, então, da mesma forma como tecia seus desejos e necessidades, teceu um marido. Este homem chega em sua vida, invadindo todo o espaço e transforma o tear em um instrumento de satisfação material, solicitando à moça tecer castelos, empregados e cavalos, deixando-a na mais alta torre com seu tear para que ninguém descobrisse seu poder (RHODEN, 2012).

A situação vivida pela tecelã representa o que muitas mulheres vivem diante da opressão patriarcal presente na sociedade, tendo suas vidas resumidas ao ambiente familiar. Nesse sentido, é possível relacionar a atitude do marido a uma violência simbólica, explicitando

as desigualdades de gênero que atribuem um papel inferior à mulher, como aquela destinada a servir e atender ao homem. Em relação aos desejos materialistas, Colasanti ([1982] 2004) faz uma crítica à lógica capitalista, salientando a produção e a acumulação de bens através da exploração do trabalho (CHIARI, 2019). A trama tem seu desfecho com a moça tecelã percebendo que perdeu o controle dos fios da própria vida e, diante de tamanha infelicidade, desfaz o que foi tecido e bordado, tendo como resultado o desaparecimento do marido. A moça, então, volta à sua vida, tecendo todo dia um novo destino.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo. Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. (COLASANTI, 2004, p. 12)

Segundo Chiari (2019), o final da narrativa vai além do felizes para sempre, comum em contos de fadas, mostrando um movimento circular de volta ao início, com a protagonista superando o obstáculo de sua vida e alcançando a felicidade na relação consigo mesma. A partir dessa realização, a moça tecelã torna-se mais madura, adquire novos aprendizados e se liberta da lógica violenta à qual estava submetida, ou seja, através do tecer, a mulher tem o destino em suas mãos, podendo criar novas formas de estar no mundo. No conto, a personagem consegue superar os desafios que a própria subjetividade trouxe ao desmanchar sua criação e voltar a tecer o que lhe fazia sentido. Assim, é possível interpretar que Colasanti demonstra, em sua obra, a importância do trabalho manual, tendo este uma função de integração e de encontro com o símbolo (COSTA, 2018).

Ao rever e repensar sua história, a moça desfaz o que foi tecido, alcançando a liberdade e superando padrões impostos pela cultura. Essa atitude traz, como consequência, a retomada do controle de seu destino através da arte, ou seja, é por meio do trabalho manual que a tecelã foca em si mesma, passando a ter uma postura mais ativa sobre seu processo de desenvolvimento (ROMANO, MEDEIROS, 2021). Costa (2018) reflete acerca do fato de mulheres transformarem uma ferramenta considerada doméstica em uma forma de expressão e autoconhecimento, ocupando um lugar de fala através de tecidos, linhas e agulhas e, assim, permitindo uma experiência psíquica simbólica pelas mãos.

Parece que fios e linhas têm sido escolhidos como representação de um discurso que denuncia e ao mesmo tempo busca dar um lugar, um sentido, àquilo que muitas vezes não pode ser nomeado, mas não por estar inconsciente e, sim, por representar um risco, inclusive à própria vida. (COSTA, 2018, p. 118)

Colasanti ([1982] 2004) traz, de forma metafórica, a potência de transformação que o ato de tecer possui. A partir do fazer manual, a moça define seu destino e traça suas escolhas, podendo sempre fazer e refazer o que foi criado, tendo o fio a função de representar a realidade vivida por ela (COSTA, 2018). A partir do conto, também é possível visualizar o que Von-Franz (2003 apud COSTA, 2018) discute sobre o tecer e o fiar, afirmando que são expressões de uma atividade de fantasia inconsciente, visto que envolve a criatividade e produz uma teia de associações, assim, refere-se às expressões artísticas como produtos de forças criadoras presentes em cada ser humano. Nesse sentido, Bernardo (2013 apud COSTA, 2018) compara as linhas usadas no bordado com as linhas do destino, cruzando-se em tramas da mesma forma que as dinâmicas da vida e dos relacionamentos.

Ademais, é possível traçar um paralelo entre aspectos da metanoia e as seguintes narrativas do conto: a vivência sofrida após a chegada do marido e a atitude de destecer tudo o que tinha construído materialmente, optando por uma vida mais genuína. Hollis (1995) considera o sofrimento como pré-requisito para a transformação da consciência, desde que seja enfrentado pelo próprio sujeito, possibilitando-lhe integrar, à consciência, partes negligenciadas de si. O autor também menciona que uma das crises vividas na passagem para a maturidade é a quebra da crença de que ao agir corretamente, com boas intenções, as coisas irão dar certo, o que faz o indivíduo entrar em contato com as decepções, podendo, a partir disso, assumir responsabilidade por suas escolhas, deixando de culpar os outros. Paralelamente, o conto de Colasanti ([1982] 2004) discorre que, ao decidir sair da situação de sofrimento, desfazendo o castelo construído, os criados e o marido, a moça tecelã tece o seu próprio destino, operando a própria transformação.

## **2.2 A arte como recurso terapêutico**

A arte, para Jung ([1966] 2011), tem valor de compreensão da psique, uma vez que possibilita o encontro com elementos inconscientes, facilitado pelas expressões artísticas. O uso da arte como recurso terapêutico foi utilizado por Jung ao longo de sua vida pessoal e profissional, experimentada por ele conforme os registros do Livro Vermelho (2009), bem

como conduzida com seus pacientes, sendo um recurso que propicia a observação de elementos conscientes e inconscientes e a síntese destes, expressa por meio dos símbolos presentes nas produções artísticas (GAETA, 2010).

Os recursos expressivos apresentam-se como uma possibilidade de descarregar a tensão energética da psique, promovendo sua autorregulação e maior equilíbrio (COSTA, 2018). Fiorindo (2014) explica que a partir de experiências artísticas, conteúdos do inconsciente emergem, possibilitando seu reconhecimento e integração à consciência pelo ego, portanto, a arte tem suma importância para os seres humanos e pode ser usada como precioso recurso para o desenvolvimento psíquico e consequente autoconhecimento. No contexto do envelhecimento, no qual ocorrem diversas transformações tanto sociais quanto físicas, a arte tem relevância terapêutica, uma vez que permite socialização, expressão de emoções e sentimentos, elaboração de conteúdos desconhecidos ou reprimidos (FORTUNA, 2004 apud GUEDES, GUEDES, ALMEIDA, 2012).

Gaeta (2016) discorre sobre a potência da arte de revelar elementos do inconsciente pessoal e coletivo do artista através do surgimento de imagens simbólicas. A partir disso, é possível criar uma conexão não verbal entre consciência e inconsciente, representando uma tentativa de reunir opostos e diminuir a polarização entre o que está consciente e o que é desconhecido. Para Fabietti (2005 apud GUEDES, GUEDES, ALMEIDA, 2012), o objetivo da produção artística na psicoterapia não está relacionado à estética e ao resultado, mas ao processo do fazer e ao significado do que se produz. A expressão artística, nessa direção, é dotada de potencial curativo, conforme Gaeta (2016) escreve:

A pintura feita pelo próprio paciente produz efeitos incontestáveis, embora sejam difíceis descrever. Basta, por exemplo, que um paciente perceba que, por diversas vezes, o fato de pintar um quadro o liberta de um estado psíquico deplorável, para que ele lance mão desse recurso cada vez que seu estado piora. O valor dessa descoberta é inestimável, pois é o primeiro passo para a independência, para a passagem para o estado psicológico adulto. (p. 71)

A arte tem papel social e transformador, visto que, através dela, o indivíduo desenvolve modos de se expressar e estar no mundo, encontrando também estilos e possíveis marcas pessoais. A partir do trabalho manual, as emoções e sentimentos são expressos de forma simbólica, relacionando a arte produzida com o mundo interior do artista, o que lhe permite criar significados e interpretações sobre esses conteúdos que, até então, lhe eram desconhecidos. Segundo Pinna (2011), as artes têxteis auxiliam a vivência de situações de

depressão e luto, assim como facilitam a expressão de sentimentos, estimulando a autoconfiança e a sensação de pertencimento.

Sob a ótica da Psicologia Analítica, a atividade artística promove a emersão de símbolos, possibilitando o acesso ao inconsciente. Jung ([1964] 2016), em *O Homem e Seus Símbolos*, discorre sobre as imagens possuírem caráter simbólico ao implicarem significados e sentidos para além do que está sendo manifestado conscientemente, ou seja, através das expressões artísticas, o inconsciente manifesta-se, tendo potência criadora e criativa, de modo a promoverem transformações para o sujeito que direciona sua energia psíquica a esses processos. Acerca dessa função, Silveira (2001 apud REIS, 2014) afirma que aquilo que é produzido com caráter simbólico é influenciado pela dinâmica psíquica, contendo conteúdos do inconsciente coletivo, do inconsciente pessoal e da própria consciência. Sendo assim, a arte, dentre elas, o bordado, não é apenas uma projeção, mas tem valor terapêutico quando elaborada simbolicamente, uma vez que os símbolos expressos contribuem com o equilíbrio psíquico, possibilitando a integração de conteúdos desconhecidos à consciência (REIS, 2014).

No Brasil, a principal referência de utilização da arte com fins psicoterapêuticos sob a ótica junguiana é o trabalho de Nise da Silveira, a qual utilizava a teoria e o método da Psicologia Analítica com foco na relação entre a arte e a saúde mental. A partir das imagens produzidas por pacientes esquizofrênicos, Nise da Silveira criou um museu para expor os trabalhos artísticos realizados por seus pacientes no ateliê, dentre eles, estavam a costura, a pintura e a modelagem (CATA-PRETA, 2021). Ainda, a partir das expressões de símbolos e imagens arcaicas nas produções, era possível compreender sua fundamentação arquetípica, traçando paralelos com mitologias, contos e histórias das religiões. Ao utilizar recursos manuais como forma de tratamento, Silveira (1992) buscava criar pontes entre o mundo interior dos psicóticos e a realidade externa, o que evidenciou o caráter terapêutico dos atos de pintar, costurar, modelar, tecer, entre outros.

Considerando o espectro destes materiais expressivos e sua função de trabalhar a criatividade e trazer conteúdos inconscientes para a consciência, o trabalho psicoterapêutico com uso de criações artísticas tem o objetivo de amplificar os símbolos emergentes, expandindo o campo da consciência e, conseqüentemente, colaborando com o desenvolvimento psíquico. Philippini (1995) explicita:

Através dos materiais para desenhar, das tintas, dos materiais para colagens, das variadas formas de modelagem, dos fios para tecelagem, dos papéis para dobradura, da confecção de máscaras, da criação de personagens, das miniaturas no tabuleiro de areia, de materiais naturais como folhas, flores, sementes, cascas de árvores ou da aproximação e experimentação com elementos vitais como a água, o ar, a terra e o fogo e inúmeras outras possibilidades criativas, surgirão os símbolos necessários, para que cada indivíduo, entre em contato com aspectos a serem compreendidos e transformados. (p. 1)

Assim, a expressão de imagens interiores através de movimentos artísticos permite a conscientização de conteúdos ocultos, reprimidos, misteriosos, transformando o indivíduo ao possibilitar a relação entre inconsciente e ego (GAETA, 2016). Philippini (1998) entende a arte como manifestação de aspectos individuais e coletivos, revelando-se como uma fotografia da alma do artista e, quando essas criações são analisadas e elaboradas, permitem o reconhecimento das vivências, assim como de conteúdos de si mesmo, até então, obscuros para o indivíduo.

### **2.3 Bordado como forma de expressão**

Bordar é uma técnica em que desenhos são criados em um pedaço de tecido com a utilização de fios, podendo ser de forma manual ou à máquina. Esse trabalho artesanal está fortemente relacionado à costura; o fiar e o tecer, fazeres universais que acontecem desde tempos mais primitivos, são realizados, principalmente, por mulheres, sendo considerados atividades domésticas (PINA, 2011). Ademais, o bordado é possível de ser feito através de diversas ferramentas, como agulhas, linhas, fios e pedrarias, permitindo ilimitadas formas de expressão (COSTA, 2018), além de possuir grande variedade de pontos possíveis, por exemplo, pontos de contorno, pontos de preenchimento, pontos chatos e de cadeia.

Diante dessas múltiplas possibilidades, o bordado é um fazer manual que envolve criar figuras, desenhos, contornos e aplicações, os quais implicam escolhas que vão desde o tipo de tecido até as cores das linhas usadas. Esta atividade manual também permite ao indivíduo, que se expressa a partir dos fios e linhas, ser agente transformador das tramas e caminhos que cria, construindo algo novo que pode ser reconstruído e transformado em outros momentos (FONSECA, 2015). Para Tenchena (2016), o bordado constitui-se como um verdadeiro símbolo de identidade e autoafirmação, representando uma linguagem simbólica em seus formatos e tramas que, por sua vez, transmitem a realidade de quem borda, seus valores pessoais, práticas culturais e histórias de vida, podendo ser considerado uma forma de

expressão que envolve movimentos introspectivos, necessários para o contato com conteúdos inconscientes. Segundo Costa (2018):

A costura pode ser pensada como uma representação possível para a dinâmica simbólica, por meio da qual se pode dar a ampliação da consciência, um símbolo que nos ajuda a compreender a maneira como tal processo acontece. Ela pode ser feita com o melhor arranjo em determinado momento, quando alinhavamos, e depois pode ser desmanchada, para ser rearranjada posteriormente em melhores composições. (p. 119)

De acordo com Philippini (2009 apud FONSECA, 2015), o bordado é um trabalho simbólico com diversas ações que possibilitam a ressignificação de sentimentos e experiências através de uma produção ativa ao longo de todo o processo, envolvendo escolhas, manuseios, mudanças, transformações e histórias pessoais por trás de cada ponto alinhavado. Ao criar um símbolo a partir da atividade manual, a bordadeira pode reviver memórias pessoais sob outro ponto de vista, atribuindo-lhes novos sentidos que, por sua vez, podem permitir a aceitação e a ressignificação de aspectos que ainda não haviam sido elaborados. Ademais, para Fonseca (2015), a atitude de bordar contribui com a criatividade, concentração e tranquilidade mental, trazendo harmonia e foco para aquela que borda.

Considerando as linhas e os fios como formas de expressão simbólica, é possível afirmar que a tecelagem, a costura e o bordado podem ajudar na integração de elementos das imagens que surgem enquanto se está envolvida no trabalho manual, manifestando o que está inconsciente, logo, possibilitam a representação do que não se consegue nomear pela consciência (CRUZ, 1998 apud COSTA, 2018). A partir dessa expressão de conteúdos inconscientes, é possível uma elaboração simbólica que culmine na integração desses elementos inconscientes à consciência, o que traz transformações existenciais e favorece o processo de individuação (WHITMONT, [1969] 2010).

Retomando Nise da Silveira (1981), a autora utilizava a base teórica de Jung no desenvolvimento de seu trabalho em ateliê, realizando atividades manuais e expressivas, de forma a valorizar a criatividade de seus clientes. Essa atitude possibilitou novas formas de expressão aos frequentadores do ateliê, usando a criação artística como ponte para o acesso e a compreensão de conteúdos internos, conscientes e inconscientes. Ademais, a autora afirma que, ao ser realizado em um ambiente de acolhimento e convivência, o trabalho manual é capaz de produzir efeito terapêutico.

O atelier de pintura me fez compreender que a principal função das atividades na Terapêutica Ocupacional seria criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam às preocupações com a ressocialização. (SILVEIRA, 1981, p. 15)

Por intermédio do bordado, é possível representar e comunicar de forma não verbal a história de vida, valores, sentimentos e percepções, materializando o modo próprio de ver e viver no mundo no tecido. Silveira (1981), portanto, utilizou os recursos manuais, como a costura e o bordado, como caminhos que viabilizavam o acesso ao mundo interior dos pacientes psicóticos que, em sua maioria, encontravam-se com a interação verbal prejudicada. Bernardo (2007 apud COSTA, 2018) relata sobre o potencial terapêutico da utilização do artesanato no atendimento psicológico, considerando as vivências criativas como oportunidades de encontro com a própria subjetividade, uma vez que a expressão artística possibilita, ao indivíduo, produzir um material simbólico através da função transcendente. Dessa forma, o artesanato mostra-se como um meio possível de entrar em contato com conteúdos inconscientes e mediante a elaboração simbólica pelo ego, contribui com o caminhar no processo de individuação.

O bordado, portanto, é uma possibilidade de mediação e expressão de conteúdos inconscientes que precisam ser integrados à consciência, podendo promover a compensação da unilateralidade consciente do indivíduo, ao operar como uma ponte na qual os opostos podem encontrar-se. Ademais, ao bordar, é possível vivenciar um tempo distinto do cronológico, chamado Kairós, definido como o tempo vivido de forma subjetiva, ou seja, o contato com o fazer manual torna a passagem do tempo vinculada à atitude de bordar e não, às horas do relógio, permitindo uma apreciação mais demorada das imagens interiores refletidas sobre o tecido.

Nesse sentido, o produto vai muito além da peça bordada, pois envolve o fazer manual, a criatividade e um espaço de conforto para manifestação e materialização do mundo interno, funcionando como um meio de expressão daquilo que, muitas vezes, não emerge em situações cotidianas (PARISI, 2009).

### **3 Objetivo**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Compreender como o conto "A moça tecelã", de Marina Colasanti, ressoa em mulheres com idade a partir de 50 anos.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Compreender as representações simbólicas expressas nos bordados produzidos a partir da leitura do conto;
- Compreender o bordado como facilitador para a manifestação de conteúdos inconscientes;
- Identificar transformações a partir dos 50 anos em mulheres.

## 4 Método

O presente estudo utilizou o método com base na Psicologia Analítica, com foco na experiência da dinâmica grupal e concepção do bordado como forma de expressão simbólica das participantes, a partir do conto *A moça tecelã* de Marina Colasanti ([1982] 2004). Sob o enfoque desta abordagem, é fundamental compreender que a personalidade do pesquisador está presente em todo o processo da pesquisa, tendo, então, conteúdos conscientes e inconscientes interagindo em cada etapa realizada. Ademais, a proposta epistemológica e metodológica do paradigma junguiano pressupõe a interpretação simbólica arquetípica, refletindo sobre o fenômeno para além do indivíduo, mas em relação com este, de modo a buscar contatar aspectos da consciência das participantes, assim como apreender conteúdos inconscientes, acessados através de manifestações emergentes, por exemplo, em produções artísticas, sonhos e mitos (PENNA, 2009).

Por paradigma junguiano entende-se o corpo de conhecimentos propostos por C.G. Jung, ampliado e atualizado pelos pós-junguianos, e sua aplicação prática (clínica e pesquisa). Esse corpo consiste em concepções ontológicas, pressupostos epistemológicos e propostas metodológicas articuladas num todo consistente e coerente que configura uma atitude perante o mundo e o ser humano. (Ibidem, p. 55)

Penna (Ibidem) discorre sobre o conhecimento sob a perspectiva da Psicologia de Jung, comparando-o à consciência, ou seja, ao adquirir conhecimento, o indivíduo intrinsecamente amplia sua consciência, uma vez que aspectos desconhecidos passam a fazer parte do sistema consciente. Dessa forma, a aquisição de conhecimento faz parte do processo de individuação, acontecendo de forma gradual e contínua, bem como envolvendo a integração de conteúdos inconscientes e conscientes. A partir dessa conceituação, Cassirer (1997 apud PENNA, 2009), afirma que só é possível conhecer o ser humano através de elementos da consciência e das manifestações indiretas do inconsciente, como sonhos, trabalhos artísticos e manuais, fantasias, imagens, sintomas etc. (JACOBI, [1940] 2013).

Essa pesquisa foi elaborada a partir do enfoque qualitativo, com ênfase na compreensão e interpretação do fenômeno estudado e não, da quantificação descritiva do objeto. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006 apud PENNA, 2009), essa metodologia tem como finalidade reconstruir a realidade, sendo mais flexível em relação às análises feitas sobre o cenário observado e tendo, como princípio, a troca entre pesquisador e objeto de estudo, que se transformam ao longo da pesquisa. Traçando um paralelo entre o método usado e o objeto de

estudo, pode-se pensar que da mesma forma que a pesquisa busca reconstruir a realidade através da compreensão do fenômeno, o bordado também o faz quando materializa expressões da psique através de tecidos, agulhas e fios.

A fim de melhor compreender o tema, será elaborada revisão bibliográfica, envolvendo teses, dissertações, artigos e livros sobre a expressão simbólica do bordado, assim como conceitos da Psicologia Analítica. O levantamento dessas referências bibliográficas foi realizado através de pesquisas em sites de artigos acadêmicos, como SCIELO e CAPES, bem como nas Obras Completas de Jung e produções de pós-junguianos. Para tanto, foram utilizadas as seguintes palavras-chaves com diferentes combinações: bordado, arte, arteterapia, psicologia analítica, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, consciência, processo de individuação, símbolos, projeção, etapas da vida, metanoia.

#### **4.1 Participantes**

A pesquisa contou com a participação de três mulheres, com idades a partir de 50 anos, com as quais a pesquisadora já possuía contato através do grupo "Os pontos que nos unem", do qual as participantes fazem parte. O grupo tem como objetivo reunir pessoas para ensinamento e prática de bordado livre e outras técnicas manuais.

Foram utilizados, como critérios de inclusão, o conhecimento prévio e básico do ato de bordar, assim como a disposição para realizar um encontro presencial de duas horas e trinta minutos e uma entrevista individual posterior.

#### **4.2 Instrumentos**

Nesta pesquisa, o recurso utilizado para refletir sobre a ressonância do conto de Colasanti ([1982] 2004) nas participantes foi a técnica do bordado, uma vez que cada participante presente na roda de bordado realizou um trabalho individual, após a narração da história pela pesquisadora. A roda de bordado foi pensada como recurso projetivo, visto que possibilita a manifestação simbólica de conteúdos conscientes e inconscientes. O encontro teve duração de duas horas e trinta minutos e ocorreu de acordo com a disponibilidade das participantes. Neste encontro, as peças bordadas não foram finalizadas, devido ao pedido das participantes de continuarem o bordado em suas casas, com prazo de uma semana para devolução da peça finalizada.

Outro instrumento escolhido foi a entrevista individual semiestruturada com cada participante, possibilitando maior compreensão sobre a vivência de ouvir o conto e elaborar o bordado, assim como acerca da visão delas sobre o feminino e o ato de ser mulher. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A.

### **4.3 Materiais**

A pesquisadora custeou a compra de três bastidores de madeira, tecido algodão cru, agulhas, linhas de meada de diversas cores e caneta para tecido para a prática do bordado.

Já para a leitura do conto, a pesquisadora utilizou o livro físico "A moça tecelã", de Colasanti ([1982] 2004) da editora Global.

### **4.4 Local de coleta de dados**

A roda de bordado aconteceu em uma sala na qual acontecem os encontros do grupo "Os pontos que nos unem". Este local foi escolhido por se tratar de um ambiente conhecido e de fácil acesso para as participantes.

### **4.5 Procedimentos**

A parte prática da pesquisa deu-se em seis momentos: o primeiro envolveu a seleção das participantes, considerando os critérios de inclusão; o segundo foi o primeiro contato com as mulheres escolhidas para explicar a pesquisa e seus objetivos, bem como tirar possíveis dúvidas acerca da participação; o terceiro destinou-se ao encontro grupal com as participantes, no qual foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - cujo modelo encontra-se no Apêndice B -, realizada a leitura do conto pela pesquisadora e conduzida a roda de bordado, com pré-reserva da sala e preparação do ambiente; o quarto dirigiu-se à entrega dos bordados finalizados com breves comentários das participantes sobre a experiência; no quinto momento, foram conduzidas as entrevistas semiestruturadas individuais de forma online através do aplicativo *whatsapp*, as quais foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas – a transcrição encontra-se no apêndice C; o último momento teve como objetivo analisar o material produzido por cada mulher, assim como as informações obtidas nas entrevistas, sob ótica da Psicologia Analítica.

#### **4.6 Procedimentos de análise**

Os procedimentos de análise dos materiais colhidos nas entrevistas iniciaram-se com as transcrições das entrevistas semi-dirigidas, então foi realizada sua leitura minuciosa, de modo a ser compreendido o sentido geral do exposto pelas participantes. Tais falas foram agrupadas em categorias temáticas, de forma a realizar sua articulação com o objetivo da pesquisa, logo, com vistas à compreensão aprofundada da ressonância do conto, dos significados dos bordados e da vivência da metanoia para cada participante.

A análise de cada entrevista foi realizada de modo individual, através das seguintes categorias temáticas:

1. Tecendo a meia-idade: vivências e transformações ao longo da maturidade;
2. Costurando a minha história: memórias e relatos das histórias de vida;
3. As tramas da moça tecelã: comentários e opiniões sobre o conto lido, bem como as ressonâncias produzidas;
4. Arrematando o bordado: explicações e comentários sobre o que foi bordado, relacionando com aspectos individuais e do conto.

Os símbolos e imagens emergentes nas entrevistas e nos bordados foram analisados com base no método do processamento simbólico arquetípico (PENNA, 2009), por fim, elaborou-se a conclusão da pesquisa, atingindo os objetivos propostos.

#### **4.7 Cuidados Éticos**

Os devidos cuidados éticos foram seguidos, de acordo com as determinações da resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, complementada pela resolução 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS).

Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi apresentado antes da condução da roda de bordado. A assinatura das participantes referente ao TCLE foi colhida após a condução da dinâmica grupal.

O projeto de pesquisa foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), mediante inserção na Plataforma Brasil. Somente após o parecer favorável, sob o número 65125822.5.0000.5482, a pesquisadora iniciou a coleta de dados.

Caso surgissem conteúdos de difícil contato para alguma participante, a pesquisadora realizaria escuta diferenciada da situação de pesquisa, de modo a acolhê-la e, se necessário, encaminhá-la a um serviço que pudesse ajudá-la a lidar com tais conteúdos. Contudo, informa-se que tal situação não ocorreu durante a pesquisa.

## 5 Resultados e Análise

### 5.1 Descrição da Roda de Bordado

Antes de proceder à análise, faz-se importante descrever como se deu a roda de bordado. No primeiro encontro, duas participantes chegaram no horário combinado, enquanto a terceira esqueceu que a oficina seria naquele dia, mas ao ser lembrada através de um telefonema realizado pela pesquisadora, decidiu ir ao local combinado e as demais concordaram em esperá-la por trinta minutos.

Após a chegada da terceira mulher, foi realizada leitura conjunta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram elucidadas dúvidas das participantes, então a pesquisadora iniciou a leitura do conto *A moça tecelã* (COLASANTI, [1982] 2004) e, ao final, realizou orientações acerca do bordado a ser confeccionado pelas mulheres. Em seguida, as participantes fizeram comentários positivos sobre o conto e pediram para que a instrução da realização do bordado fosse repetida. Após a pesquisadora explicar novamente, as três participantes demonstraram não estarem satisfeitas com o tempo de três horas, previsto para a oficina, pedindo para bordarem em suas casas e entregarem os materiais produzidos em novo encontro a ser agendado. Desse modo, foi acordado prazo de uma semana para a realização do trabalho e agendado encontro na quinta-feira seguinte.

Após o esclarecimento da atividade, as participantes voltaram-se a pensar no bordado. O início do processo foi mais demorado para P. e O., que optaram por desenhar em uma folha sulfite primeiro. Já J. refletiu por poucos minutos e, em seguida, começou a desenhar no tecido de algodão, comentando que "foi o que veio na cabeça enquanto eu escutava a história" (sic), assim, terminou o desenho rapidamente e partiu para a escolha das linhas: amarela e laranja para bordar o sol. Enquanto isso, O. começou a fazer o desenho no tecido, mas de forma mais pausada, olhando o papel sulfite algumas vezes. P. foi a que passou mais tempo no papel, realizando diversos desenhos, apresentando alguma resistência para decidir o que de fato gostaria de bordar e expressando que não conseguiria começar o bordado neste primeiro encontro.

P., após um tempo, começou seu desenho no tecido com uma frase que, até então, não havia aparecido nos rascunhos desenhados. O. iniciou seu bordado com o desenho do sol, escolhendo três cores de linhas diferentes, de modo a mesclá-las em um único fio para fazer o contorno. Já P. iniciou o bordado com uma frase em linha preta.

Os assuntos conversados, ao longo da roda de bordado, foram diversos, com maior participação de J. e P., enquanto O. ficava mais tempo em silêncio, focada na atividade manual, participando da conversa quando solicitada. Após a leitura, houve breves comentários sobre o conto: todas elogiaram a história e expressaram que estavam tranquilas e felizes no início, sendo surpreendidas com o rumo que a história levou. P. refletiu sobre como representar a desilusão, sentimento que teve com a chegada do homem no conto. J. falou sobre a natureza presente na história, sendo esta a imagem que lhe veio à mente enquanto acompanhava o conto. O. mencionou que, enquanto escutava a narrativa, desenhou um tapete feito no tear.

Após as primeiras impressões, o grupo conversou sobre questões-pessoais, como o fato de uma amiga estar no hospital, próximas atividades do grupo de aposentadas de que participam, uma viagem para Morretes de ônibus, a volta das rodas de bordado, em que P. é a participante que exerce a função de ensinar novos pontos. Ademais, J. e O. contaram sobre experiências anteriores de bordar a partir de uma referência cultural - como músicas, contos e poemas -, demonstrando interesse nessa modalidade de trabalho manual, incentivando P. a bordar de maneira "mais livre" (sic), visto que ela, normalmente, borda a partir de desenhos prontos.

Ainda sobre o tema bordado, as participantes contaram sobre vivências cotidianas envolvendo a atividade, por exemplo, perder agulhas pela casa e encontrar fios de meada grudados nas roupas, relembrando momentos da infância com o bordado. P. disse que, desde pequena, tinha interesse em artesanato, pois cresceu em um bairro com várias bordadeiras da Ilha da Madeira, mas não foi ensinada por ninguém, assim, iniciou a prática manual de crochê, observando a mãe crochetar, então mencionou que, quando tinha 12 anos, o lazer dela e de suas amigas era ir a casamentos para observar os xales das convidadas com objetivo de reproduzir através do crochê. J. ficou impressionada com a idade com que P. começou a desenvolver o trabalho manual, comentando que, quando era criança, fazia apenas "rabo de gato no carretel de madeira" (sic). O. conta sua experiência quando perguntada pela pesquisadora, recordando que tinha aulas de bordado e costura na escola, matéria de que gostava, mas conta que só desenvolveu maior apreço quando foi morar com a avó, pois ficava presente enquanto ela fazia roupas e lhe ajudava, pregando botões e fazendo bainha.

O segundo encontro teve como objetivo a entrega dos bordados finalizados, encerrando a roda com as participantes, assim, foi possível compartilharem seus bordados umas com as outras e realizarem trocas sobre a experiência vivida. Este encontro durou quarenta minutos, destinados à finalização da roda de bordado.

## 5.2 Análise da entrevista 01

Entrevistada: J.

Idade: 56 anos.

Escolaridade: Superior Completo (Serviço Social).

Estado Civil: Casada.

Filho(s)/a(s): 02 filhos.

### Tecendo a meia-idade

J. iniciou seu relato sobre a maturidade, destacando a menopausa como um "divisor de águas" (sic) em sua vida, um marco para a entrada na meia-idade. Contou que percebeu diferenças em sua pele e em seu cabelo, atribuindo-as a questões hormonais, entretanto, relatou alívio sobre a interrupção da menstruação: "não dá pra falar que é ruim [a menopausa] porque você para de menstruar, né? E cara, é muito bom parar de menstruar e não sangrar todo mês. Acho que é o mais positivo da menopausa" (sic). Em seguida, mencionou diferenças de humor, uma vez que passou a conseguir controlar mais a raiva que sentia no período pré-menstrual. Tais mudanças, de acordo com Peyton (2007), são vivências comuns durante a menopausa, período em que a mulher realiza inúmeras adaptações, consigo própria e com os outros ao seu redor, as quais são vivenciadas de forma singular.

Acerca da entrada na maturidade, J. admitiu ter demorado a aceitar o envelhecimento, devido às diversas atividades em que está envolvida, dado que é uma mulher trabalhadora, militante e mãe, afirmando que sente que tem menos idade do que de fato possui: "eu acho que nosso cérebro não aceita o envelhecimento, parece que ele está sempre nos mandando mensagem que você não tem a idade que tem" (sic). Apesar dessa percepção, atualmente, J. acredita que está aproveitando a maturidade e encarando-a de forma positiva, visto que tem maior compreensão acerca do que gosta ou não, permitindo-se apreciar o que lhe dá prazer, o que se correlaciona com a afirmação de Monteiro (2008 apud PANDINI, 2014) de que, na metanoia, o indivíduo busca articular o fazer, o sentir e o pensar, o que o deixa mais próximo de sua verdade, diminuindo, assim, uma possível atitude dogmática.

A limitação do corpo também foi característica marcante da entrada na meia-idade, uma vez que J. salientou não conseguir fazer diversas atividades que eram possíveis anteriormente, devido a problemas no joelho, coluna e colesterol alto, consequências de "não ter se cuidado

muito bem lá atrás" (sic). A participante comentou ter preocupações com os filhos, afirmando que a "idade chega para todo mundo" (sic), assim, enfatizou a importância de se atentar à saúde desde jovem. Segundo Hollis (1995), o corpo torna-se um inimigo nesta etapa da vida, pois não responde da maneira que se espera, o que faz o indivíduo reconhecer a finitude, bem como a impossibilidade de realizar tudo o que imaginou ser possível.

Tanto na entrevista, como na roda de bordado, J. emitiu um discurso que remete ao aspecto positivo da vida e à gratidão por viver: "A gente tem que aprender a tirar o melhor de cada fase da vida, eu acho que todas as fases da vida são boas se você souber encarar e aceitar, (...) eu acho que é agradecer por ter sido escolhido por estar aqui, né?" (sic). Enfatizou, ainda, a pandemia de COVID-19 como um momento propício à reflexão sobre a importância da vida e acrescentou a necessidade de buscar o equilíbrio nas escolhas, exemplificando-a por meio da tentativa de se manter saudável: "não é fácil se manter saudável, acho que tem que ir no meio termo, fazer exercício, eu faço musculação, mas tudo bem comer o que gosta, beber uma cervejinha, acho que é evitar os extremismos, ainda mais com isso de saúde né?" (sic). Em relação a essa atitude mais equilibrada, Hollis (1995) expõe que a meta da meia-idade envolve o restabelecimento do equilíbrio, processo que acontece quando o indivíduo liberta-se, gradativamente, das polarizações psíquicas, ao se conscientizar dos polos opostos, até então, inconscientes, alcançando, assim, maior flexibilidade egóica para equilibrar e integrar os potenciais conscientes e inconscientes.

Outro movimento comum na metanoia é o direcionamento da energia psíquica para o mundo interno do sujeito, com as adaptações voltadas para esta realidade, de modo que a atitude oriunda da persona e a adaptação social tornam-se secundárias neste período. Tal dinâmica apareceu no relato de J., quando discorreu sobre o cuidado: "Eu lembrei do cuidado com meus filhos também, acho que, antes, eu era muito voltada para eles, para esse tipo de cuidado e, agora que eles já estão grandes, eu sinto que consigo ter um cuidado mais voltado para mim, sabe? (...) antes, acho que a gente abre muita mão do nosso cuidado, do nosso prazer para agradar o outro, né, pensando nos filhos, nas outras pessoas e, agora, eu me vejo cuidando mais de mim, do meu corpo" (sic).

Ainda, ao ser questionada sobre o tipo de relação estabelecida com as pessoas após a meia-idade, a participante expressou estar mais paciente e empática, entretanto, de forma mais selecionada, "com quem merece" (sic), reconhecendo que sua personalidade ficou mais forte, o que a faz valorizar determinadas pessoas, sem buscar agradar a todos. Mencionou também que, atualmente, "não consegue mais ser falsa" (sic), percebendo-se em um movimento de maior honestidade consigo e com os outros: "antes, a gente conseguia manter mais as

aparências, né? Mas, agora, eu não tenho mais medo de dizer não, de falar o que eu penso. Assim, se me chamam pra algum lugar que eu não quero ir, eu não vou e, antes, eu iria só pra fazer essa pose de bonzinho. A maturidade parece que traz isso, você fica mais sincero, com as pessoas, mais com você mesma, com as suas escolhas" (sic). A exposição da participante encontra consonância com o explicitado por Hollis (1995): "A integração da sombra exige que vivamos com responsabilidade na sociedade, mas também que sejamos mais sinceros com nós mesmos" (p. 62).

### Costurando a minha história

A participante retomou pontos importantes de sua história em diversos momentos da entrevista, considerando os nascimentos dos filhos como os mais impactantes até os dias de hoje, assim, se emocionou ao contar sobre as gravidezes: a da primeira filha, não foi planejada, enquanto a do segundo filho foi programada, com base "no relógio biológico" (sic). Declarou que os momentos dos partos foram os eventos mais marcantes em sua história: "dar à luz é uma dádiva que não tem explicação, até hoje, quando eu vejo um parto, eu me emociono, acho que é surreal, não tem explicação mesmo você gerar um filho" (sic). Em seguida, lembrou momentos difíceis em sua vida, nomeando as mortes do pai e dos avós como os eventos mais significativos de cunho negativo.

Ao lembrar a infância, J. mencionou que gostaria de ser criança de novo, pois tem memórias muito afetivas dessa época, declarando que a transição para adolescência foi difícil, pois rompeu com diversas fantasias que tinha enquanto criança, vivência que também percebeu na entrada da vida adulta, após adentrar o mercado de trabalho, o que parece se correlacionar à rememoração de fases transicionais da vida.

Jung ([1951] 2011) discorre sobre os temas nascimento e morte, em alusão às transformações necessárias para o prosseguimento do processo de individuação, uma vez que, em diversas etapas da vida, faz-se necessário abandonar certos padrões e, mediante o contato e a integração de elementos inconscientes negligenciados ou rejeitados, expandir a consciência e transformar, assim, a personalidade. Portanto, na metanoia, considera-se que a imagem do ciclo da vida, representada por seus polos nascimento e morte, pode remeter às profundas e potenciais transformações psíquicas e relacionais, decorrentes do direcionamento da energia psíquica ao mundo interno, ativando, sobremaneira, os conteúdos que jaziam adormecidos no inconsciente.

Ao descrever a mulher na roca, parte de seu bordado, J. lembrou seus antepassados e a relação familiar com os trabalhos manuais, assim, contou que sua avó materna bordava e realizava enxovais para os moradores da cidade, acrescentando que adorava observá-la bordar, no entanto, sinalizou que a avó não teve "perspicácia" (sic), visto que queria ensinar como bordar para a prima mais velha, que não tinha tal disposição, não procurando ensinar J. que, por sua vez, sempre demonstrou interesse. Concluiu explicando que desenvolveu muitas habilidades manuais com sua mãe, mas o bordado tornou-se mais importante em sua vida durante a pandemia de COVID-19, momento em que teve insegurança, medo e ansiedade, sentimentos que, entretanto, diminuíram de intensidade com a prática do bordado. A partir desse relato, é possível verificar que o trabalho manual, como o bordado, é constituído por um saber feminino transgeracional, o que contextualiza a atividade de costurar e bordar no tempo, espaço e relações familiares (TENCHENA, 2016). Ademais, a autora também discorre sobre o potencial evocativo de memórias contido nas manualidades têxteis, de forma que o bordado pode, então, promover a ressignificação das vivências por quem borda.

#### As tramas da moça tecelã

No tocante ao conto, J. destacou a felicidade inicial da moça, a qual vivia daquilo que produzia, o que deixa de ser suficiente devido a imposições que a sociedade determina para as mulheres, fazendo a moça, que só desejava tecer, começar a desejar um marido e constituir uma família. J. destacou, também, a percepção da moça de que a felicidade não depende de outras pessoas, mas sim, de "fazer o que você quer" (sic), conseguindo se desvencilhar da situação que lhe causava sofrimento. Neste relato, evidencia-se os dois momentos do desenvolvimento da personalidade, mencionados por Jung ([1916] 2000): o natural, em que o funcionamento egóico está voltado para a realidade externa, mediante as demandas sociais - a moça tecelã buscando um "príncipe encantado" (sic) por imposição da sociedade; e o cultural, em que a energia psíquica volta-se para o desenvolvimento interno da personalidade, possibilitando o despertar de novos significados para a existência pessoal.

A simplicidade foi um tema frequente no discurso de J., aspecto destacado ao comparar a casa e o castelo em que a moça tecelã viveu: "Você não precisa de uma vida de luxo, não precisa morar num castelo, acho que, pelo contrário, o castelo vai te trazer muito mais problemas do que soluções" (sic). Essa reflexão indica um movimento frequente na metanoia, em que a pessoa diminui a importância dada para o que é material ou exterior e volta-se para a respectiva polaridade - o mundo interior -, valorizando aquilo que parece ser mais simples,

mas imbuído de sentidos mais autênticos, o que, segundo Pandini (2014), remete a experiências que permitem uma nova maneira de viver. Para J., a reorganização desse novo estilo de vida consistiu em uma "casa no campo onde você pode observar a natureza" (sic), demonstrando a libertação do polo material e racional mediante o qual viveu, até então, nos grandes centros urbanos, caminhando em direção a um polo mais emocional e instintivo, aludido ao campo e à natureza.

Percebe-se, através do discurso da participante, que o desejo de viver em um lugar menos agitado e com maior contato com a natureza, relaciona-se a tendências presentes em momentos anteriores de sua vida, mas que precisaram ser reprimidas ou afastadas, em favor da construção da personalidade sob o domínio do ego e da persona, desenvolvendo, para tanto, características e interesses voltados à adaptação externa (WHITMONT, [1969] 2010). Ainda, acerca de desejos não realizados, J. mencionou que gostaria de ter se mudado para Minas Gerais quando os filhos eram menores, o que não foi possível, no entanto, considerou que o próximo passo em sua vida será a aquisição de um sítio próximo a São Paulo. Esta atitude é frequente no processo da metanoia, em que antigos projetos já não se enquadram nas possibilidades vigentes, produzindo, então, novas possibilidades.

Em relação à passagem que mais gostou do conto, J. enfatizou o "destecer" (sic), momento em que a moça desfaz o marido que teceu, transformando a situação em que se encontrava: "como feminista, gostei mais da parte que ela desmonta lá o ser que ela tinha criado, é o momento que ela tira ele da vida dela, foi a fase mais importante dela sentir que não precisava dele para ser feliz, quando ela cai em si que ela queria mais do que aquilo" (sic). É possível compreender essa fala como o processo das retiradas das projeções, comum na passagem para a maturidade. Hollis (1995) descreve:

As projeções personificam o que não é reclamado ou é desconhecido dentro de nós. A vida tem uma maneira de dissolver as projeções e precisamos, em meio ao desapontamento e ao desconsolo, começar a assumir a responsabilidade pela nossa satisfação. Não há ninguém lá fora para nos salvar, tomar conta de nós, curar nossas feridas. Mas existe uma excelente pessoa dentro de nós, alguém que mal conhecemos, e que está pronta e disposta a ser a nossa constante companheira. Somente quando reconhecemos a deflação das esperanças e expectativas da infância e aceitamos a responsabilidade direta de encontrar por nós mesmos o significado é que a segunda idade adulta pode começar. (p. 47)

Para além das vivências da metanoia, J. comparou a situação da moça tecelã com a própria, lembrando um relacionamento "tóxico"(sic) que estabeleceu quando jovem, período da vida em que se considerava imatura para perceber os comportamentos abusivos do

namorado. Apesar disso, definiu a experiência como um "divisor de águas" (sic), visto que passou a ampliar seu repertório de vida, o que a fez buscar relacionamentos opostos ao que viveu. Retomou, então, o ponto em que a moça do conto liberta-se do marido, relacionando com a força que as mulheres precisam ter para sair de situações opressoras, afirmando que reconhece essa atitude em si: "E acho que o que eu relaciono muito com o conto da Moça Tecelã é essa percepção que ela teve de não estar fazendo bem, então o relacionamento não estava fazendo bem e ela desmanchou" (sic).

### Arrematando o bordado



**Figura 1** - Foto do bordado realizado por J.

J. relatou que sua relação com o bordado tornou-se significativa a partir do grupo de bordado com as amigas aposentadas, momento em que conversava sobre a vida com pessoas queridas e aprendia algo novo. Ainda, lembrou que desenvolveu muitas habilidades manuais com sua mãe, assim, iniciou a relação com o bordado através dela, mas aprimorou-a durante a pandemia de COVID-19, através de *lives* na internet, ressaltando a importância emocional que o bordado teve neste período, visto que, ao bordar, os sentimentos de medo, insegurança e

ansiedade ficavam menos intensos. Ao falar sobre o significado do bordado, J. caracterizou-o como uma forma de meditação, explicando que consegue concentrar-se enquanto realiza a atividade manual: "eu vou ficando calma porque fico muito concentrada, é como uma meditação para mim, eu encaro como uma forma de meditar porque você fica ali, coloca a linha na agulha e vai fazendo os pontos, vai repetindo, preenchendo, o tempo passa rapidinho e, quando você vê, tá bem mais calma" (sic).

Apesar de conferir, ao bordado, um sentido de prazer, J. expôs não bordar com frequência, em função de outras obrigações cotidianas, como o trabalho, afirmando que bordou o projeto realizado nesta pesquisa, pois "tinha que entregar, era um objetivo" (sic), demonstrando um funcionamento marcado por utilitarismo e produtividade, dinâmica comum na primeira metade da vida. Entretanto, contou que, após essa experiência, pôde perceber que é possível bordar apesar do trabalho, refletindo que tem vontade de voltar a bordar com maior frequência, visto que gosta muito dessa atividade.

O bordado realizado por J. foi composto por diversos elementos da natureza que formam uma paisagem, representando um local bucólico e idílico, considerado, pela participante, como o "sentido da vida" (sic) e "aquilo que o ser humano precisa" (sic). Em relação à natureza, Neumann (2000) afirma existir relação entre os elementos da natureza e o princípio feminino, o que permite pensar que J. tem uma boa integração do aspecto feminino na consciência, dado que foi o tema central do bordado, aparecendo, diversas vezes, na entrevista como aspecto importante para sua satisfação. Ainda, no discurso da participante, foi expressa a importância do cuidado com o meio ambiente: "precisamos ter um mundo saudável, eu sou ecossocialista e acho que a gente precisa lutar por esse mundo para as futuras gerações, a gente tem que fazer a nossa parte pela água, pelo ar, diminuir o lixo" (sic). Este modo de pensar indica uma preocupação coletiva com o futuro para além do círculo social de J., dinâmica comum ao longo do processo de individuação, em que o indivíduo compreende sua existência como coletiva, ampliando as formas de relacionamento que lhe dizem respeito (JUNG, [1921] 2011).

Em contraponto ao feminino representado pela natureza, J. também bordou um céu azulado e o sol, relacionados a aspectos do masculino, ou seja, parece que a psique da participante encontra-se em um momento de relação entre os aspectos do feminino e do masculino, atitude propícia na metanoia, dado ser um período em que a confrontação e união dos opostos é favorecida, por meio do diálogo mais intenso e profundo entre ego e Self (PANDINI, 2014). Segundo Martin (2012), o céu representa Deus, sua grandiosidade e poder, o que faz com que os seres humanos, ao olharem para o céu, conscientizem-se de sua pequenez

e daquilo que não é possível alcançar. Ao considerar o funcionamento psíquico durante a metanoia, tem-se o abalo da ilusão de superioridade e a reflexão acerca daquilo que se almejou, mas não foi possível alcançar, de forma que o indivíduo compreende não ter controle de muitas situações, o que, por sua vez, permite-lhe um contato mais profundo com conteúdos desconhecidos (HOLLIS, 1995).

Ainda sobre os elementos celestiais, ao considerar o sol como símbolo, Jung ([1916] 2000) compara a trajetória solar com as etapas da vida:

O primeiro quarto, situado a Leste, é a infância, aquele estado sem problemas conscientes, no qual somos um problema para os outros, mas ainda não temos consciência de nossos próprios problemas. Os problemas conscientes ocupam o segundo e terceiro quartos, enquanto no último quarto, na extrema velhice, mergulhamos naquela situação em que, a despeito do estado de nossa consciência, voltamos a ser uma espécie de problema para os outros. A infância e a extrema velhice são totalmente diferentes entre si, mas têm algo em comum: a imersão no processo psíquico inconsciente. (§ 795)

Nesse sentido, explicita-se que J. representa o sol entre o segundo e o terceiro quarto de sua trajetória, preparando-se para realizar sua descida, o que parece aludir à entrada na velhice, ao início do pôr-do-sol. Acerca dessas transformações, Jung ([1916] 2014) expressa a importância de valorizar o entardecer da vida, considerando-o repleto de significados.

Ao ser questionada sobre o estilo que escolheu para bordar o sol, em espiral, J. compara-o ao infinito, acrescentando que a realização desse desenho é comum no seu cotidiano: “às vezes, quando eu me pego rabiscando, eu faço muito rabisco e eu, normalmente, faço isso em espiral” (sic). O formato espiral, de acordo com Martin (2012), representa o crescimento e a transformação psicológica, tendo a dualidade como característica, o que pode indicar expansão ou contração, aumento ou redução, logo, engloba uma oposição. Esse símbolo, ainda, se relaciona com o infinito, uma vez que as linhas sem fim conectam as duas extremidades, portanto, representa continuidade e desenvolvimento, sendo um símbolo do processo de individuação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Ao bordar uma espiral, J. pareceu demonstrar estar voltada para tal desenvolvimento, o que permite a integração de polaridades psíquicas, em um movimento de encontro consigo mesma, característico da metanoia.

Outro item de destaque no bordado de J. são as árvores, elemento da natureza pelo qual a participante possui afeição. Ao amplificar esse símbolo, é possível relacioná-lo ao ciclo da vida, possuindo contato com o céu, através da copa, e com o submundo, através das raízes, assim, a árvore desenvolve equilíbrio e força conforme os anos (MARTIN, 2012). Ainda, Jung ([1951] 2011), ao discorrer sobre a necessidade de integração dos opostos consciente e

inconsciente ao longo do desenvolvimento psíquico, expressa: “Árvore nenhuma, sabemos, cresce em direção ao céu, se suas raízes também não se estenderem até o inferno” (§ 78). Nesse sentido, é possível compreender a árvore como símbolo do processo de individuação, o que sugere o envolvimento do ego da participante com a elaboração e integração de conteúdos do inconsciente, de modo a se relacionar de forma mais intensa com o Self, demonstrando vivenciar a maturidade de forma saudável. Ademais, ressalta-se que Jung ([1964] 2016) descreve a árvore como um exemplo de símbolo da evolução e maturidade psicológicas.

Apesar de não ter mencionado a imagem da casa na entrevista, J. demonstrou ter investido bastante energia nessa imagem, visto que realizou um bordado detalhado e totalmente preenchido, podendo aludir à estruturação da psique apta à vivência de experiências psíquicas, sendo seguro conduzir transformações e contatos com o desconhecido. Ao discorrer sobre o que o ser humano precisa, a participante retoma a importância da casa: "A gente precisa de um teto que nos abrigue do frio, calor e chuva" (sic), indicando outra representação simbólica da casa, que remete ao cuidado e abrigo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Ao bordar uma casa totalmente preenchida, mas com porta e janelas, J. parece expressar que tem uma relação equilibrada entre proteção e audácia, características importantes para um desenvolvimento saudável, além de denotar a psique como um sistema relativamente fechado (STEIN, [1998] 2006), ou seja, resguardado de influências externas, mas poroso o suficiente para deixar-se mobilizar e transformar mediante o contato com o outro exterior e interior, inconsciente.

Ao ser questionada sobre a frase bordada – “a linha que borda os sonhos é a mesma que costura a vida” (sic), J. esclarece que encontrou-a na internet e percebeu que se relacionava com a história, remetendo o uso da linha à metáfora da criação da vida: "Eu achei que ela casava bem com a história, a vida é uma só, né, então você pode usar ela com a mesma linha de sempre, né?" (sic). A partir desse relato, pode-se realizar um paralelo com os mitos de criação, em que Deusas da natureza tecem o mundo inteiro em um tear, assim como as Moiras na mitologia grega, responsáveis por criar e encerrar a vida de todos os seres. A segunda parte da frase remete a sonhos de vida, tema com o qual J. demonstra pouco entusiasmo: "eu já não tenho tantos sonhos a realizar, grande parte do que eu podia fazer, eu já fiz" (sic). Essa maneira de contemplar os sonhos e desejos é descrita por Hollis (1995), ao falar da esperança a partir da meia-idade, momento em que os pensamentos mágicos da infância e os desejos heróicos da juventude parecem tornar-se inadequados, uma vez que é tomada consciência da finitude e das limitações da maturidade. Por outro lado, ao romper as expectativas de esperança em diversas áreas da vida, o sujeito responsabiliza-se por seus atos e escolhas, ação marcante para a entrada na metanoia. Ainda, a frase bordada parece aludir ao reconhecimento da conexão entre mundo

externo e mundo interno, dado que possuem a mesma linha condutora, o que denota, novamente, a busca por equilíbrio entre polaridades.

Enquanto falava sobre o que gostaria de mudar no seu bordado, J. enfatizou o céu azul, que lhe lembra o Outono, sua estação favorita, tema também comentado no encontro em grupo: "o cair das folhas é no outono, com a renovação; eu nasci no outono, amo o outono. O céu do outono me deixa feliz, temperatura que não é nem fria nem quente" (sic). A partir desse relato, é possível identificar diversas representações da vivência da metanoia, dado que a renovação faz-se presente na busca de um novo funcionamento psíquico, diferenciando-se da personalidade construída na juventude, o que possibilita destacar o Outono como símbolo da entrada na meia-idade. Além disso, o equilíbrio, busca fundamental na metanoia, é referenciado quando J. descreve a temperatura durante esta estação - "nem fria, nem quente" (sic) -, dinâmica que remete à integração das polaridades psíquicas.

### 5.3 Análise da entrevista 02

Entrevistada: O.

Idade: 71 anos.

Escolaridade: Superior completo (Serviço Social).

Estado Civil: Solteira.

Filho(s)/a(s): 0 filhos.

#### Tecendo a meia-idade

Em seu relato, O. destacou sua relação com a atividade profissional, iniciada desde jovem, como forma de buscar independência, reconhecendo os estágios da faculdade como significativas experiências em sua vida. Diferente do padrão social, O. terminou a graduação após os quarenta anos, pouco antes de sua aposentadoria, explicando que começou a estudar jovem, mas não havia conseguido concluir o curso de Ciências Sociais, então retomou os estudos mais tarde, na maturidade, concluindo a graduação no curso de Serviço Social. A partir dessa exposição, é possível refletir sobre o que Pandini (2014) comenta em relação à fluidez do mundo do trabalho e da sociedade de forma geral, uma vez que, atualmente, as pessoas na meia-idade ainda buscam conquistas no mundo exterior, que podem indicar um caminho para transformações do mundo interior. No caso de O., houve o direcionamento da energia psíquica para os estudos, iniciando, assim, esta trajetória na aposentadoria.

O. contou, com bastante entusiasmo, sobre os estágios realizados no final da graduação, caracterizando-os como marcantes para a mudança de ponto de vista que tinha sobre as pessoas em situações de vulnerabilidade: "aquela pobreza e eu me achando a rainha da cocada preta, achando que era militante, exemplar, assim e tal. E eu me deparar com aquilo, realmente, foi um choque na minha vida" (sic). Pode-se perceber, através do relato, que O. vivenciou uma quebra de ilusões, reorganizando algumas das concepções sociais que possuía até então, movimento comum na metanoia, fase em que se encontrava durante o período do estágio. Hollis (1995) descreve que a ilusão de superioridade sofre abalos na metade da vida, o que conduz a um embate entre persona e sombra, visto que provoca questionamentos sobre a personalidade desenvolvida até então.

No tocante à experiência como aposentada, O. mencionou momentos de dificuldade em seu início: "Senti muita falta do trabalho, aí, eu cá numa depressão profunda, sabe? Passei pelo menos uns 2 anos, assim, no fundo do poço, sabe? Porque achei que fiquei sem referência;

antes, quando falavam de mim, eu era a O. do convênio de saúde, entendeu? E aí, eu não era mais do convênio de saúde" (sic). Segundo Hollis (1995), a depressão é um dos sintomas possíveis de surgir na transição da meia-idade, visto que, nesse período, o sujeito vivencia crises de individualidade e personalidade, devido à dificuldade de se afastar da persona construída. No caso de O., o afastamento do mercado de trabalho trouxe mudanças no papel social que estava acostumada a ocupar, demonstrando que a persona pode modificar-se de acordo com a etapa da vida, estando em constante desenvolvimento. Ademais, o aparecimento de sintomas ou doenças, como a depressão, indicam a necessidade de uma mudança significativa da consciência que, por sua vez, pode transformar-se através de experiências que envolvem o sofrimento (HOLLIS, 1995).

Apesar das dificuldades mencionadas, O. referiu-se aos quarenta anos como o "auge da vida"(sic), explicando que entende essa idade como o meio-termo, em que a mulher não é jovem, nem idosa. É possível identificar, nesta passagem, os arquétipos puer e senex mobilizando o ego da participante nessa etapa da vida, de forma a relacionar aspectos referentes ao puer, como curiosidade e liberdade, com aspectos aludidos ao senex, tais quais compreensão e sabedoria, possibilitando uma relação entre essas polaridades (PANDINI, 2014).

Os arquétipos do puer e do senex parecem traduzir uma das grandes oposições que a pessoa na metanoia pode enfrentar. São considerados um par arquetípico. Representando o(a) jovem e o(a) velho(a), trazem consigo uma série de potenciais e qualidades que, integradas, podem produzir equilíbrio na personalidade. (...) Na metanoia, a possibilidade de encontro com essas polaridades arquetípicas mobiliza a capacidade de olhar para novos aspectos da personalidade que brotam espontaneamente na personalidade consciente ou reconhecer aspectos negados ou reprimidos nos anos anteriores da vida. (Ibidem, p. 59-60)

Ao ser questionada sobre mudanças no estilo de vida após os cinquenta anos, O. dissertou sobre uma especialização em Gerontologia Social, realizada no Instituto Sedes Sapientiae, curso pelo qual interessou-se após trabalhar com um grupo de pessoas na terceira idade. Ainda, relatou outras experiências profissionais voltadas ao interesse social, como no Museu da Pessoa e no grupo Qualidade de Vida, em que se dedica a atividades para aposentados. Apesar de O. investir grande energia psíquica na relação com o trabalho e em sua formação, mesmo durante a metanoia, é possível constatar que, após a maturidade, passou a vivenciar essas atividades como fontes de criatividade e realização pessoal, encontrando uma sensação de pertencimento.

Segundo Pandini (2014), manter-se ativo no mercado de trabalho é um movimento que acontece, em decorrência das demandas da realidade externa, mas contribui com a relação ego-Self na metanoia, visto que indica impulso de vida durante a meia-idade. Nesse sentido, o mundo interno do indivíduo desenvolve-se, pois o ego está mais disponível a acessar conteúdos inconscientes nesta fase da vida, assim como as trocas entre ego e persona prosseguem, mediante o sujeito manter-se em atividades sociais no mundo externo. Freitas (2005) afirma que as trocas entre ego e persona possibilitam “[...] o encontro de uma maneira de ser, e estar com os outros, sem precisarmos, para isso, abandonar nossa individualidade, ou os símbolos operantes a cada momento” (p. 47).

Ainda sobre as atividades desenvolvidas por O., após a entrada na maturidade, a participante ressaltou um projeto coletivo de que participou, tendo, como fruto, a criação de uma república para idosos vinculada à prefeitura, trabalho pelo qual O. tem orgulho e admiração, enfatizando a possibilidade de trocas que pôde fazer durante esse período. Refletiu, também, sobre a meia-idade permitir maior espaço para esse tipo de ação, uma vez que a aposentadoria lhe permitiu dedicar-se a projetos pelos quais tem mais interesse, direcionando o cuidado que, anteriormente, era voltado primordialmente a familiares, para questões sociais, com as quais sempre foi conectada, através da "militância no trabalho" (sic).

Referente ao tema do cuidado, O. mencionou o papel da mulher na sociedade, atribuindo-lhe a função de "ser aquela que abraça a questão familiar, a questão do mundo" (sic), assim, indica, novamente, correspondência com o cuidado voltado para o outro. Ademais, retratou, de forma positiva, a característica de cuidado atribuída à mulher, considerando ter papel fundamental na humanidade: "Aí, eu acho que, para mim, ser mulher, eu entendo como uma dádiva, um presente de Deus. Até porque ele, Deus, quis nascer de uma mulher, né? Então isso, para mim, é importante. E, também, porque a mulher tem um papel primordial na vida nesse mundo porque ela dá conta das coisas, né? A mulher é aquela que faz um monte de coisa ao mesmo tempo, entendeu?" (sic). É possível identificar, nessa fala, a posição que O. atribui para si, como aquela que realiza diversas atividades, envolvendo o cuidado com o outro em suas condutas, atitude identificada ao longo da entrevista.

Ainda, pode-se perceber que apesar de O. encontrar-se na meia-idade, ainda enfatiza aspectos atinentes à primeira metade da vida, ao valorizar prioritariamente as atividades e as relações que se dão no mundo externo, o que culminou no quadro de depressão ao se aposentar e na conseqüente reação de buscar outra atuação no meio social atrelada a um papel profissional, além da manutenção de demandas conferidas pela sociedade no tocante às funções a serem desempenhadas pelas mulheres.

### Costurando a minha história

Em seu relato, O. discorreu ser uma pessoa voltada para a liberdade, colocando-se como uma mulher que "sempre buscou as coisas na vida" (sic), o que atribuiu ao falecimento da mãe quando tinha apenas dez anos, assim, foi criada, desde então, pela tia paterna e morou, também, com seu pai e quatro irmãos. Relembrou que o momento em que percebeu maior transformação em sua vida foi quando adentrou o mercado de trabalho, ação revolucionária para seu pai, que queria O. desempenhando o papel de mulher da casa, isto é, exercendo funções domésticas. Contou, então, que teve muita ajuda da tia, considerada sua mãe de criação, para encontrar um emprego e, a partir disso, ganhar maior liberdade financeira, de forma a comprar um apartamento sozinha.

Explicou a trajetória vivida desde o primeiro emprego: começou a trabalhar em uma metalúrgica e, com o auxílio de sua tia, passou a atuar em um convênio de saúde, em que permaneceu até se aposentar. No convênio, iniciou as atividades no sindicato, participando de inúmeras greves e desenvolvendo significativo apreço pelo movimento. Atribuiu esse envolvimento à sua história familiar, uma vez que seu pai participava do sindicato dos marceneiros, lendo o jornal do sindicato para os filhos no período da noite. Carreiro e Freire (2006) afirmam que a herança social influencia a posição de cidadão que o sujeito pode ocupar, sendo que algumas situações adquirem valor simbólico, assim, tornam-se um aspecto relevante na vida do indivíduo, interferindo na construção da história familiar. Nesse sentido, percebe-se que O. seguiu uma herança familiar, seguindo um caminho semelhante ao que o pai transmitia a ela e seus irmãos durante a juventude, de modo que o movimento sindical foi simbólico em sua história.

Novamente, O. enfatiza sua atividade profissional e conquista material, acrescentando que seu ingresso no movimento sindical foi influenciado por sua relação com o pai. Ainda que a participante afirme a busca pela liberdade e independência, estas se dão em relação a outras pessoas, o que sugere foco do mundo externo.

O. também rememorou momentos da infância, ao contar sua história com o bordado, assim, mencionou que costurar e bordar eram matérias da escola, uma vez que "naquela época, mulher tinha que saber fazer essas coisas" (sic), entretanto, só desenvolveu interesse pelo trabalho manual quando a avó e a mãe de consideração ensinaram-na. O. contou que ajudava a fazer bainha, ponto caseado e pregar botão nas roupas que a avó costurava. Da mesma forma que J., O. vivenciou o bordado como um saber feminino transmitido geracionalmente, demonstrando o que Tenchena (2016) apreende em sua pesquisa: "Bordar é um movimento

intrínseco no cotidiano das mulheres, presente na vida de minhas entrevistadas desde a infância, é o patrimônio recebido e transmitido pelas mulheres da família" (p. 113)

### As tramas da moça tecelã

Ao discorrer sobre o conto, O. explicou que optou por não representar o castelo criado pela moça, mas a casa, local em que a participante considerou ocorrer a situação de verdadeira felicidade durante a história, visto que a moça tecia aquilo que gostava, sem responder a demandas de outros: "eu vi que a verdadeira felicidade dela estava naquela casa, morando naquela casa simples, fazendo aquilo que ela sabia fazer, né? Eu pensei dessa forma" (sic). Neste discurso, O. parece descrever a mudança de polaridade que acontece na meia-idade, envolvendo maior necessidade de diálogo entre ego e Self, o que possibilita a revelação do que é considerado realização para o sujeito. Jung ([1916] 2000) relata que para haver integração psicológica, é necessária a conscientização dos polos opostos, de forma a equilibrá-los, o que parece referir-se à necessidade de O. de direcionar-se menos à vida laboral e ao plano material para, então, voltar-se à "casa simples" (sic), ou seja, à felicidade e completude não projetadas na relação com o outro, o que somente pode ocorrer mediante o encontro consigo mesma, inclusive seus aspectos inconscientes.

O. definiu a atitude de desfazer o tear como a parte favorita do conto, relacionando com a condição de "desmistificar" (sic) aquilo que era considerado ideal. Entrar em contato com a desilusão é característica marcante na metanoia, o que é descrito, por Jung ([1916] 2014), como o enfrentamento da trajetória realizada até então, necessitando da adaptação ao mundo externo e ao mundo interno, com vistas ao equilíbrio entre as necessidades de ambos. Essas mudanças enfrentadas durante a meia-idade têm relação com a transformação da qualidade da energia psíquica, que se torna mais criativa, humilde e equilibrada (PANDINI, 2014). É possível presumir que o momento de transformação tenha sido escolhido por O., justamente, por refletir sua necessidade psíquica diante da entrada na maturidade, sendo que, nesse momento, retomou passagens que considerou relevantes em sua trajetória, mas apenas referentes à sua atuação no mundo externo, como o choque social durante os estágios da faculdade após os quarenta anos e o diagnóstico de depressão após a aposentadoria.

Ainda sobre o ato de destecer, é possível identificar, no relato da participante, elementos da polaridade Criação-Destruição, pares que convocam transformação na metanoia, dado que o indivíduo torna-se mais consciente da destruição como um processo universal, o que permite a elaboração desta polaridade, contribuindo, assim, para maior responsabilização de seus atos.

Por conseguinte, ao buscar um equilíbrio na relação entre destruição e criação, amplia-se a possibilidade do sujeito entrar em contato com aspectos da criatividade, o que resulta na energia psíquica voltada a desenvolver novas atividades, mediante contato com elementos outrora inconscientes, evitando a repetição de velhos padrões de comportamento (FERRENTINI, 2019).

### Arrematando o bordado



*Figura 2 - Foto do bordado realizado por O.*

Assim como as outras participantes, O. qualificou o bordado como uma meditação, possibilitando uma relação mais íntima consigo mesma no momento presente: "eu vejo o bordado como uma meditação porque você tá fazendo aqueles pontos, preenchendo o contorno do risco e isso leva você para dentro de si, entendeu? E aí, você manda os seus pensamentos sei lá pra onde, eu só sei que eles desaparecem, você fica ali, bordando" (sic). Costa (2018) afirma que quando o trabalho manual é realizado de forma espontânea, as pessoas, frequentemente, o comparam com uma meditação, algo relatado por Jung ([1961] 1989), em

Memórias, Sonhos e Reflexões, ao reconhecer os recursos expressivos como possibilidades de descarga da tensão psíquica.

O bordado realizado por O. consistiu em cinco elementos, parecendo compor uma paisagem: uma casa, chuva, um sol, folhas coloridas e o tapete feito no tear. Ao ser questionada sobre o bordado, O. explicou cada item, acrescentando justificativas sobre o que a levou a bordar os respectivos desenhos.

Iniciou a explicação, falando da casa: "essa casinha pequenininha, que era a simplicidade da vida dela" (sic), retomando o momento em que a personagem compreende o que representa a felicidade genuína. Considerando a casa bordada por O., é possível amplificar este símbolo, relacionando-a à estruturação da psique, dado que, ao descrever o processo de individuação, Jung ([1961] 1987) relaciona-o com a construção da casa, considerada um símbolo que representa o abrigo e a proteção; um lugar de intimidade e privacidade. Assim, considerando a fase do desenvolvimento em que se encontra, pode-se inferir que O., ao voltar-se, predominantemente, ao mundo externo, representa a casa como indício da necessidade de vivenciar o processo de individuação de forma mais profunda, dedicando-se aos processos do inconsciente.

O. comentou sobre a nuvem com chuva em dois momentos: na devolutiva dos bordados em grupo e na entrevista. Durante o encontro em grupo, relatou ter feito a chuva representando a tristeza, em oposição ao sol, o que sugere certo equilíbrio psíquico, em que é possível existir aspectos tristes e felizes simultaneamente, despolarizando os opostos, movimento marcante na metanoia. Ademais, a própria chuva possui aspectos que evocam a união dos contrários, uma vez que é responsável por unir terra e céu (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Já na entrevista, O. descreveu a chuva com função de limpeza: "lavar tudo aquilo que ela tinha idealizado (...) é porque ela tava ressignificando a vida dela, é como se tivesse limpando tudo isso, essa coisa que ela idealizou e não a deixou feliz" (sic). Percebe-se que o símbolo bordado por O. está relacionado com o caráter arquetípico da água, envolvendo o ato de purificação primordial, representando "[...] literalmente uma solução" (JACOBI, [1964] 2016), p. 381). Ainda, o relato na entrevista explicita o momento de renovação após despir-se das ilusões da juventude, o que, novamente, remete ao movimento necessário durante a segunda metade da vida.

Relacionando as duas amplificações, pode-se traçar um paralelo entre tristeza e purificação, considerando que momentos tristes e de sofrimento possibilitam uma renovação, tal como exposto na entrevista de O., em que evidencia como os momentos difíceis transformaram-na. Hollis (1995) considera o sofrimento como pré-requisito para a

transformação da consciência, desde que seja enfrentado pelo próprio sujeito, possibilitando-lhe integrar, à consciência, partes negligenciadas de si.

Em relação ao sol, Chevalier e Gheerbrant (2001) afirmam ser um símbolo com diversas representações, contudo Jung ([1916] 2000) alude-o às fases de desenvolvimento da vida, conforme exposto na análise da participante J..

Nesse sentido, pode-se inferir que, ao bordar um Sol, a psique de O. pode estar voltada à reflexão das fases de sua vida, retomando o que já foi realizado e o que ainda quer realizar e, paralelamente, aproximando-se de forma mais concreta da finitude, do pôr-do-sol simbólico. Ademais, O. escolheu o primeiro quarto, a leste, para bordar o sol - quadrante que, conforme exposto, representa a infância, o que pode indicar o aspecto compensatório do símbolo, assim como a vivência da velhice como um renascer, representando o início de um novo ciclo, em que a participante encara a velhice com novas possibilidades e não somente, o fim da vida.

Na entrevista, O. informou a importância que o sol tem em sua vida, então destacou os dias ensolarados como energizantes, "que dão vontade de viver" (sic), enfatizando que fez raios vermelhos dentro do círculo irradiando para fora com a cor amarela, o que representa a "energia do Sol" (sic). Sob o prisma arquetípico, o Sol alude à regência heróica, uma vez esta pauta-se pela conquista, desbravamento do mundo exterior e energia da juventude, o que parece remeter à dinâmica da participante, ao buscar lançar-se ao desconhecido externo, ainda na metade da vida, visto seu anseio pela manutenção e renovação de atividades profissionais, contudo, a jornada em direção ao mundo interno – etapa heróica posterior - ainda parece carecer de aprofundamento.

O quarto elemento a ser analisado são as folhas espalhadas em torno da casa, representando, de acordo com a participante, o vento "que faz a gente voar para onde a gente quer" (sic). Concernente ao vento, Chevalier e Gheerbrant (2001) o consideram sinônimo de sopro, com função de mensageiro divino; somado a este aspecto, sob o referencial da Psicologia Junguiana, o divino tem relação com a manifestação do Self, representado pela imagem de Deus e, de acordo com Hollis (1995), a relação ego-Self intensifica-se na metanoia, assim, é possível compreender o vento bordado por O. como uma representação da necessidade de diálogo entre consciência e inconsciente, o que, por sua vez, possibilita uma vivência mais genuína, uma vez que aproxima o indivíduo de conteúdos desconhecidos sobre si mesmo. Além da relação com o divino, o vento também simboliza o intermediário entre Céu e Terra, o que indica a presença do equilíbrio psíquico, mediante a integração das polaridades consciente e inconsciente (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

No tocante ao bordado do tapete, a participante define-o como símbolo da felicidade: "ela voltou a ser feliz a partir do momento que voltou a tecer seus tapetes coloridos" (sic). Esta fala sugere que O. confere a felicidade à produção da moça tecelã, assim, atém-se a este aspecto em detrimento da transformação psíquica vivenciada pela mulher do conto como propiciadora de seu bem-estar consigo própria. Logo, a participante prossegue referindo-se à realização pessoal decorrente da atividade no mundo externo e não, do encontro com si mesma.

Por fim, a participante ressaltou ter interesse em rodas de bordado, pois entendia ser uma situação em que a estética não tem relevância, mas sim, o que "está dentro de você que é transferido para o tecido" (sic), indicando o aspecto projetivo que o bordado pode deter, a respeito do que Costa (2018) afirma operar como uma ferramenta de expressão simbólica.

#### 5.4 Análise da entrevista 03

Entrevistada: P.

Idade: 60.

Escolaridade: Superior Completo (universidade aberta a terceira idade).

Estado Civil: Casada.

Filho(s)/a(s): 01 filha.

##### Tecendo a meia-idade

Ao refletir sobre a meia idade, P. mencionou a aposentadoria como forma de descanso, após um longo período dedicado ao trabalho e ao sindicato, entretanto, somente considerou aposentar-se depois de desenvolver LER/DORT, uma doença ocupacional ocasionada por esforços repetitivos, sendo afastada do serviço por um período, o que permitiu P. experimentar a vida sem o trabalho cotidiano. Relatou que a decisão foi permeada por inseguranças, destacando o medo de "entrar numa depressão" (sic), situação que presenciou com pessoas conhecidas. Acerca deste período, P. também expôs o interesse em adotar um filho, associando a vontade de ser mãe ao tempo ocioso advindo da aposentadoria: "Eu tinha meu marido e a gente estava com uma ideia de adoção, eu me preparando para aposentar e ele já estava aposentado a algum tempo" (sic).

Logo, explicou que viveu a maternidade no início da maturidade, tornando-se mãe com quarenta e oito anos, processo que lhe causou frustrações, principalmente, em decorrência da demora e não efetivação de uma das adoções, visto que P. adotou duas meninas, no entanto, somente uma continuou sob sua guarda. No tocante a essas dificuldades, P. reconheceu a complexidade vivida, mas pareceu encará-la de forma educativa: "Ela veio pequena, tinha cinco anos, foi um processo de aprendizagem, de reconhecer suas falhas e tentar ser melhor, né?" (sic). A ressignificação das dificuldades vividas como um processo de aprendizagem demonstra uma sabedoria advinda com a metanoia e, de acordo com Pandini (2009), o conhecimento de si mesmo adquirido na meia-idade contribui com a construção de recursos internos, promovendo maior administração de sentimentos e comportamentos.

Ainda sobre esse momento, P. discorreu brevemente sobre o diagnóstico de câncer que recebeu entre a decisão de aposentar-se e a adoção da filha, ressaltando que o principal pensamento que tinha era a filha que chegaria em sua vida. Ainda, comentou que, após o diagnóstico, percebeu mudanças na maneira como tomava decisões, visto que, quando jovem,

"deixava as coisas para depois" (sic), com o objetivo de guardar dinheiro e, agora, toma decisões com menos cautela, respeitando os gostos e vontades próprios quando surgem. Apesar da relação com o que é desejado tornar-se mais genuína na meia-idade, Pandini (2009) discorre que enfrentar situações de doença nesse período faz o sujeito deparar-se com a diminuição da vitalidade, entrando em contato com a finitude, o que pode trazer transformações e renovações, como pareceu ser o caso de P..

Ao ser questionada sobre a experiência de ter uma filha pequena com cinquenta anos, P. relembrou que não queria ser "mãe idosa" (sic), considerando a idade com que se casou, vinte e oito anos, ideal para se tornar mãe. Teve o primeiro filho pouco tempo depois do casamento, entretanto, a criança nasceu com paralisia cerebral, falecendo cerca de um ano depois, circunstância que a fez ter maior foco nas questões do trabalho, adiando a maternidade. Relembrou uma amiga que se tornou mãe com quarenta anos e conseguiu acompanhar o crescimento do filho, situação que motivou P. a considerar a maternidade como uma mulher mais velha. Através do relato, pode-se afirmar que a participante optou pela maternidade em um período da vida em que ocorre a metanoia, caracterizada pela energia psíquica direcionada, principalmente, ao mundo interno do sujeito. Carvalho (2015) discute a maternidade tardia como possibilidade de autorrealização para aquelas mulheres que adiaram o tornar-se mãe, em função de questões externas, como o trabalho e o sindicato para P..

Ao mesmo tempo em que demonstrou estar em um contexto de cuidado com o outro, como acontece na maternidade, P. também considerou o desenvolvimento da individualidade, compreendendo que, mediante a maturidade, passou a ter outro tipo de autocuidado, respeitando mais suas necessidades e desejos, atitude presente na metanoia: "eu vejo esse amadurecimento de agora como um momento de mais tranquilidade, então se eu tô cansada e não tenho nada para fazer, eu vou dormir, dane-se o mundo lá fora; se eu tô com sono, eu deito e durmo de tarde, algo que eu nunca faria antes" (sic). Ao falar sobre o papel de cuidado que exerce, P. definiu o ato de cuidar como algo da mulher, do feminino: "dentro de casa, ele [homem] até cuida do filho, mas a carga mais pesada, de acompanhar, ir no médico, a questão do cuidado mesmo é do feminino e fica muito clara essa divisão feminino e masculino" (sic).

No discurso de P. também aparece o contato concreto com a morte, enquanto vive o período da metanoia, ao contar sobre alguns amigos que faleceram, o que trouxe reflexões sobre a qualidade da vida que está levando, assim como das relações afetivas com pessoas queridas: "se quero ver algum amigo, eu vou no mesmo dia, ninguém sabe o dia de amanhã. E acho que tem, também, a questão do arrependimento porque já estamos chegando numa idade em que alguns amigos estão ficando doentes, outros morrendo" (sic). Desta forma, pode-se

perceber, na meia-idade, a ambiguidade de se relacionar com a finitude de maneira próxima, ao mesmo tempo em que surgem novas necessidades atinentes à relação com o outro e ao desenvolvimento de questões pessoais.

### Costurando a minha história

A maternidade, tema presente em diversos momentos da entrevista, é o primeiro tópico sobre qual P. reflete ao elencar momentos importantes de sua vida, então relembrou o período de gestação, relatando, de maneira positiva, a percepção das transformações de seu corpo, considerando um momento único em sua história. Entretanto, após o parto, P. discorreu acerca das dificuldades que vivenciou: "Aí, eu passei por uma fase muito ruim, de muito aprendizado, meu filho nasceu com paralisia cerebral e foi muito pesado" (sic), acrescentando que, antes dessa vivência, era uma pessoa medrosa, preguiçosa, sem repertórios para lidar com adversidades, características não mais presentes, visto que P. precisou enfrentar circunstâncias nunca imaginadas, as quais, como mencionado por ela, trouxeram aprendizados.

Considerando o relato, é possível afirmar que P. vivenciou um luto antecipatório, caracterizado como um processo de adaptação frente a uma morte anunciada, o que provoca o contato com um acontecimento de ordem brutal e aniquiladora (JUNG, [1961] 1987). Conforme exposto na categoria Tecendo a meia-idade, P. afastou a ideia da maternidade após a morte do filho, atitude que pode ser concebida como uma reação de negação e isolamento, indicando um impacto no sentimento de esperança e justiça que o indivíduo sofre ao entrar em contato com a finitude (GONZAGA, 2021). Na entrevista, a temática da morte apareceu em outro momento, ao narrar o falecimento de sua mãe quando adentrava a fase adulta. P. relatou o acontecimento de maneira breve, enfatizando o fato de muitas tragédias acontecerem em um curto período de tempo.

Em relação à história com o bordado, contou que, desde criança, faz outros tipos de trabalho manual, mas a prática de bordar tornou-se mais presente no período em que tirou licença do trabalho devido ao cuidado especial que o filho demandava: "era algo que distraia a mente porque era muito difícil ficar com uma criança que não reagia às emoções, era muito pesado. Eu fiz muito ponto cruz nessa época, comprei material, revistas que ensinavam, depois, fiz bordado com fita" (sic). P. descreveu que o trabalho manual teve função de distração, tornando-se um momento em que permanecia concentrada na atividade com as mãos e nos pontos sendo formados, levando-a a esquecer questões externas de seu momento presente. Segundo Philippini (2009 apud PINA, 2011), o bordado e a costura ensinam sobre a relação de

cuidado, minúcia, atenção e concentração, proporcionando momentos de paciência, desaceleração, delicadeza e ordenação.

P. retomou momentos da infância em que observava a mãe criando peças através das mãos, desde bordar detalhes em tecido de sacaria até vestidos de noiva. Contou, com admiração, acerca dessas habilidades, explicando que, a partir desse contato, desenvolveu apreço por artesanato e artes em geral, principalmente, quando começou a fazer fuxico de tecido, o que aprendeu, quando criança, a fim de distraí-la em dias chuvosos. Ainda, lembrou os aprendizados de crochê e tricô, transmitidos pela mãe e praticados até os dias de hoje, complementando que mantém a tradição familiar de oferecer de presente produções artesanais para pessoas queridas: "acho que tem uma coisa que eu faço igual ela, que no dia das mães, ela fazia carteira de crochê para dar para as tias, era o presente esperado da família. E eu cresci, vendo minha mãe fazer essas coisas, hoje, eu faço muito artesanato e dou tudo de presente" (sic). Novamente, é constatada a transmissão geracional feminina do bordado e de outros artesanatos, o que possibilita compreendê-los como promovedores do encontro com a ancestralidade feminina.

#### As tramas da moça tecelã

Assim como nas entrevistas anteriores, P. discorreu sobre a desilusão vivida pela moça do conto: "perceber que o que ela queria não corresponde com o que de fato lhe traz felicidade" (sic); assim, destacou o momento de decepção da personagem frente ao que desejava. Tal como as outras participantes, enfatizou a atitude de desmanchar o que foi construído, com o objetivo de "voltar a ser feliz" (sic), comparando os sentimentos envolvidos na construção e na destruição: "Primeiro, a emoção de descobrir o que ela consegue fazer com o tear e aí, de repente, a desilusão tão grande, que ela tem que desconstruir o mundo inteiro que ela construiu" (sic).

Hollis (1995) descreve o choque entre a personalidade adquirida na primeira metade da vida e as demandas do Self presentes na metanoia como um processo de mudança de direção da energia psíquica. A partir dessa experiência, o indivíduo desenvolve maior capacidade de refletir sobre as escolhas realizadas, o que contribui com a transição psíquica exigida durante a metanoia, possibilitando a coexistência consciente dos polos psíquicos, de modo a atenuar a polarização consciente-inconsciente comum na primeira metade da vida. Nessa passagem, a sombra é convocada a aparecer, o que permite, ao indivíduo, observar qualidades que tinham sido reprimidas ou passado despercebidas até o momento, estabelecendo novas perspectivas

acerca dos papéis sociais exercidos e trazendo novas manifestações de desenvolvimento e criação (JUNG, [1959] 2014).

Em relação à passagem do conto de que mais gostou, P. ressaltou a possibilidade de construção, narrada no início do conto, caracterizando-a como um momento de encanto: "eu gostei muito quando ela construía as coisas, então ela tava com fome e fazia o peixe; tá com sede, fazia a água, então é isso, o que eu mais gostei foi esse momento de encanto, no começo da história, que parece até meio infantil, mas faz você viajar, te permite viajar na história" (sic). É possível presumir que P. tenha escolhido esse trecho como favorito, visto ser o período anterior à desilusão, logo, às mudanças e conflitos enfrentados na metanoia, dado que essa transição é acompanhada da "[...] sensação de traição, fracasso das expectativas, o vazio e a perda de significado" (HOLLIS, 1995, p. 35). Nesse sentido, a participante parece manifestar a metanoia como oposta ao encanto da infância, indicando uma relação entre puer e senex.

Na teoria junguiana, os arquétipos puer e senex representam, respectivamente, o arquétipo da criança e o arquétipo da velhice, ambos mobilizados durante a metanoia, porém suas manifestações emergem durante toda a vida, podendo alternar-se na consciência ou, então, aparecerem de forma concomitante. A partir da articulação dos dois polos, ou seja, da integração consciente das polaridades opostas, é possível desenvolver uma consciência mais criativa e equilibrada (PANDINI, 2014).

### Arrematando o bordado



**Figura 3** - Foto do bordado realizado por P.

P. iniciou seu relato sobre o bordado, salientando os estados de atenção e concentração que alcança enquanto exerce o trabalho manual, denotando um movimento introspectivo a ponto de não perceber o tempo passar: "Eu percebo que eu fico muito concentrada, fazendo, contando pontos, tentando fazer certo para não desmanchar. Eu procuro prestar muita atenção (...). Eu percebo que eu fico num transe, sabe? É uma introspecção tão grande que, quando você termina, eu olho e penso: caramba, eu fiz tudo isso. E eu fico sem perceber os estímulos ao redor" (sic). Esta maneira de vivenciar a passagem do tempo é nomeada Kairós, definido como o tempo vivido de forma subjetiva, não necessariamente coincidindo com o tempo cronológico, experiência que Costa (2018) afirma ser comum durante práticas manuais, como o bordado.

P. relembrou o período da pandemia de COVID-19, em que envolveu-se mais com a prática do bordado, através de *lives* no *Youtube* e *Instagram*, salientando que está acostumada a bordar a partir de modelos, dificilmente, cria algo desde o início, de modo a comparar com o que foi realizado nesta pesquisa. Explicou que consegue imaginar, mas encontra dificuldades de execução, concluindo que "para ter criatividade, tem que ter liberdade" (sic). No que diz respeito ao ato de criar, Von Franz ([1964] 2016) menciona que as ideias criativas propiciam, ao indivíduo, realizar conexões com o inconsciente, adentrando o mistério da vida, o que indica uma inversão da frase de P., uma vez que para ter liberdade, é necessária a criatividade, contudo, acredita-se que ambas as sentenças são válidas, pois se considera que liberdade e criatividade conectam-se mutuamente.

P. relatou que começou a trabalhar mais a criatividade após participar do grupo de bordado com as amigas aposentadas, exercendo função de professora, o que a fez pesquisar mais detalhadamente sobre o trabalho com o bordado: "então eu fui procurar como ensinar e, aqui, eu usei muito minha criatividade porque eu fui, a fundo, pesquisar bordado, como ensinar, fui na internet, peguei as revistas daqui de casa, pensando em como ensinar o básico, estudei bastante e acho que, na hora do aperto, a criatividade funciona melhor" (sic).

O bordado realizado por P., diferente das outras participantes, não representou uma paisagem, sendo composto por uma frase circular, ao redor do tecido, com uma imagem ao centro. Retomando o primeiro encontro da roda de bordado, P. expressou dificuldade de iniciar a atividade, criar algo "do zero, de forma espontânea" (sic), entretanto, após realizar o desenho de um círculo no tecido, o fazer de P. tornou-se fluido e ela realizou o desenho de forma espontânea, iniciando com uma frase autoral. É possível relacionar o círculo feito por P. com as mandalas, as quais, conforme Jung ([1959] 2014), representam um espaço seguro para o diálogo entre ego e inconsciente devido à contenção a que remetem, configurando-se como

valiosas técnicas para expressão simbólica. Sendo assim, pode-se considerar que, ao criar um espaço de continência - o desenho do círculo no tecido -, P. criou um ambiente seguro para se expressar, o que possibilitou superar sua insegurança relativa à criatividade.

Considerando o aspecto arquetípico do círculo, sua representação remete à natureza cíclica do universo e à continuidade da vida. Em diversas culturas, o círculo representa a totalidade, tendo o centro como origem de todas as coisas, assim como a psique, na teoria Junguiana, cuja totalidade e centro organizador são definidos como o Self (OSTETTO, 2009). Diante do exposto, ao elaborar um círculo e bordar uma frase circular, P. indica estar se relacionando com aspectos da totalidade psíquica ao mesmo tempo em que considera sua individualidade, fortalecendo, assim, o diálogo entre o ego e o Self, aspecto saudável a ser vivenciado na metanoia.

Em relação à frase, P. expressou que refletiu sobre o desejar e o querer, ressaltando que independente do que você deseja, "um ser supremo já tem outras linhas escritas para a sua vida" (sic). Considerando o papel do Self na dinâmica psíquica, compreende-se que esse ser supremo pode aludir ao Self, simbolizado pela imagem de Deus na psique humana, ou seja, um poder superior que habita a alma, ideia que Jung ([1921] 2011) afirmou existir em todas as culturas.

A força determinante (Deus) que atua a partir dessas profundezas é refletida pela alma, isto é, ela cria símbolos, imagens, e ela mesma é pura imagem. Por essas imagens ela transfere as forças do inconsciente para a consciência. Dessa forma ela é vaso e transmissor, um órgão de percepção dos conteúdos inconscientes. O que ela percebe são símbolos. Mas símbolos são energias configuradas, forças, isto é, ideias determinantes que têm grande valor tanto espiritual quanto afetivo. (Ibidem, § 466)

Ainda sobre o desejo, percebe-se que P. demonstrou um raciocínio rígido, desconsiderando seu lado instintual, visto que sente a necessidade de controlar o que quer desejar: "antes de achar aquilo que eu quero, eu tenho que ponderar" (sic). Pensando nas dinâmicas da metanoia, o indivíduo, na meia-idade, possui potencial para uma relação mais livre com seus desejos e capacidade criativa. Pode-se dizer, então, que o ego de P. demonstra maior rigidez, o que resulta em uma menor espontaneidade frente aos desejos e à criatividade, como mencionado pela participante em momento anterior. Entretanto, é fundamental considerar aspectos da história de vida de P., uma vez que foram constatadas, ao longo da entrevista, diversas situações complexas de quebra de expectativas em sua trajetória, o que pode desdobrar no pensamento frequente de "fazer uma autocrítica, pensando se é realmente isso mesmo que desejo" (sic).

Dando continuidade à análise da frase, P. comentou ter bordado a palavra cuidado de laranja/amarelo, em decorrência de dois motivos: 1) acreditar que a frase inteira bordada com linha preta ficaria "muito pesado" (sic), considerando bordar cada palavra de uma cor, mas mudou de ideia porque achou que ficaria "feio" (sic) e 2) acreditar que as cores amarela e laranja significam "sinal de alerta, ficar atento" (sic), remetendo a "tomar cuidado com esses desejos que, às vezes, você fica igual ela, desiludida" (sic). O primeiro motivo remete ao equilíbrio, novamente presente no bordado e no relato, na medida em que a participante pensou em dois extremos, colorido ou preto, então optou por uma solução intermediária - colorir aquilo que precisava ser ressaltado -, ação que remete à dissolução e integração de polarizações características da metanoia (HOLLIS, 1995). O segundo motivo envolve um aspecto pessoal da participante, que considera importante ter cuidado com o que é desejado, tendo em vista o evitamento da desilusão, sentimento que pareceu ser presente em diversos momentos de sua vida, como no falecimento do filho tão desejado e na quebra de expectativas durante o processo de adoção de que participou.

No centro do bordado, J. fez um castelo e uma casa, ambos possuindo diversos detalhes, com preenchimento completo do desenho. Em relação ao castelo, P. afirmou que escolheu bordar essa imagem, pois, na história, ele "desmorona" (sic), representando a "ostentação que ruiu" (sic). É possível comparar o destino que o castelo teve na história com a transformação psíquica durante a metanoia, explicada, por Stein (2007 apud PANDINI, 2014), como uma explosão da psique que possibilita a renovação da paisagem psicológica, o que leva o indivíduo a buscar um sentido maior para sua existência, abandonando valores e interesses construídos na juventude e na vida adulta. Esse tema também parece ter relação com o simbolismo presente na chuva bordada ao lado do castelo que, de acordo com a participante, representa a desilusão pela qual a personagem do conto passa.

Ao falar da estrutura do castelo, P. ressaltou que escolheu uma linha especial, brilhante, com tom de cobre "para mostrar que o castelo era poderoso" (sic). A partir dessa fala, é possível compreender que, ao fortalecer o castelo com linhas diferentes, P. traz o aspecto simbólico dessa imagem, que alude à defesa, abrigo e acolhimento, possibilitando um isolamento das ameaças exteriores, ação que pode ultrapassar o caráter de proteção, tornando-se repressão, característica sombria que o castelo também carrega. Considerando que P. borda esse castelo justamente porque ele é destruído, pode-se supor que a participante está vivenciando um processo de crise, como é descrita a metanoia, enfrentando as desilusões.

Em relação à casa, P. afirmou que foi o primeiro elemento que sabia que iria bordar, desenhando diversos modelos no rascunho, antes de começar os desenhos no tecido. Ressaltou

que a intenção do bordado foi representar uma casa simples, com piso térreo, optando por incluir uma árvore ao lado para evidenciar a riqueza da natureza presente no conto. O simbolismo da casa, como mencionado nas análises anteriores, remete à estruturação psíquica, abrigando lembranças, sonhos, conteúdos reprimidos e elementos desconhecidos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Jung ([1961] 1987) relaciona o processo de construção da casa com o processo de individuação, entretanto, chama a atenção o fato da casa bordada por P. não ter portas ou janelas, mostrando-se inacessível, o que, de acordo com Buck (2003), representa um indivíduo que não vê seu interior e não está disponível para relações genuínas com o mundo externo. É possível inferir que esse não seja o caso de P., visto que os outros elementos do bordado e do relato não indicam esse funcionamento, no entanto, a relação com o mundo interno parece ser um ponto de atenção em seu caso.

A participante compara a casa e o castelo, ao discorrer sobre satisfação e realização, bem como refletir acerca de aquisições materiais não serem sinônimo de felicidade, então relembrou a expressão popular "pobre menina rica" (sic), relacionando-a a pessoas que não tem afeto, somente riqueza material. Esse discurso pode representar uma atitude compensatória comum durante a metanoia, em que o que antes era valorizado perde o significado, possibilitando que a outra polaridade venha à consciência (WHITMONT, [1969] 2010). No caso de P., que se dedicou ao trabalho, campo racional e material durante a juventude e a vida adulta, surge a importância primordial conferida ao afeto, à felicidade genuína e às escolhas simples, representados pela casa, moradia que a participante escolhe como o lugar de desejo, ao ser questionada pela pesquisadora.

Ao refletir sobre mudanças no que foi bordado, P. explicou que gostaria de ter feito uma nuvem mais escura para representar uma tempestade, justificando que a chuva que fez ficou leve como uma chuva de verão, mas o sentimento de desilusão que queria representar assemelhava-se mais às características de tempestade. Em relação ao símbolo desse fenômeno natural, Martín (2012) discorre:

As tempestades definem-se como violentas perturbações atmosféricas que trazem chuva, granizo ou neve, frequentemente na companhia de fortes ventos, trovões e relâmpagos. A tempestade, transcendendo a iniciativa e o controle humanos, pode ser um fenômeno meteorológico espetacular, o que faz dela uma metáfora natural da agitação espontânea nos assuntos comuns da vida que podem ser aniquiladores ou transformadores. (p. 68)

Nesse sentido, é possível relacionar a tempestade com a crise que acompanha a metanoia, definida por Sharp (1990 apud PANDINI, 2014) como "[...] um dinamismo do inconsciente, cujo objetivo é forçar a pessoa a ingressar em um novo nível de consciência" (p. 43). O autor reflete sobre a crise da metanoia promover a oportunidade de iniciar uma nova forma de estar no mundo, através de um caminho que ressignifique acontecimentos anteriores, de modo que o indivíduo relacione-se mais intensamente com a realidade interna, a fim de se aproximar da conscientização gradativa da totalidade psíquica.

Por fim, a participante demonstra grande satisfação com o trabalho realizado, afirmando sentir orgulho do bordado que fez e identificando, na peça, um processo de superação: "na medida que eu fui bordando, eu fui vendo o valor disso, foi dando satisfação e contentamento por ter feito. E assim, eu fiquei muito feliz de ter conseguido desenvolver esse tipo de coisa e fiquei feliz, também, de ter conseguido fazer a árvore que eu aprendi recentemente e nem tinha treinado ainda; acredito que, nesse bordado, tenha um pouco de superação" (sic). É possível identificar, na fala de P., a importância do trabalho manual e autoral para a autoestima e autoconfiança, visto que o ato de criar promove sentimentos de satisfação e identificação (GUEDES; GUEDES; ALMEIDA, 2012). Segundo Bernardo (2007 apud COSTA, 2018), as vivências criativas proporcionadas pelas artes e artesanatos podem propiciar diminuição da rigidez diante das dificuldades que o indivíduo possa enfrentar, sejam elas internas ou externas, desenvolvendo, assim, novas possibilidades de enfrentamento. Essa função foi percebida no relato de P. que, apesar da dificuldade relacionada a iniciativas criativas, pôde encontrar, no bordado, a sensação de superação, realizando sua capacidade de criar a partir das próprias ideias.

## 6 Conclusão

A partir das análises dos bordados realizados e das entrevistas semi-dirigidas, divididas em quatro categorias temáticas, foi possível concluir que o bordado, quando realizado de forma espontânea, logo, sem a utilização de modelos pré-formatados, pode ser um recurso projetivo. Considerando os bordados realizados na pesquisa, essa modalidade de trabalho manual foi percebida como imbuída de linguagem simbólica, visto que representa a realidade de quem borda, podendo ser considerado uma forma de expressão que envolve movimentos introspectivos, o que possibilita o surgimento de conteúdos inconscientes, sejam eles de cunho pessoal ou coletivo.

O bordado, nesse sentido, apresenta-se como uma possibilidade de descarregar a tensão energética da psique, dado que, como mencionado por todas as participantes, permite um estado de concentração, no qual tem-se maior conexão consigo mesmo, promovendo maior equilíbrio psíquico. Além de propiciar a autorregulação psíquica, o trabalho com fios e linhas pode ser transformador para quem borda, visto que favorece a relação inconsciente-consciência a partir da emergência de símbolos que, quando elaborados pelo ego, podem ser integrados à consciência, favorecendo o processo de individuação.

No que concerne aos elementos presentes nos bordados das participantes, pôde-se identificar a repetição de algumas imagens, dentre estas, destacam-se as expressões de casa e de elementos da natureza, como sol, árvores e chuva, associados, pela pesquisadora, às experiências e transformações da metanoia, principalmente, no que diz respeito à busca do equilíbrio entre as polaridades da psique. A pesquisa permitiu identificar que duas participantes vivenciam o processo de individuação de forma mais profunda, dedicando-se aos processos do inconsciente e à compensação da unilateralidade consciente vivida na primeira metade da vida, indicando maior diálogo entre ego e o Self, ao passo que uma participante pareceu prosseguir em uma dinâmica esperada na primeira metade da vida, contudo, seu bordado foi imbuído de símbolos que denotam a necessidade de contato com o mundo interno.

A respeito da relação que as participantes possuem com o bordado, constatou-se que os ensinamentos das práticas manuais foram transmitidos a elas pelas gerações anteriores de mulheres, como mãe, avós e tias, demonstrando o caráter cultural e feminino que o bordado carrega. Ainda, foi identificada mudança nessa tradição transgeracional a partir do uso de tecnologias de divulgação do fazer manual, como as *lives* em redes sociais que ensinam a bordar, criando uma roda de bordado digital, formato de interesse de todas as participantes, que

relataram participar dessas atividades com maior frequência durante a pandemia de COVID-19, encontrando trocas possíveis para desenvolver o trabalho manual no ambiente virtual.

Em relação ao conto "A moça tecelã", de Marina Colasanti ([1982] 2004), foi possível perceber que as participantes identificaram-se com a história, o que facilitou que elas entrassem em contato com questões pessoais, trazendo dificuldades e angústias, bem como relacionando aspectos da história com vivências pessoais. A respeito dessa dinâmica, Von Franz ([1915] 2008) descreve os contos de fada como histórias arquetípicas, carregando características tanto individuais como coletivas, o que possibilita, à pessoa que entra em contato com a narrativa, identificar-se com a história através das próprias vivências, o que, por sua vez, confere flexibilidade de significados ao conto.

As reflexões realizadas a partir do conto trabalhado, foram similares entre as participantes, sobressaindo o momento em que a protagonista encontra-se insatisfeita com o rumo de sua vida, decidindo desmanchar o marido e o palácio que teceu, assim, retomando o controle de sua própria vida. Essa vivência foi considerada, pelas participantes, sob duas óticas diferentes: representativa da desilusão em relação a algo que parecia fazer sentido, mas demonstrou-se penoso, bem como aludida à coragem para transformar essa situação. Os aspectos destacados remetem a características marcantes da metanoia, envolvendo um movimento da energia psíquica direcionada ao desenvolvimento interno da personalidade, o que permite criar novos significados para a existência pessoal, enfrentando, assim, a trajetória realizada até então. Hollis (1995) menciona esse processo de mudança de orientação da energia psíquica como resultante de um choque entre a personalidade adquirida na primeira metade da vida e as novas demandas advindas do envelhecimento, o que pode ocasionar sentimentos de desilusão, ao mesmo tempo em que possibilita maior capacidade de reflexão sobre as escolhas realizadas, estabelecendo, assim, novos padrões de personalidade, mediante a ampliação da consciência.

Foi possível observar que a maioria das questões emergentes são comuns à fase vivenciada pelas participantes, a metanoia, processo psicológico em que o diálogo ego-Self ocorre de forma mais aprofundada, o que proporciona a percepção e a integração de polaridades de distintos âmbitos da psique, trazendo sensação de unicidade, em que é possível estar no meio coletivo sem distanciar-se da individualidade. Nos discursos, a liberdade de seguir o que se deseja foi tema comum, demonstrando que as participantes estão vivenciando uma relação intrapessoal de maior sinceridade, correspondendo, assim, ao movimento esperado na metanoia, em que a energia psíquica está voltada para o mundo interno.

Ainda sobre as vivências pessoais, o trabalho e a militância foi tema comum em todas as entrevistas, aparecendo como relevantes na fase adulta das participantes, o que corresponde ao desenvolvimento da persona, cuja função inclui a adaptação do indivíduo frente às suas obrigações sociais e aos papéis que exerce. A partir da meia-idade, após dedicarem grande parte da energia psíquica a questões sociais e relacionais atinentes à realidade externa, as participantes parecem experienciar um momento de maior introspecção. Entretanto, todas ainda se relacionam com atividades empresariais em grupo de aposentadas, trabalhos voluntários, assembleias ou sindicato, o que permite concluir que o diálogo ego-persona ainda recebe significativo investimento, aspecto considerado positivo por Pandini (2014).

[...] é muito importante o contato do ego com a persona. Isso permite que toda a expressividade do self seja realizada por meio dos diversos papéis que a pessoa pode exercer. Proporciona também o desenvolvimento da capacidade de não se enrijecer numa única forma de desempenhar tais papéis. Nas trocas com o social é que a pessoa na meia-idade pode reconhecer dissonâncias entre os sentimentos a respeito de si, sua autoimagem e a imagem projetada pela sociedade a respeito das pessoas que estão nessa faixa etária. (p. 152)

Diante das análises realizadas nesta pesquisa, foi possível concluir que o processo da metanoia envolve questões fundamentais da existência humana, mobilizando aspectos do passado e do futuro, podendo, nesse sentido, proporcionar diversas transformações na personalidade de quem vive a meia-idade. Considerando o exposto, é papel da Psicologia acolher os adultos que estão adentrando a maturidade, de modo a contribuir com a criação de espaços seguros para a reflexão acerca das transformações advindas da entrada no envelhecimento, portanto, favorecer que a vivência da metanoia seja de fortalecimento e ressignificações da individualidade. Nesse sentido, o bordado pode atuar como ferramenta de expressão dos conflitos e crises, assim como das potencialidades vivenciadas por essa faixa etária, uma vez que se trata de um instrumento eficaz para projeção de conteúdos inconscientes e, por consequência, pode auxiliar na integração destes, mediante a elaboração dos símbolos emergentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCK, J. N. **H-T-P Casa-Árvore-Pessoa**, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação. São Paulo. Vetor, 2003.

CARRETEIRO, T. C.; FREIRE, L. de L. De mãe para filha: a transmissão familiar em questão. In: **Psicologia Clínica**, v. 18, n. 1, 179–191, São Paulo, 2016.

CARVALHO, H. C. L. de. **Um estudo sobre a maternidade tardia e sua relação com a individuação feminina**. São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CATTA-PRETA, M. V. Diálogos entre Nise e Jung: a obra expressiva de Nise da Silveira e suas contribuições para a psicologia analítica. In: **Junguiana**, v. 39, n.1, 111-126, São Paulo, 2021.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. [1982]. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CHIARI, G. G. **Urdiduras da condição social feminina em contos maravilhosos**: uma análise comparativa de Rumpelstiltskin e A moça tecelã. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/163278>>. Acesso em: 03 mar. 2023.

COLASANTI, M. **A moça tecelã**. [1982]. 19. ed. São Paulo: Global, 2004.

COSTA, P. E. W. **A trama em atitude simbólica**: um olhar da psicologia analítica de Jung sobre mãos que costuram, bordam e tecem. São Paulo, 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

FERRENTINI, T. M. **Psicologia analítica e orientação profissional e de carreira**: contribuições para atendimentos na metanoia. São Paulo, 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo.

FIORINDO, P. P. Arteterapia e Psicologia Analítica. In: **Revista Pandora Brasil**, n. 61, [n.p.], [s.l.], 2014.

FONSECA, E. L. O bordado como representação simbólica no atendimento arteterapêutico. In: **Arte Revista**, v. 5, 43 – 56, [s.l.], 2015.

FREITAS, L. V. Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana. In: **Psicologia USP**, v. 16, n. 3, 45-69, São Paulo, 2005.

FREUD, S. Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. IN FREUD, S.; GARCIA-ROZA, L. A. **Sobre a concepção das afasias/As afasias**. [1891]. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

GAETA, I. P. Arteterapia junguiana: uma leitura da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961) através das mandalas. In: **Revista de Arteterapia da AATESP**, v. 7, n. 2, 63-80, São Paulo, 2016.

GAETA, I. P. **psicoterapia Junguiana, calatonia e arte**. In: Psicologia Revista, v. 18, n. 1, 81-98, São Paulo, 2010.

GAETA, I.; HAYAR, M. A. S. P.; MELLO, L. T. Psicogerontologia junguiana: a compreensão do fenômeno do envelhecimento a partir do conceito Junguiano de metanóia (segunda metade da vida). In: **Anais da XV Semana de Gerontologia e Simpósio Internacional de Gerontologia Social**. Longevidade como oportunidade: práxis contemporâneas. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP e SESC. São Paulo, 2015.

GONZAGA, L. Z. M. **Atuação clínica junto a familiares em luto antecipatório em contexto domiciliar**: uma proposta a partir do ponto de vista da psicologia analítica, com contribuições de Winnicott. São Paulo, 2021. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo.

GUEDES, M. H. M.; GUEDES, H. M.; ALMEIDA, M. E. F. de. Efeito da prática de trabalhos manuais sobre a autoimagem de idosos. In: **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia** [online]. v. 14, n. 4, 731-742, [s.l.], 2012.

HOLLIS, J. **A passagem do meio**. São Paulo: Paulus, 1995.

HOPCKE, R. H. **Guia para a Obra Completa de C. G. Jung**. [1999]. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JACOBI, J. **A psicologia de C.G. Jung**: uma introdução às obras completas. [1940]. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Complexo, arquétipo, símbolo**: na psicologia de C. G. Jung. [1957]. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2016.

\_\_\_\_\_. Símbolos em uma análise individual. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. [1964]. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.

JACOBY, M. **O encontro analítico**: transferência e relacionamento humano. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo, O. C. IX/2**. [1951]. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A natureza da psique, O.C. VIII/2**. [1916]. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Aspectos do feminino**. [1919]. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

\_\_\_\_\_. **A vida simbólica, O. C. XVIII/1**. [1957]. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Livro Vermelho**: Liber Novus. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Memórias, sonhos, reflexões**. [1961]. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. **O espírito na arte e na ciência, O.C. XV**. [1966]. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente, O.C. VII/2.** [1928]. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos.** [1964]. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo, O.C. IX/1.** [1959]. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia do inconsciente, O. C VII/1.** [1916]. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Tipos psicológicos, O.C. VI.** [1921]. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu.** [1958]. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, C. G.; WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro - um livro de vida chinês.** [1929]. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LEGORRETA, P. D. La atención de los síntomas psicológicos durante el climaterio femenino. In: **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 25, n. 1, 44-51, Bogotá, 2010.
- MARTIN, K. **O livro dos símbolos, reflexões sobre imagens arquetípicas.** São Paulo: Taschen, 2012
- NEUMANN, E. **O medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina.** São Paulo: Paulus, 2000.
- OSTETTO, L. E. Na dança e na educação: o círculo como princípio. In: **Educação e Pesquisa**, v. 35, n. 1, 165-176, São Paulo, 2009
- PANDINI, A. L. R. **Metanoia: caminho para o desenvolvimento no meio da vida.** São Paulo, 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo.
- PARISI, S. **Separação amorosa e individuação feminina: uma abordagem em grupo de mulheres no enfoque da Psicologia Analítica.** São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo.
- PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica.** São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- PEYTON, D. L. La atención de los síntomas psicológicos del climaterio femenino. In: **Avances em Psicología Latinoamericana**, v. 25, n. 1, 44-51, Rosario, 2007.
- PHILIPPINI, A. **Universo junguiano e a arteterapia.** Disponível em: <<https://www.arteterapia.org.br/pdfs/univers.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- \_\_\_\_\_. **Mas o que é mesmo arteterapia?** Disponível em: <<https://www.arteterapia.org.br/pdfs/masoque.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PINNA, F. C. de. **Tecendo o fio da vida**: o uso de fios em arteterapia associado a mitos na individuação feminina. Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Conclusão de Curso de Especialista em Arteterapia) - Instituto Superior de Ensino e Pesquisa - ISEPE.

REIS, A. C. dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. In: **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. v. 34, n. 1, 142-157, [s.l.], 2014.

RHODEN, D. S. “A moça tecelã” de Marina Colasanti. 2012. In: **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n.1, 331-339, Sinop, 2012.

ROCHA, A. E. A. M. da. **A perspectiva Junguiana**: o uso do desenho como estratégia de avaliação psicológica. Ceará, 2008. Monografia (Especialização Avaliação Psicológica) - Universidade Federal do Ceará.

ROMANO, P. A. B.; MEDEIROS, J. P. S. Urdidura literária: uma análise do livro "A moça tecelã". In: **Revista E-escrita do Curso de Letras da UNIABEU**. v.12, n. 2, [n.p.], Nilópolis, 2021.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.

STEIN, M. **Jung o mapa da alma**: uma introdução. [1998]. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TENCHENA, S. M. **O feminino nos mistérios ucranianos da arte e da fé**. São Paulo, 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VON FRANZ, M. L. **A individuação nos contos de fada**. [1915]. 30 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. **O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fadas**. [1980]. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

\_\_\_\_\_. **O caminho dos sonhos**. [1988]. 9. ed. São Paulo: Cultrix. 1996.

\_\_\_\_\_. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. [1964]. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo** - conceitos básicos de psicologia analítica. [1969]. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

## **Apêndice A - Roteiro de Entrevista**

### **I. Dados Gerais da Participante**

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Qual seu grau de escolaridade?
4. Qual seu estado civil?
5. Tem filhos?

### **II. A vida como mulher após a meia-idade**

1. O que é ser mulher? Aspectos positivos e negativos.
2. Quais foram os momentos de sua vida em que você percebeu maiores transformações?
3. Quais os momentos que tiveram maior impacto na sua vida até agora?
4. Percebe alguma mudança no seu estilo de vida após completar 50 anos?

### **III. Bordado e Conto**

1. Qual a sua relação com o bordado? O que ele significa para você?
2. O que você sentiu ao escutar a história? Você já conhecia esse conto?
3. Qual parte da história você mais gostou? Por quê?
4. Qual chamou mais sua atenção? Por quê?
5. O que você bordou?
6. Como foi o processo de escolher o que você bordou? Já tinha bordado algo parecido?
7. O que você sentiu enquanto bordava? O que você sente olhando para ela agora?
8. Você mudaria alguma coisa no seu bordado? Pensa em algo a mais para bordar no tecido?

## **Apêndice B - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do estudo: AS MÃOS PODEM FANTASIAR - Um olhar da Psicologia Analítica de Jung sobre o impacto do conto “A Moça Tecelã”, em mulheres bordadeiras a partir dos 50 anos.

A Senhora está sendo convidada a participar, voluntariamente, da pesquisa "AS MÃOS PODEM FANTASIAR - Um olhar da Psicologia Analítica sobre o impacto do conto “A Moça Tecelã”, em mulheres bordadeiras a partir dos 50 anos", que está sendo desenvolvida pela aluna Luana Suemi Kitayama Rocha, do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Dra. Paula Guimarães.

Nesta pesquisa, busca-se verificar, através do bordado e narrativa do conto "A moça tecelã", a hipótese de que a arte de bordar pode ser uma técnica efetiva de simbolização dos conteúdos psíquicos, possibilitando a compreensão do que é ser mulher após os 50 anos.

Para essa pesquisa, os seguintes procedimentos serão adotados:

Realização de um encontro grupal, em que o conto será narrado pela pesquisadora, seguido de uma roda de bordado, na qual cada participante bordará sua peça individualmente. A roda será configurada como um espaço de livre-assunto, ou seja, o tema do conto será trazido, mas outros assuntos também poderão ter espaço de expressão e reflexão. Esta oficina será gravada em áudio para posterior análise da pesquisadora.

Será ainda realizada uma entrevista semiestruturada com cada participante em particular, podendo acontecer de forma online ou presencial, dependendo da disponibilidade da participante, com duração média de 50 minutos. A entrevista conterà perguntas acerca de dados pessoais da participante; compreensão da vida após a meia-idade para a mulher; e ressonância do conto e da realização do bordado. Nesse encontro, será promovida a reflexão junto a cada participante, suscitando histórias e considerações relativas a aspectos do conto e do fazer manual do bordado, assim como das vivências de mulheres com mais de 50 anos. Estas entrevistas serão gravadas em áudio para posterior análise da pesquisadora. Durante e ao final da roda de bordado, serão feitas fotografias das peças bordadas para posterior apresentação na

pesquisa. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto, bem como qualquer relato durante as atividades será resguardado pela ética profissional, assegurando a confidencialidade durante e depois da finalização da pesquisa.

Para participar deste estudo, a senhora não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá, ainda, retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora, que tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que os objetivos e detalhes deste estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo. Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado. Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida à senhora. Os dados utilizados são arquivados pela pesquisadora responsável por um período de 05 (cinco) anos e, após este período, serão destruídos. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, conforme à legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Qualquer necessidade de contato a pesquisadora responderá pelo telefone ou pelo e-mail.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Esse Comitê é composto por professores doutores e pesquisadores da PUC-SP que fazem uma avaliação de pesquisas que envolvem seres humanos e seus aspectos éticos, no intuito de que sejam trabalhos científicos que não tragam nenhum prejuízo aos participantes. Este Comitê pode ser acessado na sala 63-C do andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo) do Campus Monte Alegre da PUC-SP, situado na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo/SP - CEP: 05015-001, bem como contatado através do telefone/fax (11) 3670-8466 ou do e-mail [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

Nome da pesquisada:

Data: / / Assinatura: \_\_\_\_\_

Pesquisadora: Luana Suemi Kitayama Rocha

RG: 52.398.046-2

Data: / / Assinatura: \_\_\_\_\_

## Apêndice C - Transcrição das Entrevistas

### Entrevista 01



**L:** Vamos começar com perguntas mais objetivas. Qual sua idade?

**J:** 56.

**L:** O grau de escolaridade?

**J:** Superior completo.

**L:** Você fez qual curso?

**J:** Serviço Social.

**L:** Qual seu estado civil?

**J:** Casada.

**L:** Tem filhos?

**J:** Sim, uma menina de 24 e um menino de 17.

**L:** A segunda parte da conversa é um pouco sobre sua vivência como mulher, envolvendo também questões da meia-idade. Me conta sobre o que é ser mulher para você, tanto aspectos positivos, como negativos.

**J:** A partir dos 50 anos?

**L:** No geral, pode falar de qualquer momento.

**J:** Na maturidade, vamos dizer, quando a gente entra, eu não sofri muitas consequências físicas de quando entrei na menopausa, por exemplo. Tem um divisor de águas na gente, que é a menopausa, assim, enquanto a gente menstrua, é muito chato, eu tinha muita TPM, não sentia dor, mas sentia raiva, mexia com meu emocional, então conviver com isso durante anos é chato. Quando vem a menopausa, que você de fato entra na maturidade mesmo, não sofri diferenças físicas, dei sorte, a não ser isso dos hormônios, né? Sente perda da firmeza da pele, cabelo estranho, mas tudo são coisas que dá para controlar com certos cuidados. Emocionalmente, a maturidade deixa a gente bem mais tranquila, tá muito mais equilibrado, então tem gente que consegue levar uma vida econômica boa, você já está estabelecido e consegue chegar na maturidade financeiramente bem, então é uma fase boa da vida.

A gente tem que aprender a tirar o melhor de cada fase da vida. Eu acho que todas as fases da vida são boas se você souber encarar e aceitar e, principalmente, não ficar se lamentando, do tipo, ai, tô ficando velha, minha pele, meu cabelo. Eu acho que é agradecer por ter sido escolhido por estar aqui, né? Principalmente, a nossa geração, né, que passou por mais

uma das pandemias seríssimas que a humanidade passou, né? Nós já tivemos várias formas de querer extinguir o ser humano, né? Peste bubônica, gripe espanhola, uma série de coisas, né? Acho que isso nos ajuda a refletir a importância da vida e você agradecer. O que está escrito na minha camiseta da Frida fala disso (me mostra a camiseta).

Então eu acho que o importante é você tentar equilibrar as coisas né? Por exemplo, a saúde, não é fácil se manter saudável, a gente vive nos grandes centros urbanos e temos uma vida com muitos recursos, mas é desgastante emocionalmente, são muitas doenças, correria, estresse, então não é fácil. Mas assim, voltando para o que eu tava dizendo, acho que todas as fases da vida são importantes e, assim, eu demorei um pouco para entender que estava na maturidade porque eu acho que nosso cérebro não aceita o envelhecimento, parece que ele está sempre nos mandando mensagem que você não tem a idade que tem. E é algo que você não para e pensa, aí, do nada, você percebe que já tem tudo isso de idade e não parece. Para mim, parece que eu tenho menos, então eu demorei para entrar nessa fase de maturidade, mas eu tô encarando super bem, acho que o importante é você saber aproveitar, fazer o que você gosta de fazer, é importante, nessa fase da vida, você já ter entendido o que você gosta e o que te faz bem, né? Até porque se nessa altura da vida, você ainda não sabe o que gosta e o que te faz bem é porque alguma coisa tá errada, né?

Então, assim, acho que todas as fases são importantes, mas se fosse para eu escolher uma fase, acho que eu gostaria de ser criança de novo porque eu tive uma infância feliz, tenho grandes lembranças da minha infância, mas não pularia nenhuma fase, mesmo os momentos difíceis e conturbados, como a adolescência, né? Porque parece que, na adolescência, aquela fantasia do mundo da criança é quebrada, acho que isso que vai acontecendo porque aí, na vida adulta, também acontece isso, você idealizava coisas que percebe que não são assim e, no envelhecimento, acho que tem muito das limitações, né? Tem muita coisa que eu fazia e que, hoje, não faço mais e isso envolve limitação do corpo e também porque eu não gosto. Hoje, eu não faço coisas que eu não gosto. E é isso, não tem receita de bolo para nenhuma fase, todo dia a gente tá se descobrindo. E eu não tenho muitos problemas com a idade, a maturidade é uma fase que dá para você viver muito bem. Acho que algo mais difícil é que chegam as consequências de você não ter se cuidado muito bem lá atrás, então tem colesterol alto, dores no joelho, costas e essas coisas. Eu fico falando para os meus filhos se cuidem porque a idade chega para todo mundo e, quando eles tiverem quarenta anos, que vão perceber e, pra mim, eu acho que a maturidade chega nessa idade, com uns quarenta anos, começa a sentir bastante, né?

Eu lembrei do cuidado com meus filhos também. Acho que, antes, eu era muito voltada para eles, para esse tipo de cuidado e, agora que eles já estão grandes, eu sinto que consigo ter um cuidado mais voltado para mim, sabe? Então eu faço exercício físico, consigo fazer coisas que eu gosto e isso também é um cuidado, que antes, acho que a gente abre muita mão do nosso cuidado, do nosso prazer para agradar o outro, né, pensando nos filhos, nas outras pessoas e, agora, eu me vejo cuidando mais de mim, do meu corpo.

Uma amiga sempre me falava muito porque ela tem dez anos a mais que eu e é verdade: a cada década, você sente um baque fisicamente. Mas assim, tem que saber viver, tudo na vida são fases e tudo é importante. E eu volto a dizer, temos que agradecer por estarmos vivos e bem e eu acho que, assim, sempre cuidando do próximo, isso é conviver e isso que importa. Não sei se eu consegui responder.

**L:** Você retomou bastante suas fases da vida, né. Você consegue nomear momentos da vida que percebeu maiores transformações?

**J:** Acho que da infância para a adolescência, teve uma transformação muito forte porque é um momento que a gente fica muito confuso, eu senti bastante. E acho que depois, foi a menopausa, eu acho que é um momento muito importante para as mulheres e não dá pra falar que é ruim porque você para de menstruar, né? E cara, é muito bom parar de menstruar e não sangrar todo mês. Eu senti uma diferença grande na menopausa, coisas positivas e negativas, acho que o de mais positivo é você parar de menstruar mesmo e acho que principalmente no humor, que, hoje, consigo controlar bem mais, antes, eu chutava o balde sem perceber e, depois que você para de menstruar, tem a falta dos hormônios, mas que dá para equilibrar. E em relação ao psicológico também, né, de você entender as suas fases. Quando você sai da adolescência e entra na vida adulta, você só para mesmo quando entra na maturidade, entendendo que, de fato, tô encaminhando para velhice, né?

**L:** E você sente que depois que você entrou na maturidade, a forma de se relacionar com as pessoas mudou?

**J:** Ah sim, acho que, hoje, eu tenho mais empatia com as pessoas e tenho mais paciência com quem merece porque é isso, você cansa, algumas pessoas você já sabe que não vai querer perder tempo, se desgastar, então acho que é isso, a personalidade fica mais forte, você valoriza quem é legal e quem não é legal deixa pra lá. Um exemplo forte disso pra mim é bolsonarista, eu não vou perder meu tempo com bolsonarista, quero longe de mim e não vou me esforçar, não tenho mais paciência pra conviver com pessoas assim. Acho que outra coisa, que tem a ver com isso, é que eu não consigo mais ser falsa, antes, a gente conseguia manter mais as aparências, né? Mas, agora, eu não tenho mais medo de dizer não, de falar o que eu penso. Assim, se me

chamam pra algum lugar que eu não quero ir, eu não vou e, antes, eu iria só pra fazer essa pose de bonzinho.

A maturidade parece que traz isso, você fica mais sincero com as pessoas, mais com você mesma, com as suas escolhas e acho que criança tem um pouco disso também, por isso, eu gosto muito da infância. A criança até os cinco anos fala o que quer, fala que você é feia, que é chata e o adulto estraga isso, né, vai transformando a criança pra manejar conflito e, para mim, a maior virtude do ser humano tá nessa primeira fase e acaba que vai voltando a ter um pouco dessas características no envelhecimento.

**L:** E agora, pensando um pouco nos momentos da sua vida, quais foram os momentos mais impactantes para você?

**J:** Ah, para quem é mãe, sem dúvida, o nascimento dos filhos, né? Acho que foram os 2 momentos mais importantes da minha vida, o nascimento da G. e do L., não consigo enxergar momentos que foram tão impactantes quanto esses. Se for pensar agora, em impactos negativos, acho que foi quando perdi meu pai e meus avós, que eram bem próximos, acho que foram os momentos mais marcantes, para mim, é nascimento e morte, nascimento dos filhos e morte das pessoas mais próximas. E fora isso, acho que nada tão contundente, tão importante. Para quem não é mãe, não sei, sei lá, a pessoa deve ter outras coisas importantes, mas assim, isso foi o que mais me marcou, dar à luz é uma dádiva que não tem explicação, até hoje, quando eu vejo um parto, eu me emociono, acho que é surreal, não tem explicação mesmo você gerar um filho. Se você gerar um dia, você vai saber que sentimento é esse e que, pra mim, nem foi planejado. O primeiro foi na surpresa, o segundo até que foi, mas por causa do relógio biológico e, assim, é uma coisa muito marcante, quando eu fecho os olhos, eu lembro, eu nunca mais vou esquecer.

**L:** Agora, são perguntas mais sobre o bordado e o conto. Primeiro, eu queria saber um pouco sobre sua relação com o bordado e o que bordar significa para você.

**J:** O bordado me acalma, eu comecei a bordar mesmo na pandemia, aquela primeira fase que foi muito ruim, não podia nem abrir a janela direito, né, então o bordado foi uma válvula de escape. Eu comecei a assistir umas *lives* de bordadeiras, fazendo essas aulas gratuitas e foi muito bom, uma terapia, tem uma que eu gosto muito, chama Sissi Antunes, ela conversava sobre tudo nas *lives* dela e era muito bom. Eu fiquei bem nervosa com a pandemia e o bordado me ajudou bastante, quando eu tô com a cabeça acelerada demais, com ansiedade ou estressada, eu vou bordar e, nossa, ajuda muito a diminuir tudo isso, acho que eu vou ficando calma porque fico muito concentrada, é como uma meditação para mim, eu encaro como uma forma de meditar porque você fica ali, coloca a linha na agulha e vai fazendo os pontos, vai repetindo,

preenchendo, o tempo passa rapidinho e quando você vê, tá bem mais calma. Eu gosto de bordar com a TV ligada, mas só pra ter um barulho porque eu nem presto atenção no que tá passando, eu fico muito concentrada no bordado. De um tempo pra cá, eu dei uma abandonada porque na pandemia, a gente tinha mais tempo, né? Aí, a rotina voltou toda ao normal e o bordado ficou sem espaço, mas eu gostei muito de voltar a bordar, eu tenho uns projetos parados que me animei de voltar.

**L:** Como foi bordar esse bordado aqui, depois desse tempo sem conseguir arranjar um momento no meio da rotina para bordar?

**J:** Foi bacana, eu tava com saudade, percebi que tá me fazendo falta e acho que eu consegui arranjar um tempo porque coloquei na minha cabeça que tinha que te entregar, era um objetivo e, aí, eu percebi que consigo separar um tempo para fazer isso, que é algo que eu gosto muito.

**L:** Agora, um pouco sobre o conto, você lembra o que sentiu enquanto escutava a história?

**J:** O que eu senti? Acho que a principal mensagem, para mim, foi a questão da mulher, dela estar feliz com o jeito dela, vivendo ali os sonhos dela, vivendo do que ela produz, mas aí, decide que quer mudar para ir atrás de um príncipe encantado porque a sociedade impõe isso para a mulher, né? Que tem que casar, ter filhos e as mulheres ficam com isso na mente, então dela estar feliz e tentar mudar não porque ela queria, mas porque a sociedade impõe, isso que me passa. E quando ela vai atrás disso, ela entende que a felicidade não depende de outra pessoa e sim, de você, de você fazer o que você quer. E também me marcou, na história, a simplicidade, sabe? Você não precisa de uma vida de luxo, não precisa morar num castelo, acho que pelo contrário, o castelo vai te trazer muito mais problemas do que soluções, acho que você viver, tipo, o que eu retratei, uma casinha num campo onde você pode observar a natureza, eu adoro isso, né, ver os pássaros, a floresta. Acho que isso é o sentido da vida.

O que mais me faz falta aqui em São Paulo é esse contato com a natureza, você trocar isso para viver num castelo, cheia de ilusões, não traz felicidade e ela percebeu, né, ela percebeu que não a fazia feliz e eu retratei no bordado o que me faz feliz, árvore, pássaros, campo, tudo isso transmite tranquilidade, calma e o ser humano não precisa de mais que isso para sobreviver. A gente precisa de um teto que nos abrigue do frio, calor e chuva e contato com a natureza, é isso que a gente tem que buscar. E eu vejo que o material, hoje, é o que mais conta, né? Às vezes, a pessoa não tem o que comer, mas quer o celular de última geração. E eu bordei isso, bordei o que o ser humano precisa, a gente não precisa de mais do que isso, precisamos ter um mundo saudável, eu sou ecossocialista e acho que a gente precisa lutar por esse mundo para as futuras gerações, a gente tem que fazer a nossa parte pela água, pelo ar, diminuir o lixo. Então assim, não precisa desse consumismo que o mundo vive, ter uma casinha e uma horta,

você vive, a gente não precisa ter um castelo com vinte empregados, pra quê? Acho que o que me passou do conto foi isso.

**L:** Você tem vontade de algum dia morar em um lugar assim? Porque é bem diferente de São Paulo, né?

**J:** Sim, particularmente, em Minas porque eu nasci lá, né, sou metade mineira e metade paulista. Eu gosto das montanhas, das cachoeiras. Eu já tive bastante vontade, hoje, eu já não sei se iria para um lugar muito longe, talvez, mais pra frente porque hoje, com os filhos, você finca raízes onde eles estão, né? Eu acho que eles ainda vão precisar de mim por um tempo e eu também vou precisar deles, então eu penso num lugar mais perto. Eu tinha vontade de morar em Minas quando eles eram menores, mas como não deu para realizar isso, acho que agora eu gostaria de ter um sítio aqui perto, para poder ter uma horta, plantas. Tipo Rita Lee, eu gosto muito do exemplo da Rita Lee, levou uma vida maluca e, hoje, ela mora num sítio, tem um monte de animais, plantas e ela fala que tá super feliz com isso. Acho que é isso que importa e não tenho pretensões maiores.

**L:** Voltando para a história, qual parte você mais gostou da história?

**J:** Ah, eu, como feminista, gostei mais da parte que ela desmonta lá o ser que ela tinha criado, é o momento que ela tira ele da vida dela, foi a fase mais importante dela sentir que não precisava dele para ser feliz, quando ela cai em si que ela queria mais do que aquilo e, geralmente, é difícil para a mulher tomar essa decisão, né? Ainda somos muito oprimidas e cobradas pela sociedade. Acho que, pra mim, esse foi o momento mais marcante

**L:** Você relacionou com algum momento da sua vida? Que você conseguiu se libertar de alguma coisa que não gostava, que não te fazia bem?

**J:** Sim, eu já tive relacionamentos assim. Quando eu era mais jovem, eu tive um relacionamento que durou muito tempo, eu era muito nova, era tóxico, mas eu não sabia, a gente era muito imatura e eu não sabia que era um relacionamento que não me fazia bem, mas me despertou para isso, né? E foi um divisor de águas para mim, eu fiquei com ele dos dezoito anos aos vinte e três e foi uma pessoa que tomou conta da minha vida, ele comandava a minha vida. Aí, tive um insight de sair disso, aí, eu construí outros relacionamentos e as pessoas que eu busquei eram muito diferentes dessa pessoa, então foi um divisor de águas.

Quando tinha um relacionamento que algo me lembrava aquilo, já caía fora, eu queria o oposto daquilo. Para mim, foi importante aprender isso porque tem homens e mulheres que não aprendem nunca, né? Mas, para mim, não. Se eu pudesse voltar no tempo, eu não viveria esse relacionamento tão sério, mas não me arrependo, teve suas partes boas, curtimos bastante coisa juntos, mas não viveria novamente, tanto é que não vivi. Os relacionamentos próximos

foram muito diferentes, eu fiquei um ano sem contato com ninguém de forma romanticamente e, depois, os novos relacionamentos eram com homens diferentes que não me sufocasse e acho que consegui.

Os dois relacionamentos sérios que eu tive, que foram o pai da G. e, agora, o pai do L. foram homens muito diferentes daquele primeiro, tentam não ser machistas porque todo homem é, né, mas o outro era muito machista, possessivo e ciumento e nesses relacionamentos mais recentes, eram homem mais conscientes do papel da mulher, então nunca foram possessivos, respeitavam meu espaço. E acho que o que eu relaciono muito com o conto da Moça Tecelã é essa percepção que ela teve de não estar fazendo bem, então o relacionamento não estava fazendo bem e ela desmanchou e, também, o fato que ele comandava tudo que ela tecia, igual esse antigo namorado queria comandar o que eu fazia.

**L:** E sobre o bordado, você já tinha bordado algo parecido?

**J:** Ah, eu gosto muito de árvore, né, então já bordei árvores, casa, assim, eu já fiz, mas eram mais simples, eu não costumo bordar, eu gosto muito de árvore e pássaro, então já bordei muito essas coisas.

**L:** O sol, você fez em espiral, né, bem diferente.

**J:** Pois é, eu não sei como eu cheguei nisso, mas eu lembro que eu já vi em algum lugar, mas não vou me lembrar de onde, mas quando eu comecei a lembrar, eu pensei ah, vou bordar esse sol assim, mas não lembro de onde. Esse céu, a P. falou que lembrou do Van Gogh, mas eu lembrei do matizes Dumont, elas costumam bordar assim o céu, eu queria ter mais tempo para preencher mais.

**L:** Esse formato espiral, que vai rodando assim, você associa com alguma coisa?

**J:** Ah, com o infinito, associo a isso. Às vezes, quando eu me pego rabiscando, eu faço muito rabisco e eu, normalmente, faço isso em espiral. Eu gosto muito de desenhar mandala também, acho que vem do inconsciente.

**L:** E a moça tecendo, ela tá numa roca, né, que você comentou?

**J:** É, eu fiz uma roca, mas minha mãe achou que ela tava pescando, aí, eu mostrei pra ela que eu fiz a lã. Mas difícil bordar pessoas, eu fiz cabelinho e o vestido coloquei dourado porque ela citava muito linha dourada, eu queria preencher tudo de dourado, mas a linha é meio dura, fica meio solta, aí, eu desisti de fazer tudo, aí, eu coloquei só uns fiozinhos dourado.

**L:** E o que ela tá fazendo aqui?

**J:** Ela tá enrolando os novelos, roca é bem antiga, né, tem artesão que ainda gosta, mas é difícil de achar hoje em dia quem faz. Mas eu tenho memórias disso, minha avó bordava e uma tia avó tinha roca. Minha avó materna fazia enxovais e as pessoas da cidade dela falavam que os

enxovais foram minha avó que fez e eu parava para olhar ela bordar, adorava ficar do lado dela enquanto ela ficava bordando, ela fazia a mão, mas também tinha uma máquina bem antiga. E minha avó não teve perspicácia porque ela queria ensinar minhas primas mais velhas a bordar, a S., mas ela não queria, não tinha nenhum interesse e eu que ficava ali do lado, que queria aprender, ela não me ensinou, ela podia ter falado você quer aprender? Mas ela queria passar para a mais velha. E tenho memórias de tecelã de cobertos de lã; na minha cidade, tinha muito disso e, até hoje, tem gente que faz isso lá, é pouco, mas tem.

**L:** A frase que você escolheu, que não é sua, que é da Lana Frigatto, né? Você escolheu ela por algum motivo?

**J:** Eu achei que ela casava bem com a história, a vida é uma só, né, então você pode usar ela com a mesma linha de sempre, né? Você não precisa mudar de linha, é você ter a consciência do que você quer e ir seguindo com a mesma linha. Pode ser a mesma linha preta, a cor que quiser dá para fazer bordados, eu posso a vida inteira bordar de preto que vou fazer coisas legais da mesma forma.

**L:** E a parte do sonho que, na frase, fala um pouco de ser o mesmo fio o da vida e o do sonho.

**J:** Ah, eu acho que essa linha vai traçando a vida, mas eu já não tenho tantos sonhos a realizar, grande parte do que eu podia fazer, eu já fiz. Eu tenho uma profissão que eu exerço, um projeto a que me dedico muito. Um sonho profissional que eu tinha era o de mexer com a infância, mas eu acabei não indo atrás porque a Associação em que trabalho me acomodou, eu acabei ficando lá, mas quando eu me formei, meu objetivo era trabalhar na Vara da infância, queria trabalhar com adoção e esse sonho não realizei, mas acho que passou, não tenho mais vontade de realizá-lo e também não fui atrás, né? E hoje, não tenho muitos sonhos, acho que o sonho maior é ter um lugar no campo para ser uma válvula de escape, uma alimentação mais saudável e esses são sonhos mais pessoais, né? Encaminhar os filhos, um mundo melhor para eles, mas acima disso, eu ainda sonho por um mundo melhor para a humanidade, eu sou de um partido político, né? E lá, eu participo de grupos que se intitulam ecossocialista e a gente acredita que os dois tem que caminhar juntos porque o capitalismo é nocivo à humanidade, à natureza e o futuro da terra, do mundo tá comprometido por causa desse sistema, então meu sonho é coletivo.

Eu tô com bastante foco nos povos originários, eu fico puta que me ensinaram lá atrás que o Brasil foi descoberto e, hoje, eu sei que esses povos são os mais indicados para nos ensinarem sobre como nos relacionar com a natureza, né? E o sonho maior é ter força para conseguir fazer tudo isso, a gente entrou num retrocesso muito grande politicamente, né, então acho que isso fortalece ainda mais o meu sonho coletivo porque os pessoais, acho que já foram.

Eu sei que é uma utopia, mas meu sonho é mudar esse sistema porque esse sistema é o fim da humanidade. Acho que o que a gente pode fazer é trabalho de formiguinha, ir de conta-gotas mudando o pensamento e a atitude das pessoas, né? Para que, aos poucos, esse mundo vá ficando mais saudável, pelo menos tentar concertar o tanto de estrago que já foi feito.

**L:** E agora, olhando para o bordado, você mudaria alguma coisa que você fez? Acrescentaria algo?

**J:** Ah, eu faria um céu maior se eu tivesse mais tempo porque isso já demorou bastante. E eu gosto muito do outono, do céu azul do outono, então queria enfatizar mais isso e, também, fazer mais Ipê porque eu gosto muito. Acho que eu colocaria mais árvore também. A frase, eu busquei para ocupar um pouco o bordado e eu queria mandar uma mensagem.

**L:** E olhando para ele, assim, o que você sente?

**J:** Ah, é o mundo ideal, um lugar bonito para você morar e se sentir bem, com essa natureza que é tudo pra mim, árvore, com pássaros cantando, o sol. É isso que eu sinto.

## Entrevista 02



**L:** Então, hoje, eu elaborei algumas perguntas, mas é uma conversa livre, né? Você pode ir falando o que vier na cabeça. E eu pensei, em média, uma hora de conversa.

**O:** Sim, está bom.

**L:** Primeiro, são perguntas mais específicas. Então sua idade?

**O:** 71 anos mês que vem.

**L:** O grau de escolaridade?

**O:** Eu fiz serviço social com especialização em Gerontologia.

**L:** Legal. E o estado civil?

**O:** Solteira.

**L:** Tem filhos?

**O:** Não.

**L:** Ok. Agora, são perguntas mais amplas. A primeira é: o que é ser mulher? Pode trazer pontos positivos e pontos negativos.

**O:** Ai, eu acho que, para mim, ser mulher, eu entendo como uma dádiva, um presente de Deus, entendeu? Até porque ele, Deus, quis nascer de uma mulher, né, então isso, para mim, é importante. E, também, porque a mulher tem um papel primordial na vida nesse mundo porque ela dá conta das coisas, né, a mulher é aquela que faz um monte de coisa ao mesmo tempo, entendeu? E embora as pessoas, às vezes, elas até questionam esse lado cuidador da mulher, eu não vejo assim, de forma exagerada, mas eu vejo como uma qualidade, né, porque a mulher é aquela que abraça, aquela que abraça toda essa questão familiar, essa questão do mundo, da amizade. Eu vejo por esse lado.

Agora, a questão negativa é essa atitude que a sociedade machista faz contra a mulher, né? Até hoje, a mulher tá buscando, lutando aí pelo seu lugar, mas essa sociedade machista vive impedindo a mulher, não é!? E uma coisa me chama muito atenção, essa questão do feminicídio, né, porque os homens não aceitam as mulheres, muitas vezes, no comando, tem uma vida própria, né? Porque casamento, relacionamento a dois não significa o homem mandar na vida da mulher. Essa questão, eu fico, às vezes, muito pensativa porque a gente vê essa quantidade de feminicídio e toda essa crueldade contra a mulher e eu fico imaginando. Hoje, as mulheres falam, elas estão indo atrás, elas estão buscando seu espaço. Eu imagino no tempo

lá atrás, entendeu? Como deveria ser isso, né? Eu acho que matavam as mulheres e castigavam as mulheres, eu acho que ninguém nunca ficava sabendo dessas coisas, né? Ou se ficava era tudo enrustido, não é? E foi mudando um pouco isso, né, acho que, agora, tem mais lugares também pra denúncia. A mulher tem, hoje em dia, onde recorrer e, também, a imprensa fala mais sobre isso. Agora, imagine o que a gente não fica sabendo por aí, né? Porque todo dia tem, se a gente vê o noticiário, tem um feminicídio, né. Mas independente de qualquer coisa, é bom ser mulher, apesar de todos os pesares, não é!? Apesar da dor da menstruação, da dor do parto, né? Do sofrimento por não ser entendida, mas vale a pena. Eu gosto de ser mulher.

**L:** Agora, indo para um aspecto mais da vida pessoal, assim, quais os momentos da sua vida que você percebeu maiores transformações?

**O:** Transformação, assim, é, eu sempre fui, eu já tenho uma natureza de me voltar para minha liberdade, para a busca das coisas na minha vida, né, isso desde muito cedo porque eu perdi a minha mãe, eu tinha dez anos de idade, minha mãe biológica, né, aí, eu passei a ser criada por uma tia, irmã mais nova do meu pai, eu, meus três irmãos, e uma irmã que, na época, era bebê. E aí, essa coisa de buscar, entendeu? De correr atrás, aquela coisa toda e eu não sei, mas agora isso de transformação, eu acho que essa transformação foi quando comecei a buscar trabalho, sabe? Eu queria ter uma renda porque depois que minha mãe morreu, meu pai falava que eu era a mulher da casa, então ele colocou que eu não podia trabalhar, mas minha tia, T., que eu falo que é a minha mãe de criação, ela me ajudou nisso, entendeu? Me ajudou a ir para o mercado de trabalho, a ter a minha vida. Isso eu entendo, assim, como um passo positivo e eu também acho que, depois de um certo tempo, eu adquiri a minha independência financeira, aí, eu já tinha comprado um apartamento aqui no bairro mesmo, onde eu moro e daí, eu fui morar sozinha.

Aí, quando eu fui, eu já tinha pago o meu apartamento, tudo e, como depois da morte da minha mãe, eu parei de estudar, terminei o colégio, mas não fui pra faculdade, eu decidi fazer faculdade antes de me aposentar. Quer dizer, eu já tinha voltado antes, né, eu tinha ido fazer Ciências Sociais e, depois, a faculdade fechou e, aí, eu peguei aquele currículo meu e levei para a faculdade de Serviço Social e aí, eu fiz o curso. Achei que foi uma coisa muito boa essa opção, gostei muito e, assim, o período de estágio, os trabalhos foram muito bons. E assim, até porque eu terminei minha faculdade, eu já estava com 40, 45 anos de idade, eu me aposentei nessa fase, então assim, como mulher, o auge da minha vida foi com os 40 anos de idade porque nessa idade, a mulher não é jovem e ela também não é velha, não é idosa. Então eu acho que ela tá, assim, no auge da experiência de vida. Aí, eu fiz o meu estágio em lugares bastante

difíceis, né, eu fiz meu estágio em uma instituição espírita que cuida do pessoal da região da zona leste.

E assim, tem um fato que marcou a minha vida nesse período que foi assim, eu participava do sindicato, dos movimentos e eu me achava um top de mulher, né, e eu me dava muito bem, a faculdade de Serviço Social me ajudava muito, dava experiência de vida, eu tirava notas boas e gostava do que eu fazia. Aí, chegou o período do estágio e eu fui lá para a instituição que tem uma entrada pela marginal e ela pega todo um terreno, que é próximo à estação, acho que a estação Belém, alguma coisa assim. É um lugar muito grande, eu fui assim, muito feliz. Achei uma equipe de assistentes sociais e de psicólogas que trabalhavam lá, uma delas era orientadora da gente obviamente e tinha uma assistente social, né, que avaliava a gente. Na prova para o estágio, eu fiquei impressionada porque eu nunca tinha falado de mim e a prova era justamente isso, eu tendo que falar de mim e tinha que escrever e eu fiquei pensando: como eu vou falar de mim? No final, eu tirei uma nota com louvor e me destaquei.

Aí, eu fui para lá no sábado seguinte para fazer entrevista com um pessoal lá da equipe, que cuidava do Serviço Social. Aí, eu fui, era lá na marginal, também me saí bem, sabe? Fui muito bem acolhida pela direção do departamento de Serviço Social, aí, tinha uma coisa que já estava me chamando atenção, que era a quantidade de pobre (deu risada), assim paupérrimos, o pessoal de chininho de dedo amarrado, surrado, com aquelas roupinhas, assim, aquela pobreza e eu me achando a rainha da cocada preta, achando que era militante, exemplar, assim e tal. E eu me deparar com aquilo, aquilo realmente foi um choque na minha vida. Aí, quando eu saí da entrevista, eu vi o pessoal chegando, tinha uma feirinha de roupas usadas, de calçados e um mercadinho e levavam verduras, meio murchinhas e outros produtos próximos ao período de validade. E eu vendo aquele povo chegando, correndo, avançando em cima daquelas coisas para pegar uma roupa, pegar uma verdura, pegar uma caixinha de leite e eu falei isso aqui não é para mim, eu estou no lugar errado. Isso trouxe uma reflexão, assim, muito grande para minha vida. Aí, eu fui caminhando para ir embora para casa e eu falei eu vou chegar em casa, vou telefonar, vou falar que eu não venho mais. Aí, no caminho, eu fui refletindo, refletindo, cheguei em casa e tal, aí, me envolvi com as coisas da casa e, depois, eu não abandonei, falei escuta, é muito fácil ser militante no meio dos bancários do que no meio desse povo. Aqui, eu pensei bem e voltei e, assim, foi um desafio, um atrás do outro e olha que eu era madura, né? Já tinha meus 40 e poucos anos.

**L:** A gente fica numa bolha, não é?

**O:** Isso, exatamente. Aí, a gente começou a ser preparada para as visitas domiciliares e o negócio, assim, não é fácil não. Eu ia lá para, eu ia pros cafundó da zona leste e a gente nunca

ia sozinha, eles não deixavam e eu tinha uma amiga, a A., muito companheira, e a gente ia nós duas, morrendo de medo porque você entrava no ônibus, parecia que não chegava nunca, aí, a gente foi orientada a colocar o crachá quando entrava no ônibus, as supervisoras falavam, né? E eu ia colocar só na hora que chegasse na casa da pessoa, mas aí, a gente obedeceu e, na primeira visita, fomos para um lugar onde tinha um cara durão lá da região, sabe? Acho que é Itaquaquecetuba e a gente pegou o ônibus e ele foi ficando vazio, vazio e a gente lá. Aí, chegou no ponto, né, a gente tinha que descer e o motorista foi falando assim: vocês vão descer aqui? Aí, a gente estava de crachá e ele falou: vocês vieram visitar os pobres, né? Na linguagem dele, né, respondemos que sim e ele falou para tomarmos cuidado porque tinha um matador de aluguel na área, que ficava no alto do morro e eliminava as pessoas e jogava elas dentro de um poço. Enfim, quando você desce do ônibus, as pessoas percebem que você não é do lugar e aí, todo mundo começa a olhar para você e é lógico que a nossa presença lá já tinha chegado até o chefão, entendeu? E aí, os olheiros lá, todo mundo olhava atravessado para a gente. A gente chegou na casa da mulher e tal, fizemos a visita domiciliar, a mulher tinha três filhos, duas meninas adolescentes e um menino de seis anos. A gente entrou no barraco e não tinha parede, era um quarto, com cama de casal e duas de solteiro. Aí, a gente ficou sabendo dessa realidade, né? Até então, a gente sabia, mas de longe, não era algo tão perto assim e aí, transformou o ponto de vista, né? Assim, literalmente, foi uma quebra de barreira.

**L:** É outra situação, né?

**O:** Exato. Aí, a gente viu um caso também que o pai molestava as crianças e a gente saiu muito impactada com as barbaridades. A gente conversou com nossa supervisora, fizemos o relatório e esse é o nosso trabalho, né, encontrar essas pessoas.

**L:** Você falou dessas experiências todas de estágio e trabalho, né. E fiquei pensando se tem algum momento mais recente que você percebeu transformações?

**O:** Eu trabalhei três meses numa metalúrgica, tinha duas primas minhas que trabalhavam lá, né, tinha que fazer peça de carro, eu fui operária por três meses e, depois, através da ajuda da minha mãe, eu conheci a assistente social de um banco e ela fez um contato com uma pessoa de um convênio de saúde e me inscrevi para o processo seletivo e aí, eu passei. Era um emprego diferente, melhor dos anteriores e envolvia coisas que eu tenho contato desde pequena, como o sindicato. Na minha casa, isso sempre foi muito presente porque meu pai era sindicalista, meu pai participava do sindicato dos marceneiros, entendeu? E aí, meu pai sempre lia o jornal à noite com a família para mostrar a questão das notícias, minha família completa, né. Aí, esse negócio fica aqui, marcado na gente. Aí, eu fui para convênio de saúde e começaram as lutas lá no convênio de saúde e aí, a gente se engajou, aí, fizemos uma comissão de funcionários do

convênio de saúde. O salário era pequeno, a gente não tinha nenhum benefício que o pessoal do banco tinha, aí, nós começamos essa luta. Aí, a gente começou a militar e isso também veio abrir fronteiras, né? Abrir a mente, tal, assim e aí, foi indo, né... Ih, me perdi, eu acho que é isso, sabe.

**L:** Você consegue pensar em algum momento da sua vida que teve mais impacto para você?

**O:** Assim, essas transformações e tem as coisas que marcam mais a gente.

**L:** Tem alguma coisa que você consegue nomear?

**O:** Tem uma coisa aqui, que sempre me impulsionou para frente, mesmo quando eu era criança, que veio com o falecimento da minha mãe. Eu absorvi aquela coisa que meu pai colocava em mim, que eu era a mulher da casa. Sabe, meu pai e minha mãe eram eternos namorados, eu tenho essa lembrança deles muito forte, eles namorando, essa convivência muito forte. A minha mãe morreu e, uma semana depois, meu pai teve uma crise de nervos, entendeu? Ver meu pai naquelas condições foi trazendo uma maturidade para mim, sabe? Depois, eu fui crescendo e aí, eu tinha que ajudar na casa, eu quase que não brincava, né, eu brincava mais no colégio porque a gente saía da aula e íamos jogar queimada, era um divertimento. Mas aí, depois, quando eu já trabalhava no convênio de saúde, meu pai adoeceu e, depois, morreu e minha avó paterna também morreu depois de um tempo; e tudo isso foi um baque. Enfim, faleceram várias pessoas na família com uma diferença não muito próxima uma da outra, mas também não muito longe e aí, foi essas coisas. Depois, faleceu meu pai. Aí, essa coisa da independência também, eu sempre tive esse espírito de independência, depois, fui morar sozinha, aí, veio toda a militância no convênio de saúde e no banco, entendeu? E aí, assim, eu virei a cuidadora do pessoal de casa. Eu digo que eu moro sozinha, mas que minhas responsabilidades é como se tivesse família morando aqui comigo, cuidar da minha mãe de consideração, da minha irmã, tem o meu sobrinho e a gente está sempre presente, entendeu? Essa coisa de sair para a vida, de abraçar, querer estar ali para ajudar as pessoas.

**L:** Acho que isso tem muito a ver com o que você falou no começo, né? Do instinto da mulher de cuidar.

**O:** Verdade. E querem mudar isso da mulher, mas eu acho que não conseguem mudar, eu acho que isso faz parte, então eu estou aqui e sou independente, mas minha cabeça tá lá na zona norte, com minha família.

**L:** Você sente que conforme você foi entrando na maturidade, o cuidado mudou? A sua relação com o cuidado mudou?

**O:** Ah sim porque quando eu me aposentei, era o ano de me formar em Serviço Social e aí, eu tinha uma amiga que trabalhava com um grupo de terceira idade no Conselho da Comunidade

Negra e aí, a B. precisava sair naquela época e a gente já trabalhava juntas fazia um tempo, então a B. ligou para mim e pediu ajuda e mais tarde, saiu do Conselho e falou que escolheu a dedo quem a substituiria. Aí, eu fui trabalhar com um grupo da terceira idade, que é uma virgem africana, uma nossa senhora africana. Eles falaram que faziam questão de que fosse uma pessoa negra ocupando o lugar da gente e, assim, a gente tem que procurar voltar as coisas para questões raciais e também acredito que para questões da religiosidade, embora a maioria fosse católica, a gente sempre recebia o pessoal das religiões de matrizes africanas para trabalhar com a gente. Aí, teve isso e eu fui voltar para trabalhar e aí, a B. foi embora e eu fiquei lá, acho que, pelo menos, fiquei uns dez anos e era muito bom trabalhar com elas, muito divertido. Aí, a gente também fazia um trabalho com os grupos de terceira idade que tinha no centro da cidade, então a gente reuniu todos os grupos e a gente até ajudou a criar uma república de idosos em São Paulo e acho que existe até hoje. A gente tinha um trabalho ligado à Prefeitura e era muito bom porque você trocava muito com os outros grupos, com a coordenação de outros grupos, né!? Além de você colocar sua experiência, era uma troca muito rica porque você cresce muito.

**L:** Então você percebe que foi para um lado mais coletivo o cuidado?

**O:** É, até porque eu também já tinha essa essa visão do meu trabalho, com a militância no banco, né, então a coisa do coletivo é coisa que eu gosto.

**L:** A próxima pergunta é se você percebe alguma mudança no seu estilo de vida após os 50 anos?

**O:** Sim, sim. Eu já estava aposentada, entendeu? Ah, eu esqueci de falar uma coisa, quando você perguntou algo que me marcou, foi quando eu me aposentei, que era o ano que eu ia me formar e eu estava escrevendo meu TCC. Eu fiz meu TCC sobre um trabalho que eu estava fazendo na época com mulheres carentes e maternidade. Foi um grande desafio, eu era muito querida pela coordenação e aí, quando eu me aposentei, eu pensei ah agora vou dormir até tarde. Eu ganhei meu dez no TCC, mas senti muita falta do trabalho, aí, eu cai numa depressão profunda, sabe? Passei pelo menos uns dois anos, assim, no fundo do poço, sabe? Porque achei que fiquei sem referência, antes, quando falavam de mim, eu era a O. do convênio de saúde, entendeu? E aí, eu não era mais do convênio de saúde, é muita falta de preparo dos trabalhadores para se aposentar, enfim, aí, depois, me recuperei e foi indo, eu acho que foi um momento bastante significativo na minha vida, sabe? Que essa coisa de ficar assim, eu não sabia, Luana, eu não enxergava as cores, tudo era cinza para mim, a cidade era feia. Eu fiquei seis meses sem receber meu salário, a aposentadoria, por causa dessa depressão, eu não saía de casa. Aí, eu fiz um tratamento muito forte para me recuperar. Quando eu fui atrás da minha

aposentadoria, descobri que eles tinham me dado como morta porque eu não ia receber o salário e foi um sacrifício para eu conseguir voltar a receber. Qual foi mesmo a pergunta?

**L:** Sobre a mudança no estilo de vida após os 50 anos.

**O:** Ah é, depois dos 50, foi essa coisa, né. Eu lembrei que depois que fui trabalhar com esse grupo de terceira idade, eu senti que precisava me habilitar, eu não me sentia velha, eu estava amadurecendo e queria entender melhor essas pessoas, aí, eu fui para o Sedes Sapientiae fazer especialização em Gerontologia Social e foi uma experiência bem interessante porque lá, você faz um curso de um ano, uma vez por semana e foi muito rico. Tem médico, enfermeiro, psicólogo, diversas áreas, então a troca era um negócio impressionante, né? Tinha todas essas visões profissionais sobre envelhecimento. E aí, eu fiquei com as senhoras na comunidade negra, depois, eu fui trabalhar no museu da pessoa, eles criaram uma área de terceira idade, de idosos, aí, eu fiz entrevista com os idosos para ir para o site do museu com histórias de vidas. Foi um trabalho bem legal, aí, depois, eu encontrei uma amiga um dia, que eu tava reivindicando uma ação jurídica, e a gente conversou sobre o curso que eu tava fazendo e ela começou a falar que o pessoal tava muito disperso e que tava todo mundo ficando louco porque outro banco tinha comprado o banco em que eu trabalhava e tava mandando todo mundo embora e aí, a gente foi pensando em montar um grupo voltado para os aposentados, uma amiga me puxou e estou lá até hoje, que é o projeto, o nome do grupo.

**L:** Agora, falando um pouco sobre o bordado e o conto, né. Primeiro, me conta um pouco da sua relação com o bordado, o que bordar significa para você?

**O:** Ai, bordar, eu gosto de bordar, embora eu seja preguiçosa às vezes, mas quando tô aqui em casa, eu ponho na Netflix, escolho um filminho, né, e fico bordando. É uma coisa muito prazerosa, mas eu sou meio relapsa, assim. Mas eu vejo o bordado como uma meditação porque você tá fazendo aqueles pontos, preenchendo o contorno do risco e isso leva você para dentro de si, entendeu? E aí, você manda os seus pensamentos sei lá pra onde, eu só sei que eles desaparecem, você fica ali, bordando. Eu vou fazer 72 anos e sou daquela época de que tinha que aprender a costurar e bordar e eu não tinha mais a minha mãe, mas aí, eu tinha a minha avó e minha mãe de consideração e elas costuravam e essa coisa do bordado, eu fui aprendendo a fazer isso porque mulher tinha que saber fazer essas coisas, né. Eu fazia bainha na roupa que minha avó costurava, aí, pregava botão, fazia caseado.

E essa coisa que a gente fez no trabalho, que você propôs, eu acho muito importante. Eu ia em rodas de bordado de sábado à tarde, via, na internet, alguma coisa, ia muito no Café das Coisinhas, que fica na República de Israel, um espaço muito gostoso, você come um bolo e borda. Então eu já fui em muitas oficinas que tinha um texto, aí, você lê para internalizar

aquilo e, depois, tenta passar para o papel e para o tecido e aí, bordava. Isso, para mim, é um trabalho coletivo, eu gosto de fazer trabalho junto com as pessoas e, assim, eu conheci pessoas incríveis, como a Bel Corazza, de Gramado. Aquele texto é da Marina Colasanti, né? Cada vez que eu pegava o texto aqui em casa, eu via que tinha coisas a acrescentar, nossa, ele tem uma descrição tão bonita da história e traz muita coisa, tem muita coisa que dá para acrescentar. Eu fui lendo, desenhando, vendo os espaços que sobravam no tecido, tem essa casinha, o tapete, as nuvens e fui colocando folhinhas, foi muito gostoso, muito prazeroso.

**L:** E o que você sentiu enquanto escutava a história?

**O:** Enquanto eu acompanhava o texto, eu não coloquei o palácio e foi justamente em cima dessa reflexão porque ela era feliz sozinha, ela tecia e queria tecer, né? Ela gostava, tem até uma frase que fica repetindo durante o texto, né? E aí, depois, essa pessoa bateu na porta e eu entendo, assim, como ela foi explorada, né, porque o marido a colocou para fazer todas essas coisas que ele queria, tipo, para serem vendidas. E ele não queria aquela casa simples, né, queria o palácio, aquela coisa, então eu não coloquei no bordado porque eu vi que a verdadeira felicidade dela estava naquela casa, morando naquela casa simples, fazendo aquilo que ela sabia fazer, né, eu pensei dessa forma.

**L:** E qual parte você mais gostou da história?

**O:** Quando ela começa desmanchar, ela desmistifica tudo aquilo, né? Aquele amado na cabeça dela que não era bem assim e é aquela coisa de ficar puxando o fio pelo sapato e vai subindo pela roupa até a cabeça. Essa é a parte que eu gostei, ela desmistificando tudo aquilo que ela tinha pensado, ela tentou mudar a vida dela que já era feliz, ela era feliz com o que era mais simples.

**L:** E teve alguma parte que te chamou mais atenção enquanto você escutou a história?

**O:** Acho que essa habilidade dela de tecer, dela estar junto ao tear e fazendo aquilo, fazia com muita vontade, tinha muito prazer.

**L:** Eu estou com seu bordado aqui. Está dando para ver?

**O:** Sim, tô vendo.

**L:** Eu queria que você me contasse um pouco do que você bordou?

**O:** Ah, foi essa casinha pequenininha, que era a simplicidade da vida dela, esse sol porque ela gostava de sol e isso traz, para mim, vontade de viver, sabe? Esse dia de hoje não está muito bom para mim, sabe? Eu gosto de levantar cedo, abrir as cortinas e estar sol, traz energia boa, vontade de viver. E eu fiz a chuva também, tem uma parte que ela fala de chuva e eu acho que a chuva vem para lavar tudo aquilo que ela tinha idealizado, né? E as folhinhas foi para

representar o vento, que faz a gente voar para onde a gente quer. E eu fiz o tapete embaixo porque foi a primeira coisa que veio na minha cabeça quando você leu a história.

**L:** E esse Sol? Você fez ele de um jeito diferente.

**O:** É, o sol tem uma significação muito forte na minha vida, nessa coisa da energia, né. Então eu fiz esses raios saindo de dentro do círculo, por isso, estão mais vermelhos e vão irradiando para fora de acordo com a claridade, né. Ele está mais amarelo e, em uns pontos, mais claros. Essa energia do Sol.

**L:** Eu também fiquei curiosa com a chuva, que só está em cima da casa.

**O:** É, então, eu fiz justamente porque ela tava ressignificando a vida dela, é como se tivesse limpando tudo isso, essa coisa que ela idealizou e não a deixou feliz e aí, ela voltou a ser feliz a partir do momento que voltou a tecer seus tapetes coloridos, esse tapete colorido que eu fiz simboliza um pouco a felicidade dela.

**L:** E você já tinha bordado algo parecido com isso?

**O:** Ah, eu já tinha feito algumas coisas quando fiz uma roda sobre o trabalho do Mário Quintana. Eu fui em uma oficina e foi muito gostoso, roda de bordado é muito bom porque as pessoas que fazem parte não tratam como uma competição, entendeu? Não tem isso de um bordado melhor que o outro, não existe nem feio, nem bonito porque é o que está dentro de você e você transfere para o tecido.

**L:** E enquanto você fazia esse bordado, o que você sentiu?

**O:** Eu acho que você tem que ir atrás do futuro, atrás de coisas melhores, mas, muitas vezes, eu acho que o momento que você está é o ideal. Você deve correr atrás das coisas, mas, muitas vezes, você acha que está correndo atrás da felicidade, quando a felicidade está com você.

**L:** Agora, olhando para ele nesse momento, o que você sente?

**O:** Ah, eu sinto assim, como um cumprimento de uma tarefa, de uma etapa, entendeu? Eu completei essa etapa. Eu tava até falando com a P. sobre os bordados, que ela tem essa criatividade bloqueada, ela aprende e ensina, mas não tem esse bordado coletivo como você propôs e eu achei que fez um bem danado para gente. Eu falei pra ela: viu que você consegue? E estamos nos animando para fazer um bordado nós duas em cima de um texto, entendeu? Eu acho que vai ser aquele "O menino e a flor", é uma história que dá pano pra manga. A gente sempre tem criatividade guardada na gente.

**L:** A última pergunta é se você mudaria alguma coisa no seu bordado ou se acrescentaria algo.

**O:** Eu acho que acrescentaria um tear, eu tentei desenhar, mas não ficou muito bom, eu até pesquisei na internet, mas como não era para copiar, eu não fiz, mas assim, o texto é muito

rico, tem muita coisa para colocar, mas acho que eu ficaria com ele do jeito que está. Estou satisfeita. Espero que você esteja satisfeita também

**L:** Ficou incrível O., mas acho que é isso que você falou sobre a estética e beleza não serem o que importa e sim, o fato de vir de dentro.

**O:** Exatamente, é isso mesmo. E ser em grupo foi muito legal porque ao mesmo tempo que você está junto, você tá com você mesmo também, você ouve as pessoas e as pessoas também te escutam.

## Entrevista 03



**L:** Então, P., hoje, vão ser algumas perguntas, mas num estilo de conversa aberta. Primeiro, vou fazer perguntas mais diretas, para confirmar alguns dados. A primeira é sua idade.

**P:** Sessenta anos.

**L:** E o grau de escolaridade?

**P:** Eu estou com curso superior.

**L:** Você está fazendo o superior ou já concluiu?

**P:** Eu terminei a faculdade da terceira idade e equivale a nível superior, mas não tem curso específico, é

Atualidades.

**L:** Ah, entendi. E o estado civil?

**P:** Casada.

**L:** Tem filhos?

**P:** Sim, uma filha.

**L:** Beleza, agora, vamos para perguntas mais subjetivas. O que é ser mulher para você? Tanto aspectos positivos, como negativos.

**P:** Assim, aspectos positivos é você ser mais inteligente que o homem, ser mais dinâmica do que o homem (risada). Mas também tem muita responsabilidade em tudo que você faz, né? Ser mulher é bom, mas você sempre tem um juiz bem carrasco dentro da gente, tipo, você não pode fracassar, tem que ser exemplo e fazer as coisas direitas, né? Eu não sei como seria ser do outro sexo.

**L:** Você imagina que o homem não tenha esse juiz interno?

**P:** Ah, homens também tem uma carga pesada, né, aquilo de que não pode chorar, mas assim, por outro lado, ele entra como provedor, né? Dentro de casa, ele até cuida do filho, mas a carga mais pesada, de acompanhar, ir no médico, a questão do cuidado mesmo é do feminino e fica muito clara essa divisão feminino e masculino.

**L:** Você percebe que desempenha bastante esse papel de cuidado?

**P:** Ah sim, primeiro, você tem que cuidar de você para você estar bem para cuidar do resto, aí, tem a casa, tem os filhos, sempre uma questão de cuidado, sempre com alguma preocupação, deixar a casa legal, ter comida, manter roupa limpa, essas coisas todas, né?

**L:** E tem características sobre ser mulher que você não atribui nem como positivo, nem como negativo?

**P:** Ah, eu acho que falei dos afazeres como negativos, mas tem alguns que eu gosto de fazer, então são neutros. E eu gosto de ter liberdade para fazer coisas que eu gosto. Se eu fosse homem, por exemplo, tem a questão da masculinidade, então eu gosto de bordar, de artes manuais, tem homem que também gosta, mas são vistos com aquela risadinha, né, e aí, você sendo mulher, isso não acontece. E acho que a mulher faz coisas masculinas com mais liberdade que os homens para fazerem coisas femininas.

**L:** E indo para uma questão pessoal, quais foram os momentos da sua vida em que você percebeu maiores transformações?

**P:** Então, eu sou mãe pela segunda vez, uma vez mãe biológica e, agora, mãe não biológica, né? Em relação à questão da mãe biológica, eu tive muitos perrengues, mas foi algo diferente, gerar um filho, sentir a transformação no seu corpo. Aí, eu passei por uma fase muito ruim, de muito aprendizado, meu filho nasceu com paralisia cerebral e foi muito pesado, muito aprendizado. Eu sempre fui uma mulher muito mole, muito medrosa, minha mãe queria que eu tivesse enfermeira em casa e eu nunca quis, eu tive que fazer um monte de coisas que eu jamais me imaginaria fazendo. Ele dependia de mim, ou eu fazia ou tinha uma consequência muito grave, então, assim, foi um crescimento grande e acelerado, né, em pouco tempo, eu amadureci muito. E aí, depois, teve a questão dele falecer, né.

Depois disso, eu falei que não ia ter mais filhos e voltei a cabeça para outras coisas, então foquei total no trabalho e no sindicato com a associação. Quando eu já tava cansada dessa vida, eu comecei a pensar que preciso aposentar, eu tive uma doença ocupacional e fiquei bastante tempo afastada do serviço e eu já tava de saco cheio, queria me aposentar, mas aí, fiquei pensando: se eu aposentar, vou fazer o que da minha vida? Porque tem esse lado, se você não se preparar para uma aposentadoria, você pode entrar numa depressão, um buraco sem fundo. Aí, eu tinha meu marido e a gente já estava pensando, com uma ideia de adoção, eu me preparando para aposentar e ele já tava aposentado há algum tempo. A gente, então, decidiu focar nisso, foi um processo bem demorado, bem lento, que causou algumas frustrações, no decorrer do processo, a gente recebeu duas meninas, eram irmãs, mas infelizmente com uma delas, não deu certo e eu fiquei só com uma e ela já tem dezoito anos hoje. Ela veio pequena, tinha cinco anos, foi um processo de aprendizagem, de reconhecer suas falhas e tentar ser melhor, né? Eu tinha entre quarenta e oito e quarenta e nove anos.

**L:** Então você atribui os momentos de maior transformação associados à maternidade?

**P:** Então, assim, são momentos únicos na mulher, é algo irreal, uma grande mudança de ter a família aumentado, como vão desenrolando as coisas, como todo dia é um aprendizado, uma novidade, todo dia tem uma interrogação.

**L:** E ainda nesse tópico dos momentos, você consegue nomear momentos que tiveram mais impacto na sua vida até agora?

**P:** Ai, foi assim, minha mãe morreu quando eu tinha 24 anos, ela morreu 15 dias antes do meu aniversário e aí, não tem jeito, tem que esperar até passar e ir atrás de outras coisas, né? A vida continua, eu sou filha mais velha, acho que o impacto é maior, mais forte, não sei se é correto dizer porque cada um sente de um jeito, mas para mim, foi muita coisa, teve a situação do meu filho com paralisia cerebral e, num espaço pequeno, minha mãe morreu. E assim, criaram paralisia cerebral no meu filho porque foi erro médico na hora do parto.

Enfim, eu tive doenças ocupacionais também e foi bem difícil de lidar, foi LER/DORT e em uma época que não era algo muito falado na empresa e você fica com aquela marca de quem não gosta de trabalhar. Foi bem difícil, a maioria das minhas amigas estavam com o mesmo problema e minha vida toda eu trabalhei, desde os 16 dezesseis anos, eu trabalho, estudava e cuidava da casa. Aí, veio a aposentadoria, o processo de adoção e, no meio disso, eu tive um câncer, loucura, foi uma coisa bem difícil, eu estava sozinha quando recebi a notícia da médica e passa mil coisas na sua cabeça, eu pensei que tenho muita coisa para fazer para minha filha, mas assim, graças a Deus, eu superei, isso passou e eu fui tocando a vida. E agora, a idade vai chegando e vai aparecendo um monte de problemas de saúde, por mais que você se cuide, faça prevenção, mas, mesmo assim, a gente vai aos trancos e barrancos.

**L:** A próxima pergunta tem a ver com a entrada na maturidade, como foi para você a maturidade?

**P:** Então, eu era a filha mais velha, né, de dois irmãos, então eu era responsável pelas crianças e enquanto minha mãe saía para trabalhar, eu ficava com eles e, para mim, isso já é um processo de amadurecimento e até precoce demais. E minha mãe morreu muito cedo, com quarenta e seis anos, e aí, eu sempre pensei que se eu chegar até os quarenta, eu estava no lucro e aí, quando chegaram meus quarenta, eu pensei: meu deus, eu quero viver mais. Agora, já estou com sessenta, então assim, eu vejo esse amadurecimento de agora como um momento de mais tranquilidade, então se eu tô cansada e não tenho nada para fazer, eu vou dormir, dane-se o mundo lá fora; se eu tô com sono, eu deito e durmo de tarde, algo que eu nunca faria antes porque quando você trabalha, você tem a consciência de que quem dorme de tarde é porque deve estar doente, né? Então se eu dormisse de tarde é porque eu tava doente e, agora, eu cheguei à conclusão que se eu estou cansada é porque meu corpo está querendo dizer alguma

coisa e acho que esse tipo de pensamento vem com a maturidade, né? Amadurecer a ideia de que não é errado fazer o que você está sentindo e respeitar isso, se você tem a possibilidade. Acho que é isso, isso foi uma coisa forte no amadurecimento, antes, as vinte e quatro horas do dia eram poucas para mim, eu queria umas quarenta horas para poder fazer tudo o que estava na minha mente. Hoje, eu durmo de tarde, mas é porque tem dias que quero dormir mais cedo, mas quando eu deito, tem um turbilhão de coisas na cabeça, aí, eu levanto, vou assistir um filme, fazer minhas coisas de artesanato. Eu gosto muito da noite, gosto do silêncio, tá todo mundo dormindo, então tem aquela tranquilidade.

**L:** E considerando essas mudanças que você mencionou, tem mais alguma coisa que você percebe que mudou no seu estilo de vida depois dos cinquenta anos?

**P:** Então, quando eu tinha cinquenta anos, eu tava com uma filha de sete anos (risada) e foi bem difícil porque, assim, quando eu casei, estava com quase vinte e oito anos e eu queria ter uns dois, três filhos, né? Aí, meu marido virou e falou assim: não quero ter filhos. Aí, eu olhei para cara dele e falei que não era porque ele não queria ter filhos que eu não ia ter. Aí, depois de um tempo, ele meio que pensou: seja o que Deus quiser. E eu parei de tomar pílula, aí, passou um tempo e eu engravidei e, na minha cabeça, e pra época também, eu já era considerada uma mãe idosa, eu lembro de até ouvir de um médico que eu tava velha para ter filhos. E assim, eu não queria ser mãe velha porque ficava pensando em acompanhar o crescimento, todas essas coisas, né? No final das contas, uma amiga minha teve um filho com 40 anos e eu vi que era ok e eu acabei sendo mãe idosa também, né? A gente decidiu pela questão da adoção e eu decidi que, depois da aposentadoria, seria um bom momento porque eu teria tempo para acompanhar o crescimento que eu queria, antes, eu trabalhava, militava e fazia mil coisas ao mesmo tempo, então não ia ter tempo nem espaço. E assim, eu não me sentia velha com 50 anos.

**L:** E agora, com os sessenta anos que chegou, você percebeu outras mudanças no estilo de vida? Você comentou sobre descansar mais livremente, tem outras coisas que você percebeu?

**P:** Assim né, depois que eu passei pelo câncer, eu deixei de fazer bastante coisa e eu pensava sempre em deixar as coisas para depois, guardar dinheiro, reservar para fazer uma viagem, fazer um curso só quando tiver mais dinheiro, mas depois do câncer, você repensa toda sua vida porque é um fio, né? E aí, depois disso, eu pensava, eu tenho condições e quero fazer x coisa e passei a pensar mais em mim e nas coisas que eu quero para mim. Normalmente, a gente se preocupa muito com todo mundo, irmão que tem um problema, marido que tem alguma coisa e sempre fica nessa preocupação e você mesma acaba ficando de escanteio, né? E assim, foi muito difícil passar por essa experiência, mas eu não me deixei abalar, tinha medo

de cair numa depressão, mas eu fiquei pensando que eu tinha condições de me tratar e que Deus sabe das coisas, né? E é isso, depois dessa experiência eu estou me permitindo mais coisas, tudo eu deixava para depois e, agora, eu estou mais impulsiva, faço as coisas sem enrolar. Se quero ver algum amigo, eu vou no mesmo dia, ninguém sabe o dia de amanhã.

E acho que tem também a questão do arrependimento porque já estamos chegando numa idade que alguns amigos estão ficando doentes, outros morrendo, teve um amigo que a gente perdeu em dezembro, ele tinha acabado de comprar um terreno, tinha vários planos e, do nada, foi embora e tudo isso faz eu pensar que eu tenho que fazer as coisas que eu tenho vontade. Eu estou me permitindo fazer o que me dá prazer, vamos levando, apesar dos trancos e barrancos.

**L:** Agora, um pouco sobre o bordado, me conta um pouco da sua relação com bordado, o que ele significa para você?

**P:** Assim, desde muito pequena, eu via minha mãe fazendo trabalhos manuais, minha mãe fazia vestido de noiva, bordava os vestidos, ela já trabalhou numa casa de noivas famosas e começou aprendendo com uma vizinha que se dispôs a ensinar e elas trabalharam juntas por um tempo. Minha mãe era aquela mulher baixinha, poderosa, que tinha pouco estudo, mas muita capacidade. Aí, vendo ela fazer essas coisas, eu me interessei por essas questões de artes, artesanato, eu via ela bordando panos também, para enxoval, ela fazia em tecido de sacaria, um monte de ponto cruz. Enfim, ela casou e eu fui a primeira filha, a gente tinha uma vida pobre, ela costurava as minhas roupas, aí, meu irmão veio um ano depois e minha irmã cinco anos depois e ela também costurava roupas para eles.

**L:** Entendi, então sua história com o bordado começou com a sua mãe, né?

**P:** Sim, acho que tem uma coisa que eu faço igual ela, que no Dia das Mães, ela fazia carteira de crochê para dar para as tias, era o presente esperado da família e eu cresci vendo minha mãe fazer essas coisas, hoje, eu faço muito artesanato e dou tudo de presente. Acho que, na época, era uma distração, né? Porque a gente era pobre, não tinha o que fazer e minha mãe queria distração pra gente também, aí, ela dava para mim fazer fuxico e meu irmão desenhava a rodinha e recortava. Eu lembro que quando chovia, a gente não podia ficar no quintal, eu sempre gostei de desenho, mas a gente não tinha dinheiro para comprar lápis e aí, fui aprendendo crochê e tricô com minha mãe, eu demorei, mas aí, depois, peguei gosto, fazia lencinho de bolsa e bordei uma borboleta cor de rosa com ponto cruz e acho que essa foi minha primeira experiência com bordado, mas eu desenvolvi mais o crochê mesmo.

Quando meu filho nasceu, o trabalho manual me ajudou muito porque eu ficava lá no hospital no começo e, depois, tirei uma licença do trabalho e fiquei com ele em casa, então era

algo que distraia a mente porque era muito difícil ficar com uma criança que não reagia às emoções, era muito pesado. Eu fiz muito ponto cruz nessa época, comprei material, revistas que ensinavam, depois, fiz bordado com fita e eu sempre quero ir treinando mais e fazendo mais, me aperfeiçoando. O único problema disso tudo é que eu não consigo vender, sou muito ruim nessa parte de comercializar porque eu me apego muito a todas essas coisas que eu faço, minha casa é uma mini 25 de março, tá tudo aqui empilhado.

**L:** Mas você tem vontade de vender?

**P:** Ah, eu não sei, acho que não conseguiria porque envolve muito trabalho, muita dedicação, eu coloco minha energia nessas peças e não quero que caia na mão de qualquer pessoa. Também tem isso de quando você fala o preço, a pessoa começa a reclamar, falando que fulano faz mais barato e isso me quebra. Então acho que é isso, eu sempre fui boa na execução, na produção, mas não sou vendedora. Eu faço as coisas com tanto carinho, boa vontade, que eu quero que uma pessoa que eu goste receba.

**L:** E sobre o bordado, você consegue nomear o significado que ele tem para você?

**P:** Eu percebo que eu fico muito concentrada fazendo, contando pontos, tentando fazer certo para não desmanchar, eu procuro prestar muita atenção e eu fico bordando ou crochecendo com a TV ligada, eu gosto de assistir suspense porque, aí, eu fico mais atenta e rende mais. Eu percebo que eu fico num transe, sabe? É uma introspecção tão grande, que quando você termina, eu olho e penso: caramba, eu fiz tudo isso. E eu fico sem perceber os estímulos ao redor. Isso, eu sinto que não é só com o bordado, é com o crochê também e eu nunca faço só uma coisa, fico alternando. O bordado é mais recente na minha vida, às vezes, eu não sinto a sensação de transe, não sei porquê, eu faço muitos cursos de bordado, então fico assistindo as aulas, pode ser isso, é tudo gratuito, sabe? Com a pandemia, começaram a ter várias *lives* de bordadeiras e eu sempre acompanho.

E acho que com o bordado, tem aquilo que você viu no dia do exercício da leitura, que eu tenho algumas barreiras, né? Algumas amarras que não consigo liberar, eu estou melhorando, mas ainda é bem difícil trabalhar com a criatividade, com algo que vem de forma espontânea e acho que pra ter criatividade, tem que ter liberdade, você jogar pra fora aquilo e no bordado, para mim, está sendo uma descoberta e um desafio porque eu consigo imaginar, mas executar é outra coisa, acho que eu ainda não me descobri no estilo do bordado, não tenho um estilo meu, sabe? Igual na pintura que você olha e já sabe quem fez.

**L:** Mas achei que foi muito legal o que você conseguiu fazer a partir do conto, sabia? Como foi escutar essa história?

**P:** Você começou a história e eu comecei a viajar na questão dela com o tear, fiquei imaginando o tapete vermelho, mas aí, vieram as decepções e ela começou a sofrer ao longo da história, né? Ela queria tudo e, de repente, ela tinha tudo, mas ao mesmo tempo, ela percebeu que não era nada daquilo e isso foi me derrubando, deprimindo. E comecei a pensar: meu Deus e agora? Como vou fazer a desilusão? E isso ficou na minha cabeça. Aí, eu vi a J. desenhando rápido no tecido e eu não conseguia sair do lugar, isso foi me agonizando porque eu nunca tinha tido uma experiência assim, né? Aquilo que eu falei da criatividade não ser exacerbada, então eu normalmente começo sempre com um modelo e vou mudando algumas coisinhas, mas ainda não cheguei no nível de tirar o que tem fora e colocar no tecido com tanta facilidade.

Eu comecei a bordar mais faz pouco tempo, foi quando a gente resolveu criar o grupo de bordado das aposentadas, que é o Ponto que nos Unem, e acabei virando professora, né? Eu estava de saco cheio de ficar dentro de casa e, antes, minha vida era bem mais agitada e esse grupo foi muito bom para eu voltar a ver minhas amigas e continuar a aprendendo a bordar. Na primeira conversa, a gente pensou em contratar uma professora, mas era muito caro, né? Aí, eu tava fazendo um curso para dar aula de *patchwork* e as meninas sabiam, aí, elas perguntaram se eu não podia conduzir o grupo e eu falei que a gente podia testar e, nossa, foi um mega desafio porque era para ser um grupo de conversa e bordar, mas tinham mulheres que não sabia passar a linha na agulha, então eu fui procurar como ensinar e, aqui, eu usei muito minha criatividade porque eu fui a fundo pesquisar bordado, como ensinar, fui na internet, peguei as revistas daqui de casa, pensando em como ensinar o básico, estudei bastante e acho que, na hora do aperto, a criatividade funciona melhor (risada). Acho que eu fui desenvolvendo isso e essa minha busca por aprender, né? Sempre coisas novas e eu quero passar pra frente, que outras pessoas aprendam também. Eu fiz curso de tudo e acho que é por causa dessa vontade de sempre querer aprender, fazer coisas diferentes e não ficar entediada.

**L:** E agora, voltando a falar um pouco da história, né. Qual parte do conto te chamou mais atenção?

**P:** Acho que foram dois momentos. O primeiro é o fato dela tecer tudo o que imaginava e o segundo foi a desconstrução dela, dela desmanchar tudo o que fez para voltar a ser feliz, ela descobriu que ela não estava feliz com aquilo, então acho que foram esses dois momentos de impacto. Primeiro, a emoção de descobrir o que ela consegue fazer com o tear e aí, de repente, a desilusão tão grande que ela tem que desconstruir o mundo inteiro que ela construiu. Foi impactante para mim.

**L:** E ainda sobre o conto, qual parte você mais gostou?

**P:** Conforme você foi lendo, eu fui lembrando de uma história que eu já conhecia, que é essa construção em busca da felicidade e depois, descobrindo que era mais feliz sem nada, né? Eu fiquei com esse paralelo na cabeça, mas a parte que eu gostei muito foi quando ela construía as coisas, então ela tava com fome e fazia o peixe, tá com sede fazia a água, então é isso, o que eu mais gostei foi esse momento de encanto no começo da história, que parece até meio infantil, mas faz você viajar, te permite viajar na história.

**L:** Conforme você foi ouvindo a história, você relacionou alguma parte com algum acontecimento da sua vida?

**P:** Na leitura não, mas agora que você perguntou, eu acho que volta um pouco nessa questão de querer construir as coisas, sabe? De executar e querer ver uma coisa palpável e não ficar só no imaginário.

**L:** Entendi. Agora vou pegar o seu bordado. Tá dando para ver?

**P:** Sim. Coloca mais perto, acho.

**L:** E me conta um pouco, o que você bordou?

**P:** Ah, eu bordei tudo, as palavras, a casa, o castelo, a árvore. Essa árvore foi resultado de um curso que eu fiz, eu ganhei esse fio que eu fiz a árvore de uma pessoa que faz tingimento natural. Eu gostei muito de ter conseguido fazer uma reprodução pequena da árvore do curso.

**L:** E como foi o processo de escolher o que você iria bordar?

**P:** Ah, como eu falei, eu estava me sentindo devagar, né? Um pouco sem ideias, aí, lembrei das cirandas de rodas do grupo Matizes, elas fazem com várias mulheres e aí, comecei a pensar no círculo que eu desenhei no tecido e na ciranda junto, aí, eu sabia que queria fazer a casinha simples que ela morava, igual a J. fez, acho que influenciou um pouco. Eu escolhi fazer o castelo também porque ele desmorona, aí, fiz a nuvem chovendo e fiz um colorido no pé do castelo, umas flores. Eu coloquei no telhado uma linha mais brilhante para mostrar que o castelo era poderoso e não, uma casinha qualquer. Acho que foi isso, a questão da roda, do círculo, a vida simples e a ostentação que ruiu.

**L:** Me conta mais dessa chuva que você fez no castelo.

**P:** Era para ser uma tempestade na verdade, com trovoadas e raios, mas acabei fazendo essa chuvinha para não pesar muito.

**L:** Você tinha comentado que era para representar a decepção, né?

**P:** Sim, sim. Eu fiquei martelando com essa palavra na cabeça porque alegria, você faz um sol brilhante, agora, algo assim, mais triste, acho que a chuva podem ser lágrimas, não sei, tristeza dessa decepção, de não ser o que ela imaginava.

**L:** Entendi. E me conta sobre essa frase, como foi pensar nela?

**P:** Eu comecei a pensar no desejo dela de querer ter as coisas, né? Aí, foi onde eu comecei a pensar: o que é o querer? Porque assim, nem tudo que a gente quer, a gente se acha merecedor ou acha que vai atingir, né? Às vezes, uma coisa que você quer, você não vai ter, não é determinado para você ter ou ser, aí, acho que tem a ver com a segunda parte de que nem tudo que quero me convém porque tem um querer, mas também tem um ser supremo que já tem outras linhas escritas para a sua vida, né? E assim, às vezes, a gente deseja alguma coisa tão forte, que não traz coisas boas para gente, são outras coisas que chegam para a gente. Eu comecei a bordar e nem pensei se a frase estava com concordância - ai, meu Deus -, mas aí, eu não ia apagar, deixei do jeito que fiz porque foi o primeiro sentimento. Engraçado porque eu sou muito crítica, tem coisa que doem os ouvidos.

**L:** E o que você escreveu em seguida, sobre ter que definir bem os seus desejos?

**P:** Ah, definir seria assim, fazer tipo uma autocrítica, pensando assim: será que é isso mesmo? Para depois, desejar com afinco e falar: é isso mesmo que eu quero. Não sei se a palavra definir seria o mais adequado, mas foi o que saiu, foi no sentido de pensar duas vezes antes, fazer um balanço antes de falar, é isso, antes de achar aquilo que eu quero, eu tenho que ponderar.

**L:** E aí, você se questiona, né? Será uma casinha? Ou um castelo?

**P:** Sim porque você pode estar feliz dentro de um teto minúsculo, você pode ser pobre, morar num lugar pequeno e, mesmo assim, ser feliz. É aquilo, né? E tem gente que tem todo um aparato ao redor, pode comprar tudo, mas não tem felicidade, não sei se felicidade, mas assim, não tem contentamento com a vida. O povo fala que é a pobre menina rica, não tem afeto, só tem riqueza material. Foi assim, pensando na desilusão dela, de estar feliz com tão pouco e depois que ela conseguiu realizar tudo que ela achou que queria, percebeu que não tinha o mesmo nível de felicidade do que antes.

**L:** E vendo agora, a casinha e o castelo que você bordou, qual você escolheria?

**P:** Eu escolheria a casinha porque eu amei a árvore, apesar de, no castelo, eu ter colocado umas flores, mas assim, eu não coloquei nem um coqueirinho no castelo, então acho que eu seria mais feliz, assim, num piso térreo.

**L:** E na frase, você colocou o cuidado de outra cor.

**P:** Sim porque eu pensei: não vou colocar o vermelho porque chama muita atenção, mas amarelo é sinal de alerta, né? Laranja é ficar atento, então eu quis destacar isso e achei que tudo preto ia ficar muito pesado. Eu tinha pensado em fazer cada palavra de uma cor, mas achei que ia ficar feio, então eu pensei: vou fazer como se eu tivesse fazendo uma anotação. E aí, quando eu vi a palavra cuidado, eu pensei no sinal amarelo do semáforo, que é atenção. E é isso, tomar cuidado com esses desejos que, às vezes, você fica igual ela, desiludida.

**L:** Você já bordou algo parecido com isso que você fez?

**P:** Não. Eu já pintei casinha, assim, eu fiz pintura em tela um tempo e eu reproduzia fotos, nunca fiz nenhuma obra prima, mas um dos lugares que eu visitei no Piauí, eu fotografei, pintei e uma pessoa se identificou com esse lugar, aí, expliquei para ela onde eu vi esse lugar que pintei, que era terra de chão batido, casinha simples igual essa que eu bordei. E eu já bordei uma casinha quando fiz um coração em um curso.

**L:** Entendi. E você mudaria alguma coisa no seu bordado? Ou acrescentaria alguma coisa?

**P:** Eu não sei porque, assim, foi aquele momento de interpretar, espremer minha criatividade para sair disso. Eu não sei, talvez, com mais tempo ou com mais reflexão, talvez, sairia algo diferente.

**L:** Mas nesse, você não pensa em colocar nada a mais ou mudar alguma coisa que já foi feita?

**P:** Eu faria uma nuvem mais pesada, com cores que indicam que é uma tempestade mesmo e não, uma chuvinha de verão. Acho que para acentuar a questão da tempestade.

**L:** Ah, ok. E enquanto você bordava, o que você sentiu?

**P:** Ah, eu me senti aliviada porque eu ficava pensando: nossa, tá saindo, saiu. Eu consegui fazer alguma coisa em cima da proposta da Lua, algo que eu nunca tinha feito, né? Então na medida que eu fui bordando, eu fui vendo o valor disso, foi dando satisfação e contentamento por ter feito. E assim, eu fiquei muito feliz de ter conseguido desenvolver esse tipo de coisa e fiquei feliz também de ter conseguido fazer a árvore que eu aprendi recentemente e nem tinha treinado ainda. Acredito que, nesse bordado, tenha um pouco de superação.

**L:** Que bom que você sentiu isso, P.

**P:** Sim. E as meninas, agora, tão falando de fazer um projeto com o grupo de bordado relacionado com a Tarsila do Amaral, não sei direito se vai acontecer, talvez, eu sugira começar com algo mais simples, por exemplo, Cecília Meireles.

**L:** Legal. E você ficou animada com essa ideia delas?

**P:** Sim, fiquei, mas acho que precisa da orientação certa para sair algo legal, por exemplo, se no grupo, tiver gente que não sabe bordar nada, não vai dar certo. Acho que tem que divulgar, falando que tem que saber bordar para participar.

**L:** Entendi. E agora, a última pergunta. Olhando para o bordado agora, o que você sente?

**P:** Eu sinto orgulho de ter realizado, de ter bordado essas letras, de ter conseguido deslanchar enquanto bordava. Eu fiquei orgulhosa, acho que é esse sentimento.